

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA-TELEX. 1363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Nota do dia

INFLAÇÃO E OPTIMISMO

Um telegrama de Madrid distribuído por uma agência inglesa deixa supor que se acastelam algumas nuvens sobre a economia espanhola. Segundo esse telegrama, que se louva na opinião de peritos insuspeitos, a economia do país vizinho «apresenta os clássicos sintomas de inflação acompanhados pela estagnação da indústria pesada, um grande saldo negativo no comércio externo, diminuição dos investimentos particulares e um problema severo na balança de pagamentos». Se as coisas se passam como as pinta o correspondente inglês, o quadro não é, na verdade, animador. Não é essa, porém, a versão oficial dos factos, cujo optimismo se traduz num discurso recente do ministro do Comércio, sr. García

Moncó. Claro que a opinião pública de alguns países está sempre de sobreaviso contra declarações mais ou menos optimistas de entidades oficiais que contrariam muitas vezes a dolorosa realidade. Seja como for, os números não se podem iludir e o ministro espanhol do Comércio, «mau grado às dificuldades e as preocupações da hora presente», citou algumas cifras que justificam plenamente o seu optimismo. Basta dizer que, em dez anos, as exportações espanholas triplicaram. No sector industrial, o aumento foi de quatrocentos por cento, o que de certo modo desmente a suposta estagnação da indústria pesada. É certo que o ministro se mostrou ainda preocupado com o «défice» da balança comercial, «centro nevralgico das dificuldades», mas apressou-se a informar que, mesmo nesse capítulo, as coisas têm melhorado sensivelmente e citou números que abonam a sua afirmação. Quanto às flutuações da balança de pagamentos, outro problema grave da economia espanhola, como de todas as economias que não gozam de boa saúde, garantiu que, se as coisas correrem como até aqui, em princípios de Outubro se encontrará equilibrada. «Não há, portanto, motivo para pessimismo — concluiu. O Mundo abriu-nos as portas. Acredita em nós e não podemos defraudá-lo». Esta é a voz da Espanha que suportou orgulhosamente um longo período de isolamento económico e político e que hoje desfruta de uma invejável situação económica, sejam quais forem as dificuldades momentâneas em que se debate, e de uma posição de incontestável prestígio internacional, sejam quais forem as reservas que em alguns países se opõem às instituições por que se rege.

O eng.º Cunha Leal
que faz hoje
79 anos
concluiu o 3.º volume
das suas memórias



O sr. eng.º Cunha Leal ao completar 79 anos

No ambiente de carinhosa simpatia que caracteriza a sua vida familiar, rodeado da enternecedora ternura dos entes mais queridos, festeja hoje o seu 79.º aniversário

(Continua na página seguinte)

O Egipto decidiu manter o Canal de Suez encerrado

(Ler na página 19)



Um grupo de estudantes universitários estrangeiros, instalado num campo de trabalho em Monserrate, dedica todas as manhãs à tarefa de remover o que resta das árvores queimadas, há pouco mais de um ano, na serra de Sintra

(Ler na página central)

COMENTÁRIO
INTERNACIONAL
de CARLOS FERRÃO

DEMORA JUSTIFICADA

O chanceler Kiesinger, ao contrário dos seus antecessores, visitou Washington nove meses depois de formar o Governo de coligação de cristãos-democratas e socialistas. O dr. Adenauer atravessava, com frequência, o Atlântico e o dr. Erhard mostrou-se sempre pressuroso no cumprimento desse ritual. Era o tempo dos laços especiais que o primeiro estabeleceu e o último desfez, sob a pressão dos acontecimentos. A demora em o fazer custou-lhe o cargo que ocupava e uma carreira política coroada de êxitos. A visita do actual chanceler estava prevista para os primeiros dias de Julho, altura em que a crise do Médio Oriente fazia recear uma conflagração geral. Nas suas diatribes Nasser identificou os Estados Unidos e a Alemanha, acusando os dois países de auxiliarem os israelitas na luta. A acusação não tinha fundamento, mas os alemães, na sua esmagadora maioria, apoiaram a causa de Israel. No seio do Governo e nos meios parlamentares de Bonn estava inconcluso o debate sobre a redução dos efectivos da Bundeswehr.

Os americanos, que tinham reduzido os seus próprios efectivos na Europa de quarenta e cinco mil homens para ocorrer às exigências da guerra do Vietnã, indignaram-se com a notícia de que os alemães fariam o mesmo, reduzindo de sessenta mil homens o seu Exército. Na estratégia das represálias graduadas, o Exército alemão tem o principal papel e assim se compreende a inquietação que se espalhou na capital americana. Finalmente, apesar da resistência do ministro alemão da Defesa, dr. Schroeder, foi a redução fixada em quinze mil homens, e mais cem mil do pessoal civil do seu ministério. Os americanos, apesar disso, reagiram enérgicamente e o chanceler não pôde adiar a visita. Esta realizou-se no signo de uma dupla incompreensão. Não podiam ser piores os seus auspícios. Um texano e um suábio dificilmente se entendem. Mas o presidente Johnson não está em condições de aumentar o rol das suas preocupações e o chanceler é obrigado a fazer boa cara a ruim tempo.

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Um ciclista do Benfica e outro do Sporting seguiam isolados em Estremoz

(Do nosso enviado especial

FERNANDO SOROMENHO)

CASTELO DE VIDE, 22 — Para a mais longa tirada desta «Volta» (218 quilómetros), os corredores abalaram de Beja às 10 e 12, e

pouca gente acudiu a despedir-se deles. O calor, era inevitável, começava já a apertar.

As cerimónias habituais do envolver das camisolas amarela, verde e azul foram convidadas a colaborar, respectivamente, o eng.º Sá e Sousa, representante do governador civil de Lisboa; Covas de Lima, delegado da D. G. D., e dr. Viana Barreto, médico da D. G. D., que acompanhou esta tirada como observador, com vista a alterações futuras na regulamentação da «Vol-

32 PÁGINAS



JUVENIL
QUATRO PAGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR
DESTA EDIÇÃO

GUIA TURÍSTICO
VIDA CIENTÍFICA

VISADO PELA CENSURA

(Continua na última página)

• • • TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP • • •

De ontem para hoje

A FEIRA DO ARTESANATO

A iniciativa da Junta de Turismo da Costa do Sol com a Feira do Artesanato Português, este ano em quarta edição, tem obtido assinalado êxito e são muitos os milhares de pessoas que lá têm ido e valiosas as aquisições. Entre os visitantes e maiores apreciadores e até dos compradores mais entusiastas, contam-se os turistas estrangeiros que ora inçam a nossa primeira estância turística, enchendo por completo hotéis e pensões. Ontem a Feira do Artesanato Português, com seu enorme galo de Barcelos, a crista muito vermelha, a plumagem toda muito garrida, á entrada, foi á noite visitada pelo sr. Presidente da Republica, que era acompanhado de sua esposa e filha, D. Natália Thomaz. Foi recebido por várias personalidades e funcionários superiores ligados ao turismo e pelo presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, sr. J. M. de Serra e Moura. O sr. Presidente da Republica percorreu todo o recinto, manifestando o maior interesse por muitos dos artigos expostos em que transparece a originalidade da arte popular portuguesa. Ao sr. Presidente da Republica e familiares foram oferecidas várias prendas por muitos dos expositores.

OS QUE FOGEM

Na estrada de Alcoentre-Aveiras de Cima, ao começo da noite, um carro deixou por terra o sr. António Marques, de 55 anos, casado, trabalhador

rural, natural de Alcoentre. Caminhava na bermã da estrada quando o carro o apanhou. Era ao começo da noite, mas o automobilista julgou que poderia penetrar na escuridade para sempre e seguiu o seu caminho. No local ficou estendido o pobre homem que, com fractura do braço direito e lesões internas veio para Santa Maria, ali ficando internado; e junto dele a muleta do fecho da porta direita do carro. A Polícia procurou e tornou a procurar o carro, encontrando-o depois no Cartaxo na altura do acidente era guiado pelo sr. Luís Filipe Oliveira Matos Coelho, de 20 anos, que fora passar o dia com uns amigos á Nazaré. Foi entregue ao tribunal do Cartaxo.

PALACIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu, ontem, os srs. dr. José Delfim Borges de Pinho, prof. dr. Pinto Barbosa, acompanhado do rev. padre Alberto Neto Simões Dias, e dr. Soares da Fonseca, almirante Filipe Castella e comandante Raul Sampaio Vieira, do conselho de administração da Companhia Colonial de Navegação, e dr. Luís de Lacerda, da administração dos Estaleiros Navaes de Viana do Castelo.

NO CENTRO DE SINTRA

Foi de madrugada que a encantada e adormecida Sintra foi sobressaltada com três tiros, no largo do centro da vila. Partiram as detonações de junto do chafariz em frente dos Bombeiros. As poucas pessoas que por ali vagueavam, correram para lá. E estava morto, com dois tiros no peito e um na cabeça, o sr. José Augusto Neto, de 60 anos, 1.º sargento da Guarda Fiscal, aposentado, natural do Sabugal e morador em Almada. Na mão esquerda tinha a pistola. Foi chamado o subdelegado de Saúde que apenas verificou o óbito e o corpo recolheu á casa mortuária do cemitério de S. Marçal.

A MOTORIZADA E O CAMIÃO

No lugar da Beirada, Salir, um camião e uma motorizada chocaram violentamente. A motorizada era conduzida pelo sr. Artur dos Santos, de 28 anos, pedreiro, ali morador, e o camião que ia na sua mão era conduzido pelo sr. Joaquim Maria Lobo, seguia com um carregamento de tomates para Silves.

A FURGONETA CONTRA A MOTORIZADA

No lugar das Arcas, freguesia de Geraz, concelho da Póvoa de Lanhoso, ia o sr. Luís da Silva Fernandes, o «Luísinho Conde», de 58 anos, como era mais conhecido em toda a região, na sua motorizada. Foi chocar com uma furgoneta, guiada pela sr.ª D. Maria Emília Gomes Moreira, de 35 anos, e foi depois morrer ao hospital daquela vila.

Explosão de uma bomba num hotel de Hong-Kong

HONG-KONG, 22 — (R.) — Uma bomba abalou hoje o luxuoso hotel Hilton, de Hong-Kong, quando se aproxima do seu termo o prazo concedido pelo ultimato da China para que a Grã-Bretanha liberte jornalistas comunistas que se encontram presos.

Cinco funcionários de jornais de Hong-Kong foram ontem julgados por acusações diversas, incluindo sedição. O julgamento continua hoje, e não há qualquer indício de que a Grã-Bretanha tenha aceiteado ou sequer tomado em consideração a ameaça oficial da China.

Na segunda-feira, a China estabeleceu o prazo de 40 horas para que o Governo de Hong-Kong levantasse uma ordem de suspensão relativa á três jornais pró-Pequim, libertasse todos os jornalistas comunistas, retirasse as acções ilegais iniciadas contra outros jornais comunistas e permitisse que as publicações pró-Pequim continuassem a sair normal e regularmente.

(Continuação da página anterior)

natalício o sr. eng.º Cunha Leal. Sem desejarem perturbar esse ambiente tão grato ao seu coração sensível, não quiseram, todavia, os seus amigos mais dedicados deixar de lhe fazer chegar também nesta data o testemunho da sua sincera estima e da sua profunda admiração, numa manifestação singela, mas bem significativa.

Nos cumprimentos que lhe levaram, pessoalmente ou por telegrama, quiseram homenagear o homem que constitui, efectivamente, o exemplo raro de uma longa existência dedicada aos problemas do País, quer como participante activo em valiosas tentativas de soluções indispensáveis, quer como espectador consciente, mas tantas vezes impotente, de decisivos eventos.

Começando pelo labor profissional, em que logo confirmou, como engenheiro dos caminhos de ferro no Ultramar, as qualidades que,

com brilho excepcional, revelara em estudante, quis o destino que muito cedo se ampliassem os horizontes do seu interesse pelos grandes problemas nacionais. Chamado á politica numa época particularmente difícil, assinalada por numerosos e frequentes acontecimentos, desenvolveu o sr. eng.º Cunha Leal uma acção marcada pelo vigor do esforço com que procurava encontrar as soluções mais adequadas ás circunstâncias.

Nem sempre as suas intenções foram interpretadas no seu verdadeiro alcance, nem os pesados sacrificios que lhe têm custado as posições firmes que tem tomado mereceram geral compreensão, mas quem serenamente se debruça sobre as páginas da história do regime republicano em Portugal lá encontrará, com frequência, a presença indelevel dessa acção, quer na Metrópole, quer nos territórios de além-mar, quer, até, em terras estranhas, revolidas pelo fragor da metralha, quando vestindo a farda e incorporado no C. E. P., sentia que defendia, igualmente, o futuro da sua Pátria, numa luta que não mais deixaria de travar.

No Parlamento, no Governo, na vida privada ou em qualquer situação que se lhe haja deparado, até em circunstâncias episódicas, como foram as que o levaram á reitoria da Universidade de Coimbra, onde o seu nome ficou sempre recordado pelo bom senso e pela inteligência da sua actuação, o sr. eng.º Cunha Leal tem sido o mesmo batalhador infatigável, capaz das mais apaixonadas e arrebatadoras atitudes em defesa do que, corajosamente, tem apontado como o caminho do interesse nacional e o mesmo homem de espírito lucido que sabe analisar os problemas e desassombradamente os apresenta. Violento nos seus ataques, nunca deixou de revelar a mais impressionante generosidade pelos seus próprios adversários, numa galhardia invulgar. E bem conhecida a sua acção por ocasião do tenebroso movimento do 19 de Outubro, em que teve a vida por um fio.

Este homem notável, a quem os parentes hoje rodeiam de carinhos numa sábia festa familiar e os amigos saudam, numa homenagem sem exteriorizações formais, que se mantém com impressionante vigor, ao completar 79 anos de idade. Autor de uma obra vasta, que fica á documentar algumas fases cruciais da nossa história contemporânea, entregou-se, nos ultimos anos, á tarefa meritória de escrever as memórias. Além do interesse que sempre empresta a tudo quanto escreve, na sua prosa inconfundível, tem esta obra um altíssimo valor pela visão objectiva que nos proporciona dos acontecimentos em que o sr. eng.º Cunha Leal participou directamente ou de que foi o observador arguto que melhor nos pode ajudar a compreendê-los. Estão publicados dois volumes de «As Minhas Memórias», o último dos quais abrange o período que vai de 1 de Janeiro de 1917 a 28 de Maio de 1926. Aos amigos que o foram agora cumprimentar pela passagem do seu aniversário deu o sr. eng.º Cunha Leal a grata notícia de ter concluído o terceiro volume, que abrange alguns anos mais da sua existência. Factos que presenciou, personalidades com quem contactou ou que viu passar pela cena política, atitudes que tomou e que muitos não compreenderam mesmo na altura própria, vão surgir agora, neste novo volume, relatadas com a mesma clareza e com a mesma franqueza que constituem características essenciais deste precioso depoimento que difficilmente poderia ser feito por outra pessoa que não fosse o sr. eng.º Cunha Leal. A obra, cujo aparecimento assim espera trazer, de novo e proximamente, á publico, como as outras que puderam ser lidas com incontestável avidez e verdadeiro proveito por todos que se interessam pelo estudo da nossa época — amigos ou adversários — constitui, sem dúvida, um acontecimento que nos apraz registar no dia do seu aniversário.

O «Manuel da Fruta»

(desde logo indigitado criminoso)

confessou-se autor da morte do septuagenário de Olival Basto

Nove dias após o aparecimento, em Olival Basto, do cadáver do septuagenário José Cardoso, assassinado á paulada, como largamente nos referimos, a Polícia Judiciária dá por concluídas, nos seus aspectos essenciais, as averiguações que imediatamente iniciou para o esclarecimento das causas e das circunstâncias em que o crime foi praticado.

Como, então, se disse, foi ao local uma brigada daquela corporação e os peritos do Instituto de Medicina Legal, que ali procederam á cuidadoso exame e também do cadáver, para a eventual recolha de elementos que permitissem orientar a investigação. Da conjugação dos mesmos com os que foram fornecidos por aqueles peritos, pôde concluir-se que o corpo do septuagenário apresentava, além de fracturas do antebraço esquerdo e do maxilar inferior, lesões traumáticas do encéfalo que determinaram a morte, denunciando hipótese homicida.

Outros elementos entretanto recolhidos e que, de algum modo, o comprometiam, fundamentaram a captura de Manuel Nunes Mendes, conhecido por «Manuel da Fruta», vendedor ambulante, casado, de 42 anos, natural de Alvalázere — São Pedro Rego da Marta.

O desenvolvimento da investigação, sem abandonar outras possíveis hipóteses, veio permitir a recolha de uma série de indícios, os quais, á pouco e pouco, fizeram avolumar as suspeitas que inicialmente recaíam sobre aquele. Além de outras, averiguaram os investigadores que, já anteriormente á sua captura, o arguido se ocultara aos investigadores quando procurado em sua casa.

Além disso, a omissão, por parte daquele, de factos posteriormente

averiguados e as contradições que á investigação ia pondo á descoberto levaram-no, em face de elementos de vária ordem que foi possível recolher, á confissão pormenorizada do crime.

A versão do arguido

Sabe-se, assim, que na madrugada de 12 do corrente o Mendes se dirigiu, como habitualmente, para o mercado de Olival Basto. Quando procedia ao transporte do vasilhame da fruta para o local onde, mais tarde, seria carregado em camioneta, destinado aos mercados de Lisboa, notou um ruído anormal junto dos caixotes e cabazes com fruta.

Ao proceder á contagem dos últimos, como desse pela falta de quatro, foi á parte detrás da barraca junto da qual costumava guardar aqueles utensílios, depois do que verificou que, á poucos metros do local — onde, mais tarde, veio a aparecer o cadáver — seguia um desconhecido que levava os quatro cabazes.

O «Manuel da Fruta», que, desde há muito, verificava constantes desvios do seu vasilhame, resolveu perseguir o desconhecido, ao mesmo tempo que lhe pedia para abandonar o que furtara. Ao aproximar-se do homem, lançou-se sobre ele, derrubando-o, enquanto — segundo afirma era por aquele ameaçado com uma navalha, que, todavia, não chegou á ver. Após breve troca de palavrões mais exaltadas, o arguido, que, entretanto, se apoiara do próprio pau que á vítima utilizava no transporte dos cabazes subtraídos, vibrou-lhe com esse instrumento os golpes que lhe causariam a morte.

O respectivo processo está á ser ultimado e, em breve, será remetido á juízo.

Deve ter fugido para Lisboa o cadastrado que feriu a tiro um guarda da P.S.P. em Mafra

MAFRA, 22 — O cadastrado que ontem alvejou a tiro um guarda da P.S.P. nos calabouços desta vila, conseguindo escapar-se seguidamente para a Tapada Nacional, continua a ser procurado em toda a região por patrulhas da G.N.R. e da P.S.P., de colaboração com um biquete da Escola Prática de Infancia.

As autoridades de Mafra recolheram, durante todo o dia de ontem, várias informações de populares

AUTORIDADES

administrativas

Foram reconduzidos nos cargos de presidentes dos Municípios de Montemor-o-Novo, Castanheira de Pera e Vimioso, respectivamente, os srs. António Lopes de Andrade Junior, José Francisco Dinis e dr. Sidónio Augusto Fernandes.

que teriam lobbado, de longe ou de perto, o criminoso Mário Francisco. Recordadas essas informações, pôde reconstituir-se o trajecto inicial da fuga, feita em direcção á foz do rio Lisandro, com passagem episódica pela povoação de Igreja Nova.

Avolumam-se as suspeitas de que o «fora da lei» contaria, na emergência, com o auxílio de quaisquer cúmplices. Um dos testemunhos localiza-o em plena estrada de Sintra, falando com um automobilista. Mas á circunstância de o Mário Francisco estar armado fez com que, pelo menos até agora, vários populares se limitassem á observá-lo á considerável distância.

O destino do cadastrado parece ser, em ultima análise, á própria capital, onde poderá refugiar-se em lugar de confiança.

Entretanto, o guarda Francisco Inácio Carlos, operado de urgência, no Hospital de S. José, continua em estado melindroso, receando-se que possa vir a ficar inutilizado.

XI FESTIVAL INTERNACIONAL DE SINTRA

HOJE, ÁS 21.30 HORAS

PALACIO NACIONAL DE QUELUZ

EXTRAORDINÁRIO

CONCERTO DE MÚSICA DE CÂMARA

com obras de Coperario, Dowland, Handel e Purcell

THE ANGLIAN CHAMBER SOLOISTS (LONDON)

Amanhã, no Teatro «Carlos Manuel», Concerto Sinfónico de Música Portuguesa e Brasileira com a Orquestra Sinfónica da E. N. dirigida por MANUEL IV. CRUZ, tendo como solista, ao piano, DINORAH LEITAO. Serão executadas obras de Guarnieri, Ivo Cruz e Joly Braga Santos.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

Ora, digam-me...

— Já alguma vez comeu caracóis?



● O jovem Paulo José Calvão Mesquita de Almeida, tipógrafo, disse-nos que sim com ar satisfeito. «Sou apreciador». E explicou como e porquê.

— O caracol é muito saboroso. Se tiver todos os temperos, claro, porque sem eles não me agrada. Há diversos tamanhos — mas prefiro a caracola (a caracol grande). Como sempre mais de um prato. Onde? Num «snack-bar» da Rua da Conceição. Ou em Caxias, no Clube Recreativo do Lagoal. E não percebo como há gente que acha nojento o caracol. Cobra, sim, era capaz de me enjorar. Agora este bichinho inofensivo...



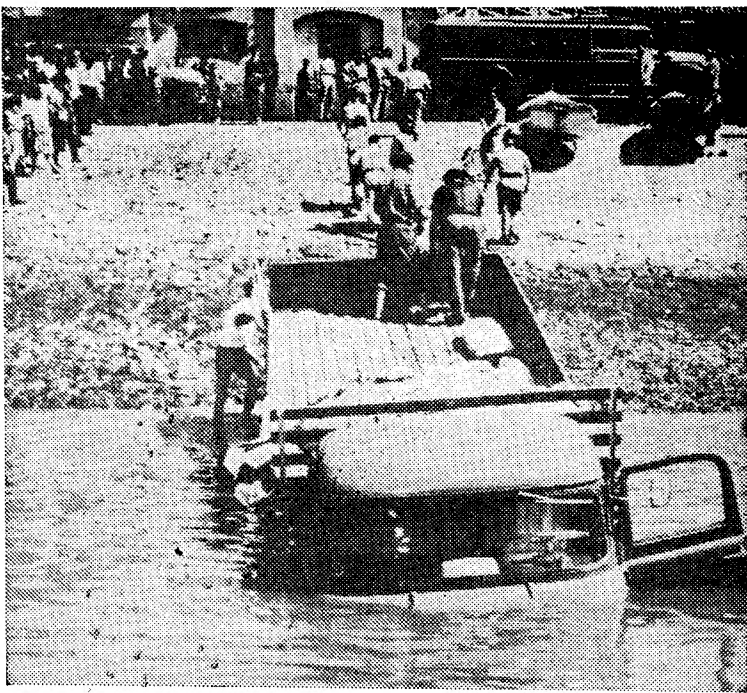
● Duas respostas afirmativas passaram uma terceira, esta do sr. Jaime Baptista Coelho, vendedor de jornais:

— Se alguma vez comi caracóis? Olha a pergunta! Ainda ontem, meu amigo, ali na Travessa dos Inglesinhos. Ao sábado e ao domingo estou sempre lá calhado. Como normalmente dois pratos, de 1\$50 cada, com umas cervejas a acompanhar.

Um amigo diz ao lado: — Sabe qual é o prato preferido do Coelho?

Vamos responder que são os caracóis, mas o amigo sabe melhor: — É... coelho!

Um camião de peixe atropelou mortalmente uma mulher e deixou a mão com vários ferimentos



A posição em que ficou a camioneta

ILHAVO, 22 — Um camião de peixe da casa Carlos Manuel Conceição Serafim, de Matosinhos, por motivos que as autoridades procuram esclarecer, embateu numa carroça, na qual seguiam Maria de Lurdes Estrela Pereira, solteira, de 24 anos, e sua mãe, Albertina Domingues Estrela, casada, de 50 anos, as quais caíram no solo a sangrar.

Conduzidas ao hospital desta vila, a primeira não resistiu aos ferimentos e faleceu momentos depois, sendo o seu cadáver removido para a casa mortuária; a segunda, depois de tratada, foi para casa. São ambas naturais de Cabeço de Mira.

● Uma dona de casa, a sr. D. Adelaide Sofia da Costa Silvestre, revelou também (contra toda a expectativa) um apetite certo por caracóis. Há muitos anos que os come. Contou mais:



— Não os sei arranjar, confesso, mas compro muitas vezes para levar para casa, já cozinhados. Toda a gente gosta: a minha mãe, o meu marido, os meus filhos. Sirvo-os como aperitivo. O pior é que somos todos muito gulosos... e o caracol já não está nenhuma barateza.

A REUNIÃO DO ROTARY

A reunião habitual do Rotary Club de Lisboa — dedicada hoje ao companheirismo — presidiu o sr. dr. Carlos Elias da Costa.

Assistiram dezenas de rotários, entre os quais se notavam muitos estrangeiros.

Aberta a sessão, o presidente saudou a bandeira nacional, acto que foi acompanhado pela assistência de pé e com calorosa salva de palmas.

O director do protocolo, sr. Alberto Nunes de Carvalho, procedeu à apresentação dos convidados e rotários visitantes, tendo para todos palavras de muita simpatia.

O secretário adjunto, dr. António Nunes de Oliveira, deu conta do expediente e referiu-se à presença de sócios noutros clubes.

Seguidamente o presidente disse que a reunião era dedicada a companheirismo e salientou a importância do seu desenvolvimento como elemento capaz de proporcionar oportunidades de servir.

Afirmou ser um sector fundamental de Rotary, pois as actividades, de serviço, Acção Interna, Acção Profissional, Acção Pública e Acção Internacional somente poderão ser plenamente percorridas quando houver sólido e completo companheirismo entre todos, e lembrou que começando nas reuniões, continua no trabalho em comum onde se manifesta, afinal, o melhor tipo de Companheirismo.

A reunião prosseguiu depois em animado ambiente, demonstrativo do grande interesse destas sessões.

Novo produto para deixar de fumar

As drageias «Fumano» eliminam eficazmente a necessidade de fumar e são inofensivas. Preço de propaganda: 375\$00. Pedir o produto à cobrança ou folhetos elucidativos grátis aos únicos distribuidores: Z e m i g Departamento Distribuidor — Rua de S. Dinis, 594 — Porto.

A CIDADE

RESENHA DE FACTOS QUOTIDIANOS

A «Maria Rapaz»

não tinha dinheiro mas queria dormir num quarto particular...

Inesperadamente, veio a publico nova aventura da famosa «Maria Rapaz», que há uns trinta e tal anos se tornou célebre. Primeiro porque, para arranjar emprego, adoptara o traje masculino, fazendo-se passar por homem. Depois, porque enveredara pelo crime, transformando-se numa hábil soveira. Após inúmeras prisões, conseguiu, por volta de 1950, partir para o Brasil, onde parece ter vivido até agora.

Ontem soube-se que estava de novo em Lisboa, ao ser presa quando tentava roubar uma cliente da casa

Brás & Brás, na Travessa Nova de S. Domingos. Na esquadra do Teatro Nacional, declarou a sua identidade: Aurora de Sousa, de 72 anos, natural do Bonfim, Porto, e actualmente residente na Rua de S. Domingos de Benfica. (A «Maria Rapaz» usou variados nomes. Será esta a sua verdadeira identidade?)

Na esquadra foram-lhe apreendidas 40 000 liras, 47 500 cruzeiros e 2650 escudos. Transferida para o Governo Civil, pediu para dormir num quarto particular. Como a mulher-policia que lhe tinha revisitado as roupas estranhasse o pedido — visto que a «Maria Rapaz» declarara não ter mais dinheiro — resolveu proceder a nova revista, encontrando-lhe, junto ao corpo, mais 1100\$00.

A presa, com o dinheiro apreendido, vai ser remetida à Polícia Judiciária, para organização do respectivo processo.

Regressou a Lisboa o prof. Carvalho Fernandes

Regressou a Lisboa, vindo de Lourenço Marques, o prof. eng.º Carvalho Fernandes, administrador-delegado da Standard Eléctrica, que se deslocara a Angola e Moçambique em visita de estudo, cuja finalidade é a instalação ali de unidades industriais especializadas em electrónica e telecomunicações.

Vem ao Tejo a quinta esquadra da Armada holandesa

Sob o comando do comodoro J. Doorenbos, chega no próximo dia 1 de Setembro ao Tejo, em visita de rotina, a quinta esquadra da Armada Real dos Países Baixos, que permanecerá alguns dias no porto de Lisboa.

A esquadra é constituída pelos seguintes navios de guerra: porta-aviões «Karel Doorman», tendo a bordo duas esquadilhas de aviões; fragata «Van Nes»; caça-submarinos «Limburg», «Drenthe», «Zeeland» e «Noord-Brabant»; e submarinos «Walrus» e «Potvis».

Durante a permanência dos navios no Tejo, os membros das tripulações visitarão diversos locais de interesse turístico nos arredores da capital e farão excursões a Fátima e Mafra.

Nos dias 2 e 3, os quatro caça-submarinos, atracados na doca da Marinha, estarão patentes ao publico, das 16 até às 18 horas.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P.S.P. (Governo Civil): uma caixa de papelão com garrafas; um sobrescrito endereçado a sr.ª D. Maria Luísa Paulo; uma caixa de pergamóide com um livro; um par de pantufas; uma carteira com livros de cheques; uma portamoedas com dinheiro; uma gelatina com documentos em nome de Merz Hans Rudolf; uma carteira com documentos do sr. Luís Silva Sequeira; os bilhetes de identidade da sr.ª D. Maria Leonor Louro Caldeira, dos srs. Manuel Hipólito Rodrigues e Joaquim Marques de Matos e da sr.ª D. Bernardina da Silva Lopes; a cédula pessoal do sr. Mário Manuel de Almeida Teixeira; o cartão sindical do sr. José Francisco Almeida Ribeiro; a certidão de casamento do sr. Alfredo Ferreira; um saco de rede com um casaco; um sapato de senhora; um tampão de roda de automóvel; um pedal de velocípede; um porta-chaves e argolas com chaves.

QUEM ACHOU?

Um empregado de seguros perdeu, ontem, à tarde, na estação do metropolitano do Rossio uma pasta com documentos importantes. Agradece a quem a achou o favor de lhe comunicar pelos telefones 842409 ou 344141.

Perguntar por perguntar

vi-lo perguntar aos automobilistas: «Chega-lhe esse tempo?...». Claro que não chega. Só se fosse ingénio...

Assim a «Zona Azul» está a pedir uma vigilância muito aturada, uma repressão policial que se faz sentir em todo o lado, mas não chega a certos locais. Com efeito, quando se pára (ou estaciona por cinco minutos), num local proibido, aparece imediatamente um polícia: Parece-nos, porém, que

a repressão, para ter efeitos válidos, tem de ser de cima para baixo:

Assim como estão as coisas, isso não. A «Zona Azul» não é, afinal, para todos. Uns são privilegiados. Outros largam os veículos e pouco se importam. Outros ainda (caso de motorizadas) ocupam grandes espaços durante horas consecutivas, também sem respeito pelas disposições. Não seria possível uma brigada policial permanente, em vigilância no Chiado e nalgumas ruas da Baixa, para reprimir tão escandalosos abusos?

UMA CAMIONETA CAIU AO RIO MAS SEM GENTE DENTRO

Esta manhã, no cais da Ribeira Nova — local onde se faz a descarga do peixe miúdo — deu-se um acidente que só por um feliz acaso não provocou vítimas.

Eram 11 e 30. Uma camioneta encontrava-se estacionada junto a um depósito de peixe e a carregar. O seu proprietário e motorista, pouco antes abandonara a cabina, a fim de ir à procura de umas grades suas para condução de peixe. O veículo começou então a deslizar pela rua, que é inclinada para o lado do rio e bastante escorregadia. Houve gritaria e o veículo foi aumentando de velocidade e, galgando o cais, entrou no rio ficando em parte submerso.

Felizmente apenas passou de raspão junto de uma senhora, a qual nada aconteceu, além do susto.

O guarda da P. S. P. em serviço no porto de Lisboa, Antero Cardoso de Sousa, imediatamente participou o acidente para a Central dos Sapadores Bombeiros, cujo material não se fez esperar.

Sob a direcção dos chefes ajudantes Casimiro e Lourinho, os Sapadores com o auxílio de um potente pronto-socorro-grua, retiraram a camioneta.

Proibido na Grécia partir pratos em restaurantes

ATENAS, 22 — (R.) — Na Grécia, os fabricantes de louças têm os armazéns a abarrotar porque a Polícia proibiu que fossem partidos pratos nos restaurantes e botecoques, pelos clientes amigos da diversão.

Calcula-se que desta maneira eram partidos todos os meses uma média de cem mil pratos. A proibição faz parte de uma das muitas disposições tomadas pelo Governo para forçar o povo a tomar a sério responsabilidades.

A diversão de partir pratos tornou-se conhecida na Grécia durante as filmagens da película «Never on Sunday», rodado em 1959. Uma das suas cenas requeria que a actriz Melina Mercouri partisse pratos num boteco. O realizador Jules Dassin, partidário da perfeição, fez com que a cena fosse repetida diversas vezes, e o resultado veio a cifrar-se num montão de louça partida.

Subitamente os gregos acharam que partir pratos era um válvula de escape emocional, e, em 1963, três grandes fábricas de louças e perto de cem pequenas oficinas lutavam por prover á nova necessidade.

Raul Solnado voltou do Ultramar

Regressou esta manhã a Lisboa, vindo de Lourenço Marques, o popular actor cómico Raul Solnado, que fez uma digressão de duas semanas, por aquela província.

Escola de Enfermagem

Artur Ravara

Na Escola de Enfermagem Artur Ravara estão abertas, até 30 do corrente, as inscrições para os Cursos de Enfermagem Geral e de Auxiliares de Enfermagem.

A secretaria da Escola, que funciona das 9 às 12 e das 14 às 17 e 30, com excepção dos sábados, em que está aberta das 9 às 12 e 30, presta todos os esclarecimentos.

EM TRÊS LINHAS

Foi fixado o início do prazo estabelecido para apresentação do novo projecto de regulamento para a classificação dos cafés portugueses.

///

Publicou-se hoje em suplemento ao «Diário do Governo» o Regulamento da Caça, ao qual há dias nos referimos.

DUAS LETRAS, UM BRASÃO AO SERVIÇO DA NAÇÃO

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

TEATRO VILLARET

A comédia «O fusível»

Sómente até ao dia 31 do corrente, estará em cena, no moderno e confortável Teatro Villaret, com ar refrigerado, a alegre e divertida comédia «O fusível», com os não menos alegres e divertidos Humberto Madeira, Barroso, Fernando Borsatti, Henriqueta Maya, Pinhão, Manuela de Freitas e, no protagonista, Canto e Castro. Todas as noites há duas sessões, às 21 e às 23 horas. Aos domingos, além das sessões nocturnas, há matiné, às 16 horas.

MONUMENTAL

Um bom espectáculo

Uma comédia engraçadíssima e de muito bom gosto está no cartaz do Monumental, já há sete semanas. Trata-se da famosa comédia francesa «A flor do cacto», em que Laura Alves, mais uma vez, põe à prova os seus vastos recursos de comediante, interpretando a figura de uma enfermeira empregada num consultório de dentista e apaixonada pelo patrão, sem que este se aperceba. Paulo Renato, na figura principal masculina, tem também um excelente desempenho. Actuam ainda, com grande relevo, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Angela Ribeiro, Rui Mendes, Alexandre Vieira e Alda Pinto.

No CARTAXO o «DIÁRIO DE LISBOA» está a venda na CASA PEDRO ALVES, SUC. RUA DO BATALHOZ.

A B C

A nova temporada

Charles, um dos mais conhecidos e competentes coreógrafos portugueses, encontra-se, pela primeira vez, contratado pelo empresário José Miguel. Será, pois, da autoria deste técnico, os bailados a apresentar na revista «Mulheres à vela», em ensaios no Teatro ABC. Charles, trabalhador competente e aplicado à sua profissão, autor de muitos êxitos, prepara com natural cuidado a coreografia para o espectáculo que, neste princípio de temporada, fará a reabertura do ABC. Valioso é o elenco, em que se destacam os nomes de Humberto Madeira, Ivone Silva e Alda Baptista, como actriz convidada. Valioso será, também, o poema, escrito por Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinho. De maior valia, da maior actualidade e inspiração, será a música, composta pelos maestros João Nabor e João de Vasconcelos. Por todos estes motivos, é aguardada, com lógica expectativa, a estreia da nova revista «Mulheres à vela».

IMPÉRIO

A sessão clássica de amanhã

«Rebecca» foi considerado, pela Academia de Hollywood, como o melhor filme do seu ano e teve, também, outro Oscar — o da melhor fotografia. Baseado no romance de Daphne Du Maurier, «Rebecca» reúne, em interpretações notáveis, os nomes de Joan Fontaine, «Mrs. Laurence Olivier» e George Sanders. Agora em cópia nova, «Rebecca» vai ser o magnífico programa da 542.ª sessão clássica do Império, a realizar amanhã, às 18 e 30.

Caterine Valente é a 5.ª geração de uma dinastia do circo

por KATIA VON LEHN

Consta que certo dia o «rei» do cinema japonês, Watanabe, declarou com tristeza: «Podemos imitar tudo o que os europeus fazem, à excepção da Valente!». Este suspiro corresponde absolutamente à verdade, pois Caterine Valente, vedeta da República Federal da Alemanha no negócio dos «shows», não tem comparação nem precedentes. Nenhuma outra cançonetista de língua alemã, nem sequer Marlene Dietrich, conquistou tantos êxitos internacionais como «Caterine», com os seus 36 anos.

Nas suas veias corre sangue italiano, espanhol e francês. Ainda estava no berço, quando se decidiu que faria um curso de bailado. Pertence à quinta geração da «dinastia do circo» dos Valentines. José Valente conquistou fama sob o pseudónimo «di Zasso», virtuose de acordeão; a mãe de Caterine Valente era considerada «o melhor palhaço musical da sua época». Ao escolher o marido, Caterine manteve-se fiel ao ambiente do circo e do teatro de variedades: seu marido, Eric van Aro, era um conhecido equilibrista, antes de passar a empresário de sua mulher.

O casal Valente levava os filhos para toda a parte. Aos 5 anos entrou pela primeira vez em cena. A família percorreu quase toda a Europa, esteve na União Soviética, e Caterine aproveitou todas as oportunidades para aprender línguas. Hoje esta autêntica «união acústica da Europa Ocidental», como um seu colega a definiu, domina perfeitamente 6 línguas, podendo cantar as suas canções em 13 línguas.

Foi o músico de «jazz» alemão Kurt Edelhagen que em 1953 descobriu a voz desta mulher que «das pontas dos cabelos até às pontas dos dedos dos pés é um vibrador rítmico», segundo as palavras de um crítico vienense. Caterine penetrara simplesmente no estúdio da Rádio de Baden-Baden e cantara perante Edelhagen, que ficou desde logo entusiasmado. Antes disso já tentara uma vez cantar na Rádio Luxemburgo, onde lhe disseram com certa rudeza: «Não tem voz nenhuma!». (Mais tarde verificou-se que Caterine tinha cantado diante de um microfone avariado).

O seu extraordinário talento, aliado a uma energia de ferro, abriu-lhe as portas da maior «indústria do entretenimento» do mundo: o «showbusiness» americano. Caterine Valente foi a primeira artista não americana distinguida em 1965 com o «Oscar» da televisão dos jornalistas americanos da especialidade. Desde então, aparece frequentemente na televisão americana, às vezes com um «show» próprio. Caterine volta sempre à Alemanha, onde começou a sua carreira. «Bon soir, Caterine», foi o título de quatro programas da televisão de grande êxito, em 1965. Acabam de ser rodados mais quatro programas para a

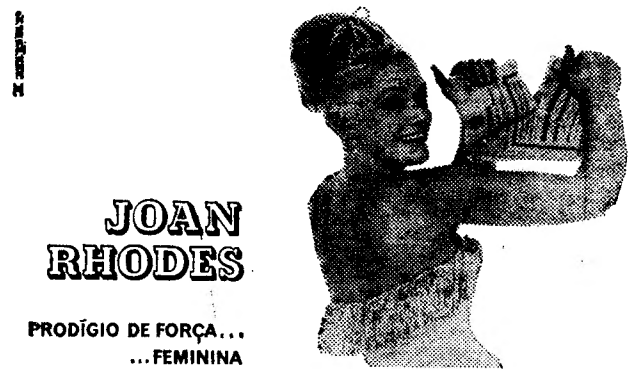
televisão alemã, realizados em colaboração com o «regisseur» Michel Pfléggar e a televisão holandesa. Apesar de todos os seus compromissos, Caterine tem uma vida de família exemplar. «Casa Paraíso» é o nome que deu ao seu domicílio nas margens do Lago de Lugano. Além do marido e de um filho de 9 anos, vivem com ela ainda 3 cães, 2 papagaios e um gato. Quando está em casa, Caterine dedica-se aos seus passatempos preferidos: cozinhar e fazer fotografias.



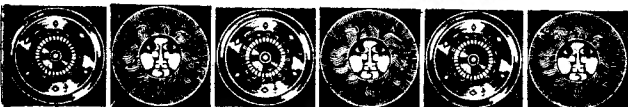
Pouco antes de partir para os Estados Unidos, onde realizará uma digressão de vários meses, Caterine Valente deu uma prova das suas capacidades no domínio cômico, no aeroporto Reno-Meno, em Frankfurt. Com uma cabeleira de Beatle e tocando uma guitarra em miniatura, cantou aos jornalistas uma canção de despedida.



MAYA CASABIANCA
VEGETA
INTERNACIONAL
DA CANÇÃO
FRANCESA



PRODÍGIO DE FORÇA...
...FEMININA

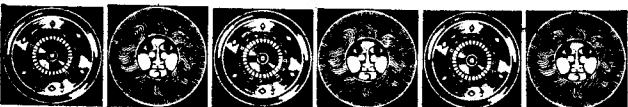


MARIA VALEJO
UMA VOZ PORTUGUESA

LUSKA SHOW
COM JACQUELINE MILLE

E AINDA

THILO'S COMBO
MAIORES DE 17 ANOS



2 HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ

NO **MONUMENTAL**

TEATRO com AR REFRIGERADO
AS 21.45 H. — (ADULTOS)

PREÇOS DE VERÃO

3.ª BALCÃO, frente, 5\$00

DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 H.

LAURA ALVES

mais alegre do que nunca



A FLOR DO CACTO

com Paulo Renato, Carlos J. Teixeira,
Alina Vaz, Angela Ribeiro, Rui Mendes,
Alexandre Vieira, Alda Pinto
encenação de SANTOS CARVALHO

Subsidiado pelo Fundo de Teatro **RAUL SOLNADO**
apresenta
Bilhetes desde 15\$00
2 Sessões * Adulto:
21 horas e 23 horas
AR REFRIGERADO



O FUSÍVEL

a comédia onde tudo é «pusível», com
HUMBERTO MADEIRA * Barroso *
Fernanda Borsatti * Henriqueta Maya *
Pinhão * Manuela de Freitas e no
protagonista Canto e Castro



A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
mantém diariamente e para prazer dos visitantes todas as suas grandes
características de atracção

UMA VISITA A FEIRA — UMA NOITE BEM PASSADA
— E O RESTO... O RESTO FARÁ A PARTE, O PASSATEMPO

A VOLTA VISTA DA FEIRA

OFERECE UM PRÉMIO DIÁRIO

UM VOTO. UM PALPITE. E PODE SER SUA NA
ETAPA DE CASTELO DE VIDE-PENHAS DA SAÚDE

UMA ESPLÉNDIDA BATEDEIRA

OFERTA DE MUNDO ELÉCTRICO, L.D.A.
RUA CONDE DE REDONDO, 1-A

ABERTURA ÀS 19 HORAS

TV

DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

MOMENTO DESPORTIVO — Noronha Feio foi ao «Momento Desportivo».

Minha curiosidade teve um sobressalto. Até porque Artur Agostinho avisou, com suficiente clareza, irmos ouvir coisas sérias. Prepare-se aí quem goste dos pratos fortes e não tema as emoções violentas. Eu cá, se quiserem um voluntário.

Nada se passou, afinal. Noronha Feio sabe dos palcos e dos bastidores. Abandonou o I. N. E. F. e vai dirigir o departamento da Educação Física em Moçambique. De quem sabe tanto, havia que exigir dissesse alguma coisa. As dificuldades, as perspectivas, ou então nada disso: apenas a situação actual da educação física entre nós.

Noronha Feio nem sequer esboçou um gesto. E a esta distancia, tão breve, que ficou das suas palavras? Que nunca se sentiu dono do I. N. E. F. Que uma escola tem de se renovar constantemente. Que para ele não há homens insubstituíveis. Que, em relação a ele, é chegada o momento de. Em relação à Educação Física em Portugal, é claro que. Mas mesmo assim, fez-se muito. Fez-se bastante, mas ainda não basta...

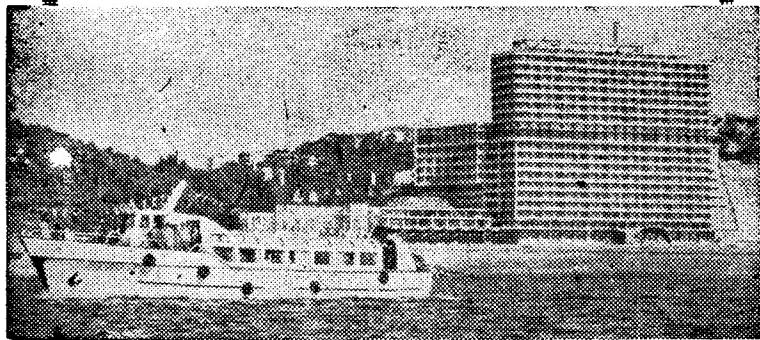
E eu pergunto. Pergunto se para tanta melancólica banalidade era preciso gastar 12 minutos preciosos na televisão. Doze minutos de lugares-comuns pesam muito. Na TV, a duzia sei sempre mais caro. Um momento: ainda vou a tempo de me penitenciar de uma injustiça. Foi quando eu disse que Noronha Feio não atacara problemas reais, concretos como o toucinho. Ai isso é que atacou. Atacou sim senhores. Então ele não disse que ao professor de Educação Física falta uma carreira? Eu cá, ignorante por dentro como uma abóbora, pensava que ao professor de Educação Física faltavam elementos essenciais para uma actividade útil: consideração social, condições de trabalho pleno, compensação económica, etc. Nada disso. O que lhes falta é «carreira», o que falta é integrar o I. N. E. F. na Universidade Portuguesa. Quando os educadores do físico forem doutores tudo será melhor, oh, muito melhor, aquilo com o de errozinhos vai ser uma alegria no carrocel.

Eu compreendo: há que valorizar o ensino da educação física, há que tratá-la não como parente pobre. Há que lhe dar suficiente grau. Sem dúvida. Mas se se universalizar a educação física e faltarem gínasios, materiais, horários e condições de ensino e de prática, será que nesse caso a educação física dá um decisivo passo em frente? Serão as vitaminas DR. indispensáveis ao crescimento da educação física?

A perguntas que não se fizeram, respostas que não se deram. A entre-

veja MELHOR num **KB**

PASSEIOS TURÍSTICOS NO BARCO «ESTORIL-SOL»



LISBOA — CASCAIS — LISBOA

DOMINGOS, QUARTAS E SEXTAS - FEIRAS

Partida às 9 e 45 do TERREIRO DO PAÇO

(Pontão dos Cacilheiros)

PREÇO — 60\$00

«UMA HORA NO TEJO» (LISBOA VISTA DO RIO)

TERÇAS, QUINTAS-FEIRAS E SABADOS

10.10 — 11.20 — 14.50 — 16 — 17.10

DOMINGOS, QUARTAS E SEXTAS-FEIRAS

14.50 — 16 — 17.10

Partidas do TERREIRO DO PAÇO

(Pontão dos Cacilheiros)

PREÇO — 25\$00

INFORMAÇÕES NO CASINO ESTORIL — Telef. 260730

HOJE PODE VER...

● As 21 e 55: Noite de cinema

Na sua rubrica «Noite de cinema», a R. T. P. apresenta, esta noite, o filme de grande metragem intitulado «O meu marido é maravilhoso». Trata-se de uma comédia francesa, cuja interpretação está a cargo dos artistas Fernand Gravey e Sophie Desmarets. A realização é de André Hunebelle.

Quando não se ama, há destas ironias que batem todos os recordes. Uma rubrica em que música (havia Debussy, caramba!), «ballete», recitação, deficiência de som e de imagem e os próprios poemas se comprometem a esconder o que pretendiam revelar — uma rubrica que pode tudo isso ao mesmo tempo merece ficar na História. E fica. De qualquer forma, é um documento.

RECITAL — Wilhelm Kempff

acabou de officiar. Por causa destas e de outras é que eu amo a televisão. Por causa destas e de outras é que eu acredito no futuro da Televisão. Bom, acredito mais no seu futuro do que no seu presente, mas quando o seu presente nos dá estas sementes do futuro sinto-me, como é que hei-de dizer... Sinto-me vingado. Esperem: não é bem isso: É um conforto como quando a gente diz «amo-te», ou não diz e deixa o negócio aos olhos.

A R. T. P. tem de encarar a sério estas extraordinárias sessões de arte, tem de defendê-las ao máximo. Ela atrai pela janela fora moedas de ouro de valor incalculável. Quero eu dizer que o facto de se apresentar ao público português um Wilhelm Kempff é um serviço cultural de notável relevância em si mesmo. Mas há que não esquecer as realidades. Há que chamar muitas vezes a atenção do público para os artistas, há que os põr pelo menos em situação de igualdade com os grandes «cracks» da bola — perdoem se estou a exigir de mais...

Repararam na extrema simplicidade da realização? Repararam na total ausência de exibicionismos, de mundanismo? Nada de público, a não ser longinquamente as palmas, a não ser as vénias de Kempff. Como que nos encontrávamos, não numa sala de concertos, mas numa cela, num templo de máxima austeridade, teremos talvez de recuar muitos milhares de anos até se encontrar um templo assim, paredes nuas, ou nem isso, apenas o céu, ou nem isso mesmo, somente os nossos olhos abertos, abertos.

Se eu me governasse a mim próprio segundo os meus direitos, despedia o televisor logo depois de Kempff, valte embora, moço, ganhaste o dia, toma lá para uma cerveja.

Mas não pertenço a mim, pertenço ao mundo, o mundo bebe-me o sangue por uma palhinha, ainda há um resto no fundo do copo do meu dia.

POLICIAL — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Havia ainda o policial da série «A Rede de Aço». Sólido filme alemão. Longo filme alemão. Chato filme alemão.

Filme também anti-romântico, quase antipolicial, no sentido fantástico-charadístico da expressão, no sentido polirrotético. Policial sem cachimbo, sem lupa, sem enigmas no dente da munição. Mas com a rotina, a teia, os cães-polícias. De quando em quando, lá vem um tirinho para acordar a gente, lá vem um morto para dar vida à função. Entretanto a descrição arrasta-se, impessoal e eficaz como a literatura que acompanha os medicamentos ou os aparelhos de televisão.

Passou a meia-noite. Ainda falta a Volta a Portugal em bicicleta. Avalio o esforço deles, também eu me farto de pedalar. O sono quase me vence em cima do selim. Quase. Estou bem arranjado se a minha federação me tira sangue para a análise «antidoping». Lá tenho eu a sorte do Anquetil...

A minha coragem leva-me a dobrar o Cabo Bojador, precisamente lá onde Augusto Cardoso, o vencedor da tirada, dizia:

«A massa associativa do Benfica mostrou-nos o interesse que tinha em que a gente fizesse alguma coisa, que estava disposta a todos os sacrifícios para nos compensar os nossos esforços e então a gente comovidos pelas palavras da massa associativa é claro resolvemos jogar a nossa cartada, dar tudo por tudo e é claro neste momento sinto-me radiante de ter correspondido aos desejos da massa associativa.»

Se estão á espera que eu diga alguma coisa a respeito disto, desenganam-se. Incorporo-me no pelotão. — M. C.

Recital de violino e piano no Festival Internacional de Sintra

As salas do Palácio Nacional de Queluz emprestaram o seu ambiente de luxo bem temperado, com os seus espelhos, os seus cristais e as suas pinturas, ao recital de violino e piano por Antonino David e Katharina Heinz. Uma hora e picos de agradável convívio entre música e público, num lugar que só por si bem merece ser visitado uma e mais vezes.

O programa recorreu a obras consagradas que requeriam uma interpretação excepcional para compensar-nos da falta de novidade (basta uma interpretação ser completa para representar uma excepção) — coisa muitíssimo mais fácil de desejar do que de alcançar. Também o concerto beneficiaria largamente com uma melhor adaptação às condições do lugar; mas há que contar ainda com as características pessoais dos executantes, o que deve ter contribuído largamente para o insuficiente estilo da obra adorável que melhor quadrava com a moldura, a Sonata em mi bemol maior, de Mozart, K. V. 481. E apesar de Katharina Heinz ter demonstrado um aturado estudo para aligeirar a sua técnica, não corrige sempre um excesso prejudicial de manobra de dedos. Por seu lado, Antonino David não é sempre suficientemente preciso no pisar da mão esquerda, e admiramo-nos, sobretudo, os pequenos desfalques que faz á justeza rítmica. Qual a parte pela qual é responsável o nervosismo de falta de adaptação a um palco muito mais perigoso do que o palco de teatro ou de sala de concerto vulgar? Julgamos também que por excessiva proximidade do piano e do violino, este é muitas vezes abafado por aquele, apesar da bela largueza de sonori-

dade que é uma das melhores qualidades de Antonino David. Houve contudo muitas passagens de íntima fusão entre piano e violino, que valorizaram em especial o 1.º andamento da Sonata em lá maior op. 13 de Fauré, e quase toda a grande sonata em ré menor op. 108 de Brahms, que nos pareceu ser uma das obras mais apaixonadamente trabalhadas por Antonino David. E não esqueçamos a grande prova que o muito apreciável violinista português nos deu, há alguns anos, com a sua valiosa interpretação do «Concerto á memória de um Anjo», de Alban Berg, sob a direcção do saudoso e insigne maestro português Pedro de Freitas Branco. Um adequado sopro de lirismo serviu também, em muitas passagens do Fauré e do Brahms, Katharina Heinz, que por outras facetas do seu temperamento deve, de facto, ter sido uma boa intérprete do 2.º Concerto de Schostakowitch, a que se refere a nota biográfica do programa. E congratulamo-nos com o êxito agora obtido pelos dois artistas junto da numerosa e selecta assembleia que compareceu a Queluz.

FRANCINE BENOIT

PIANOS

Verticais e de Cauda Alugam-se

CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª RUA DO CARMO

50 FILMES CASTELLO LOPES apresentando um Filme MGM

com David Shirley Gig NIVEN · MacLAINE · YOUNG

O QUE ELAS QUEREM É CASAR (ASK ANY GIRL)

com Rod Taylor · Jim Backus · Claire Kelly

CINEMASCOPE METROCOLOR

Argum. de GEORGE WELLS

Realiz. de CHARLES WALTERS · Prod. de JOE PASTERNAK

Base na novela de WINIFRED VOLTJE Uma produção EUTERPE

Adultos

AMANHÃ UM FILME SENSACIONAL MUNDIAL

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Diário de Lisboa

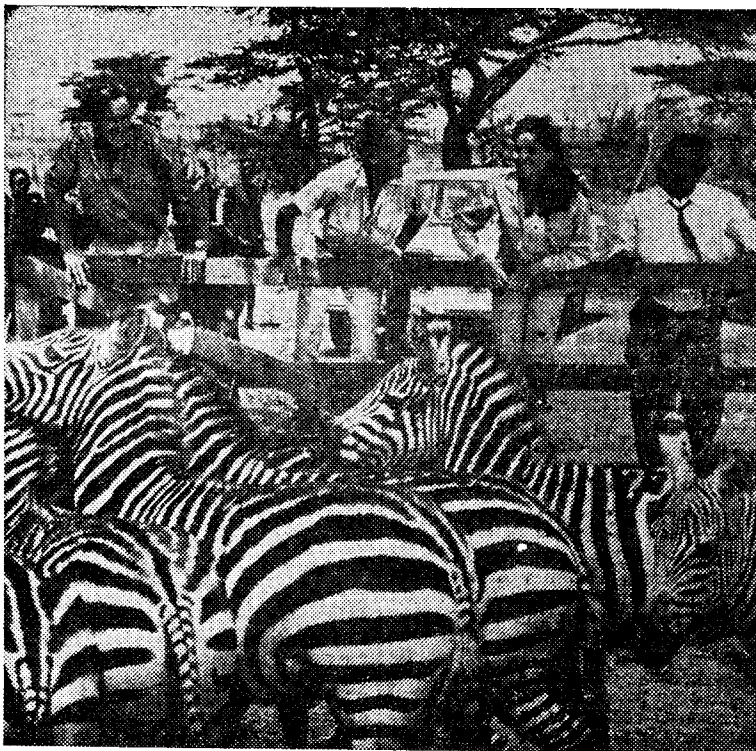
PAGINA 5

POLITEAMA - UM NOVO GRANDE ÊXITO: «OS DISCÍPULOS DO DIABO»

Uma vez mais o público tem razão para exteriorizar o seu contentamento, pelo ensejo que o Politeama lhe oferece de ver um filme de notável concepção, simultaneamente violento e emocionante — «Os Discípulos do Diabo». Engendrado sobre múltiplas e diferentes características de interesse pessoal, que representam uma novidade dentro do estilo «western» e a cujo domínio, sempre subjugante, não é possível fugir — o filme impõe-se pela conjugação, sempre brilhante, de valores artísticos e humanos em processar uma atmosfera de forte intensidade emotiva, na qual a originalidade da intriga, o nível de realismo em que se situa a sequência das imagens, o vigor da realização de William Witney e a grande classe do desempenho revestem o mérito de revelar uma galeria de tipos impregnados de um primitivismo rude que os torna estranhos, agressivos, virulentos e patéticos, em todas as circunstâncias que os acorrentam a exteriorizar os seus bárbaros instintos, sempre que entendem reivindicar, pela violência, direitos de sobrevivência à margem da lei. Daí cada personagem transmitir a sensação de uma verdade de carne e osso, no decorrer de uma densa cadeia de paixões, que o realizador moldou em toda a sua rusticidade com um relevo de expressão dramática que sacode os nervos a cada passo. É o estudo de um punhado de vidas presas a inquietações, anseios de felicidade, alegrias sufocadas, ódios que não desarmam a rivalidades incitando ao crime, que o filme processa através da história de uma rapariga endiabrada, que aparece morta em circunstâncias misteriosas. No desempenho salientam-se Doug McClure, Gary Clark, Charles Beckford, Roberta Shore e James Drury. Fotografia em «eastmancolor».

Festa artística do conjunto musical Sousa Machado

O Conjunto Musical Sousa Machado que na presente época estival está a actuar no Casino do Parque, nas Caldas da Rainha, promove hoje, às 22 horas, naquela cidade, a sua festa artística, com eleição de «Miss Casino» e «Miss Simpatia». Serão atribuídos valiosos prémios às concorrentes e distribuídos brindes oferecidos por importantes estabelecimentos do País.



Uma cena do filme «A maior aventura», de Ivan Tors, considerado o sucessor de Walt Disney. Esta película, que foi inteiramente rodada no Kénia, será brevemente exibida em Lisboa

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

- O actor francês Louis Jourdan passou a fazer parte do elenco do filme «A flea in her ear», em cuja ficha artística já figurava o seu colega inglês Rex Harrison.
- Depois de dez anos de interdição, acaba de ser autorizada a projecção do filme de Luis Buñuel, premiado em Cannes, «Os Olvidados». A película está a ser apresentada em dois cinemas de Madrid.
- Henri Verneuil continua a rodar em Durango, no México, o seu filme «A Batalha de San Sebastian», de que é protagonista Anthony Quinn. A película, baseada no romance de William Barby Flaherty, é também interpretada por Antonette Comer, Charles Bronson e Ivan Desny.
- Anthony Quinn foi o primeiro dos intérpretes escolhidos pelo realizador norte-americano Stanley Kramer para o filme «O Segredo de Santa Vitória», a rodar na Itália em 1968. A película é extraída de um romance de Robert Chritchon e narra as aventuras dos habitantes de uma vila italiana e do administrador do concelho, que conseguem esconder um milhão de garrafas de vermúte quando os alemães chegam à região, durante a Segunda Guerra Mundial.

DE NOVO EM LISBOA!

O TRIUNFO MUNDIAL

FILMES CASTELLO LOPES 50th
representa

A SUPERPRODUÇÃO DA

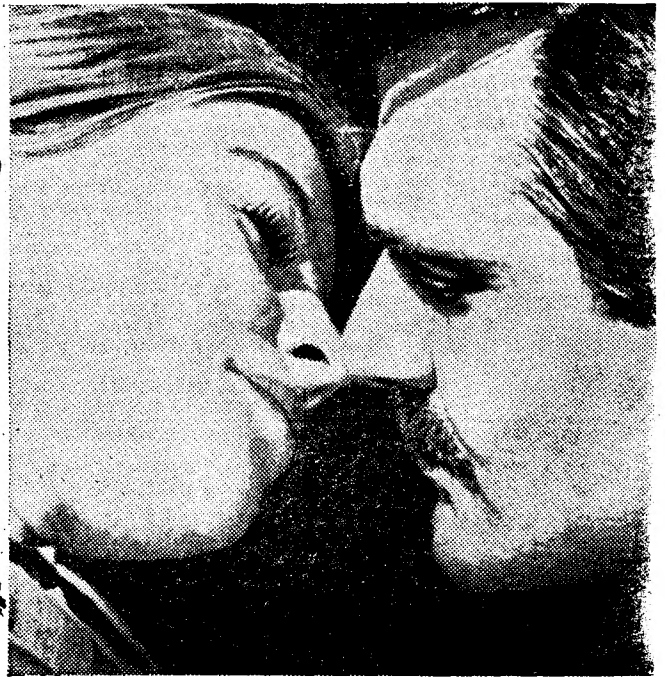
METRO-GOLDWYN-MAYER



O FILME DOS 6 "OSCAR"

Produção de CARLO PONTI

Baseado no livro de BORIS PASTERNAK (PRÉMIO NOBEL)



Adultos

O FILME DE
DAVID LEAN

DOCTOR ZIVAGO

com

GERALDINE CHAPLIN · JULIE CHRISTIE · OMAR SHARIF (Dr. ZIVAGO) · ALEC GUINNESS · TOM COURTENAY · ROD STEIGER
· SIOBHAN McKENNA · RALPH RICHARDSON · RITA TUSHINGHAM

Argumento de ROBERT BOLT Música de MAURICE JARRE

PANAVISION®

70^m/m

METROCOLOR

NO ÉCRAN GIGANTE DO

HOJE EM CONTINUAÇÃO
DE ESTREIA

15.ª SEMANA

MONUMENTAL

NOVOS FACTORES DA DELINQUÊNCIA JUVENIL

A Academia de Medicina de Paris ouviu uma comunicação de dois psiquiatras, o professor Hurryer e o dr. Rouault de la Vigne, sobre a delinquência juvenil. Em 1955, umas 13 975 crianças passaram diante dos tribunais franceses de menores; em 1965 contavam-se 43 789 e para 1966 o número, ainda não oficializado, é de 45 000.

As causas da inadaptação que provocam este aumento considerável têm formas múltiplas das quais muitas são conhecidas: debilidade mental, perturbações do carácter (inatas ou adquiridas) na escolaridade; dificuldade em se colocar profissionalmente, questões familiares, etc. Mas, certos factores novos cujas consequências pesam sobre as crianças, aparecem por causa da evolução social. Trata-se especialmente de perturbações trazidas à família devido ao trabalho da mãe fora de casa, da perda sensível da autoridade dos pais ou da delinquência, em grupo, favorecida pelos grandes bandos.

Os autores da comunicação afir-

mam que, se certas disposições já tomadas devem ser reforçadas, seria igualmente desejável dar-lhes uma orientação diferente. Preconizam uma «despistagem psiquiátrica» precoce, na escola, para os débeis leves e os inadaptados, uma organização mais desenvolvida dos

ócio e, em particular, uma colaboração de lares e de casas de jovens com os centros de prevenção. Enfim, seria necessário tomar certas disposições legais, por exemplo uma lei de defesa social para os delinquentes mentalmente anormais.

A secção liceal de Espinho deve começar a funcionar no próximo ano lectivo

ESPINHO, 22 — Esteve nesta vila, para escolher um edifício com as condições próprias para a instalação da secção local do Liceu de Vila Nova de Gaia, o sr. dr. J. B. Sabino Costa, director-geral do Ensino Liceal, que foi acompanhado pelos srs. drs. José Vitorino da Costa e Alfredo Gomes Alves, respectivamente, reitor e vice-reitor daquele liceu.

Na companhia dos srs. dr. António Pereira Pinto e arquitecto Jerónimo Reis, respectivamente, presidente e vice-presidente da Câmara de Espinho; vereadores, srs. prof. Fernando Lobo e António Ferreira Baptista; tenente

João das Dores Salgado, comandante da P. S. P. desta vila, dr. Joaquim Rios, delegado da Câmara junto da Comissão Distrital de Aveiro e Benjamim da Costa Dias, director do jornal «Defesa» de Espinho» e representante do «Diário de Lisboa», depois de observarem diversos edifícios devolutos, optaram pelo Palacete Pena, situado no ângulo das ruas 19 e 26, por ser aquele que melhores condições oferecia.

A referida secção liceal deve começar a funcionar já em Outubro, o que representará um importante melhoramento para este colégio e circunvizinhanças.

AS INSCRIÇÕES PARA O CURSO UNIFICADO DA TELESOLA

O Curso Unificado da Telescola, que constitui a aplicação no nosso País dos mais modernos processos audiovisuais de ensino, está a atravessar uma fase de acentuado progresso. O grande aumento no número de alunos e de postos de recepção, que se verificará no próximo ano lectivo, alargará consideravelmente a difusão do ensino em Portugal, permitindo a continuação dos estudos a crianças e adultos que, de outro modo, ficariam limitados à instrução primária.

A inscrição dos alunos que pretendam frequentar o curso, no próximo ano lectivo, abre no dia 1 de Setembro e prolonga-se por quinze dias, podendo fazer-se em qualquer dos postos de recepção da já vasta rede que cobre o País. Para os que se inscrevem pela primeira vez, é necessária a apresentação dos seguintes documentos, além de uma fotografia recente: boletim de matrícula (modelo da Imprensa Nacional), preenchido em duplicado, com um selo fiscal de 30\$00, apostado no original; atestado de habilitações escolares; certidão de nascimento; atestado médico comprovativo de que o candidato não sofre de doença contagiosa e de que foi revacinado contra a varíola, dentro do prazo legal. Para aqueles que já frequentaram a Telescola, apenas é preciso o boletim de matrícula.

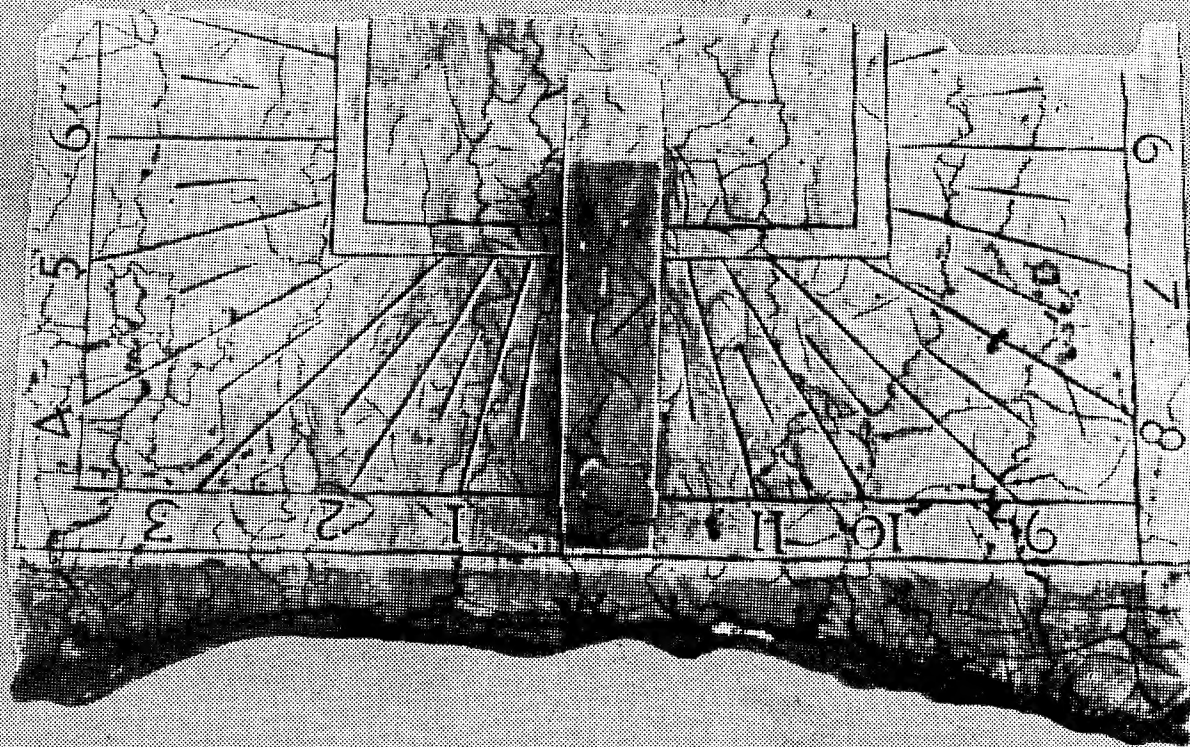
No mês de Setembro, deve, ainda, pagar-se uma propina de matrícula de 50\$00, e nos de Outubro a Julho, inclusive, uma mensalidade, cujo montante será estabelecido, tanto quanto possível, de harmonia com a situação económica do respectivo agregado familiar, mas que nunca ultrapassará 200\$00.

O ensino pelos métodos audiovisuais

Por iniciativa do Centro de Psicologia Aplicada à Educação, vai realizar-se, de 11 a 29 de Setembro próximo, um estágio de três semanas, sobre o ensino do francês pelos métodos audiovisuais.

O estágio, integrado nos Cursos de Verão para professores que o Centro vem promovendo desde há quatro anos, tem a colaboração do Instituto Francês em Portugal, e a sua orientação pedagógica está a cargo do C. R. E. D. I. F. da Escola Normal de St.-Cloud, de Paris, que, para o efeito, desloca até nós alguns dos seus professores.

As sessões de trabalho decorrerão no Colégio Vasco da Gama, em Meleças (Rio de Mouro), podendo os professores-estagiários obter um diploma equivalente ao dos estágios feitos em França.



O sono do Sol

Enquanto o Sol dorme, este relógio pára. A VARIG porém continua a cruzar o Atlântico em 540 minutos para lhe oferecer a manhã do Rio. São nove horas do tempo VARIG, em que Você pode repousar num espaço minuciosamente confortável.

Nove horas num ambiente pleno de bem-estar e à-vontade como só a VARIG sabe proporcionar.

VARIG, a sua melhor companhia.

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A

VARIG



EM "POOL" COM A TAP

Linhas Aéreas Brasileiras

A ADOLESCÊNCIA E O NAMORO

A CARTA SÍMBOLO

— CARTA POEMA DO AMOR NASCENTE

«Recebi esta carta hoje. Pareceu-me tanto uma carta símbolo do amor que os jovens de hoje querem dar uns aos outros, que resolvi mandar-lha...» — estas palavras serviram de introito à carta de amor — pois é uma autêntica carta de amor, embora esta palavra quase não tenha sido escrita — que hoje publicamos e nos foi mandada por um jovem de 24 anos.

Amigo:

Ficaram-me de ti muitas coisas novas e estranhas. E no olhar que trouxe para casa havia alegria, dor, esperança e medo.

Depois apeteceu-me muito guardar-te nos meus braços e tecer tranquilidade. E desejei que me levasse pela mão a descobrir o mundo, destruindo mas construindo muito. E quis, com muita, muita força, ter de ti uma parcela de toda a tua energia, do teu entusiasmo, do teu poder criador, das tuas esperanças, uma parcela de todas as coisas que tu tens, de todas as coisas que tu sabes.

E pensei que tinha sentido as tuas ideias, sentindo as tuas mãos, sentindo o teu olhar — mas que as ideias, as mãos, o olhar, não eram teus, não eram só teus: mas de todos os jovens do mundo.

Não eras tu, ali — mas o símbolo de uma juventude que me apetece amar muito e compreender muito. E havia coisas novas em todos os olhares. Promessas de um mundo novo. Esperanças fortes, tão fortes que chegavam a doer.

E havia palavras construindo ideias e resoluções. E a verdade lúcida, dolorosa, dos que se despedem e dizem: deponho a minha nudez nas tuas mãos.

Presentes dos próprios seres, em que desembulhavas as palavras, surgem com uma verdade tão forte que apetece chorar: eu dou-te tudo.

E a angústia das coisas não feitas. E as feridas por sarar das coisas por fazer.

A esperança de tudo o que se crê,

e o entusiasmo febril de tudo o que se quer...

E todas as mãos que me tocaram, deixando rastros de simplicidade e de amor, e foram áspers de dor, e ternas em dádivas, e todas as mãos trementes de energia me transmitiram uma força estranha, igualmente febril, de coisas novas a todos os meus dedos...

E fechei os olhos espantados de tanto por fazer.

E sorvi crenças nos lábios onde pousaram beijos tão puros como crianças.

E num olhar prolongado a todos os rostos, eu disse: quero amar a todos.

E com gestos impensados como gritos, arranquei as minhas roupas e vesti-me de pureza.

Como que me libertei. E senti-me nova, acabada de nascer, senti-me tão pura e tão melhor...

Vieste de muito longe e demoraste tanto a chegar! Passaram muitos anos sem que eu acordasse para a vida nem abrisse os olhos para o mundo. Adormeceram muitas coisas em mim. Outras, foram destruídas. Sentia-me tão frágil.

E, de repente, contigo, veio a força, e as tuas mãos dadas com as minhas fazem-me acordar.

Agarra em mim — e constrói a partir do caos e da ausência de luz que há dentro de mim uma obra boa. Como eu acredito que tu sabes fazer.

E por tudo isto que eu preciso de ti.

Até que ponto e por quanto tempo me posso dar a ti? Desejaria que não houvesse barreiras, que existisse tempo. Que tudo fosse ilimitado.

Começar do nada e não estar presa a nada. Mas eu sou a mulher que passa.

E tudo em ti é tão simples e tão sincero que chego a assustar-me. Que doí.

Os outros limitam-me. E eu sou... sim, eu sou a mulher não emancipada. Presa a preconceitos. E de tal maneira os aceito já, que vivo neles.

Por isso estaremos juntos tão pouco tempo. Por isso eu não poderei ser tua companheira. Porque nunca fui nem soube ser a companheira de ninguém e porque, segundo todos os preconceitos estabelecidos, eu devo sê-lo... não de ti, que és todos os jovens, mas de um só jovem.

E eu não saberei libertar-me. E talvez até nem queira.

Querias que entre nós não houvesse o amanhã, mas apenas o hoje. Porque eu cheguei mas qualquer dia vou embora. Porque eu sou a mulher que passa... não fiques triste por isto...

Não sei escrever mais. Há tanta confusão em mim...

Quero ainda dizer-te que não exijo demasiado de ti. Tu és um HOMEM. Ensina-me a ser MULHER.

Perdoa-me a confusão de tudo o que escrevi. Precisava de te dizer tudo isto.

HORÁRIOS DOS COMBOIOS SERVIÇO INTERNACIONAL

Comunica-nos a C. P. que nos dias 25, 26, 27 e 28 do corrente efectua-se entre Lisboa (Santa Apolónia) e Porto (Campanhã) a Hendaye, para transporte de passageiros de Serviço Internacional em 2.ª classe, uma circulação com o seguinte horário:

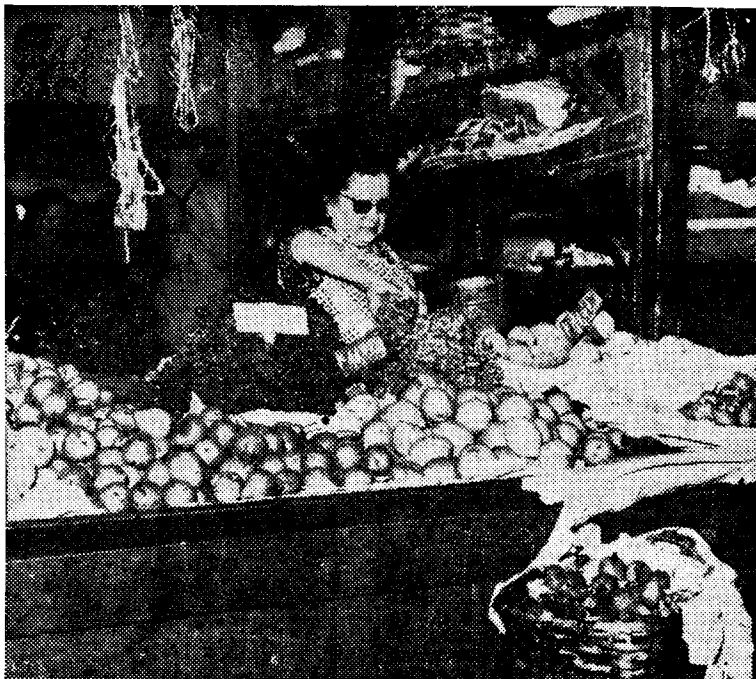
Lisboa (Santa Apolónia)	P. 23.15
Entroncamento	P. 0.55
Fátima	P. 1.20
Pombal	P. 1.51
Cóimbra B	P. 2.28
Pampilhosa	P. 2.43
Porto (Campanhã) (a)	P. 0.05
Pampilhosa	C. 2.28
Pampilhosa	P. 2.53
Guarda	P. 6.27
Vilar Formoso	P. 7.25
Fuentes de Oñoro	P. 7.57
Fuentes de Oñoro	C. 8.00
Hendaye	P. 9.10
Hendaye	C. 20.55

(a) — Com transbordo em Pampilhosa.



HORÓSCOPO DA MODA

Se vai fazer uma viagem aérea, este é o género de vestido que deve levar. É, ao mesmo tempo, muito leve, bonito, simples e elegante



Amorosamente a dona do lugar dispõe do melhor jeito as peças de fruta. Há fartura, os preços não são excessivos, mas poderiam estar muito mais em conta se não continuassem a processar-se as já habituais especulações. Os mercados — dizem — desempenham uma função reguladora de preços. No entanto, hoje o melão estava mais caro do que o preço a que se pode comprar em qualquer mercearia e toda a outra fruta se não era mais cara também não registava preços inferiores aos que se verificam nos lugares ou mercearias de bairro. Quem vai à praça deveria comprar afectivamente mais barato

MANHÃ NA PRAÇA

As graves e importantes confidências da hora do mercado

Duas senhoras paradas no meio do mercado. Estorvavam a circulação, mas interessadas na conversa uma da outra não davam conta de serem um estorvo. As pessoas tinham que as rodear para passar. Não eram velhas nem com aquele ar característico das «comadres», mas eram comadres. Uma vestia de preto; a outra de tons neutros. Não seriam criadas; apresentavam esse tipo das governantes de casa rica, que também podem ser modestas donas de casa.

Que diriam de tão grave e importante que as absorvesse daquela maneira? Ai as transcendentes confidências de mercado! Passámos rente a elas. Dizia a de preto:

— Querem por força que ela se vá embora, mas ela só vai quando lhe apetece!

— Ora essa! Pois havia de ser pau-mandado?! Nã, cada um tem a sua personalidade, não é?

— Ora viva!

Mais duas que iriam chegar-se para um canto e contar a última novidade. Pensámos: o correio da manhã. O almoço que espere. E' questão de se andar depois um bocadinho mais depressa... O patrão não terá de que se queixar. E que se queixe, então a gente não há-de também dar dois dedos de conversa? A senhora não passa horas ao telefone com as amigas ou em frente da mesinha de chá enquanto, com as suas convidadas, mordiscam torradinhas e na pele de uma amiga ausente!

PEIXE

Visitámos hoje o mercado de Campo de Ourique. Principiámos a nossa ronda semanal pelo lugar do peixe. Sofremos os habituais encontrões no exíguo espaço. Adiante e cara alegre.

O quilo da xaputa estava a 740; do peixe-espada, a 730; do carapau, a 330 e 400; do pregado, a 2200; das lulas, a 2400 e 2700; das eiroas, a 2600 e 2800; das tainhas, a 800 e 940; dos robalinhos, a 2400; do linguado, a 2800 e 3980; dos rabos de pargo, a 1420; da pescada, a 3000 e 3480; do goraz, a 1680, 2080 e 3600; dos «joaquinzinhos», a 890; da pescada congelada, a 1600; dos bacalhãos, a 400; das macacas, a 600; dos chocos, a 1500; dos robalos, a 2180; do safio, a 1650; da ameijoia, a 2400; do berbigão, a 450; do camarão, a 1400; dos lagostins, a 6800; do cherne, a 3800; e do polvo, a 980.

HORTALIÇAS, ETC...

O molho dos grelos estava marcado a 800; dos agriões, 1500; das nabicas, 700; dos espinafres, 700; e da beterraba, 500. O quilo da abóbora vendia-se a 250; da batata, a 150; do feijão-verde, a 460, 500 e 600; dos pimentos, 450 e 700; dos tomates, 250 e 300; e das cenouras, 350. Cada alface custava 150; a lombarda, 500; a couve portuguesa, 150 e 250; o nabo, 150 e 150; e a beringela, 150 e 200.

CRIAÇÃO E OVOS

O quilo do frango limpo custava 2700; morto, 2100; e vivo, 1800 e 1900. A galinha viva marcava 1700, 1800 e

RONDA SEMANAL DOS MERCADOS DE LISBOA

2500; morta, 2000; e limpa, 2400, 2500, 2700 e 3100; o pato vivo, 2300; e o coelho vivo, 2300.

Os ovos apresentavam as seguintes tabelas: 1080, 1100, 1200 e 1280. Havia, também, ovos a 800 a dúzia, e, segundo o letreiro, «grandes e de gema amarelinha — fresquíssimos».

FRUTA E FLORES

O quilo das pêras estava a 500, 520, 600, 650 e 700; as rainhas-cláudias, a 400 e 500; os pêssegos, a 650, 800 e 900; as uvas, a 500 e 600; os figos, a 500; as laranjas, a 800; a maçã-reineta, a 500; as bananas, a 800 e 1000; a maçã riscadinha, 780; os limões, a 780; a melancia, a 320; e o melão, a 220.

Quanto às flores, vimos dalias a 500 e 1500 a dúzia. A mesma quantidade dos cravos vendia-se a 500, 1200 e 1500. O molho das césias estava a 500. Fomos alvo de uma amabilidade na secção das flores, de que estamos grata.

Disse-nos a dona do lugar: — Escolha aqui um cravo, por ser uma senhora tão simpática.

Estamos toda a desvanecida com o cravo em cima da secretária. Um bocadinho vaidosa, também. E que não lhe compremos nada! Obrigada.

DONA DE CASA



Em Férias

LEIA O

Diário de Lisboa

«O JORNAL QUE FORMA E INFORMA O PÚBLICO»

ACEITAM-SE ASSINATURAS

PARA UM MÍNIMO DE OITO DIAS

(NÃO SE ENVIAM RECIBOS A COBRANÇA)

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98-2. — Telef. 32 65 15

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas
Dr. Mário Jaquer — Fisioterapia — As 16 horas
Dr. Romão Loff — Doenças nervosas e electroterapia — As 14 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes prótese — As 10 horas

eva

ESPECIAL
NÚMERO DE VERÃO
FALTAM APENAS
8 DIAS

PARA TERMINAR O
PRAZO DE PODER CON-
CORRER AO GRANDE
CONCURSO

«FAQUEIRO
DE PRATA»

NO QUAL PODE GANHAR
UM ESPLÊNDIDO
FAQUEIRO DE PRATA
NO VALOR DE
30 MIL ESCUDOS

NÃO PERCA TEMPO:

Compre a «EVA» especial
de Verão e remeta hoje
mesmo o seu postal com
o palpite!

A venda em todo o País
12\$50

VIDA RELIGIOSA

**Peregrinação
dos movimentos marianos
ao santuário de Fátima**

COVA DA IRIA, 22 — Integrada nas festas comemorativas do cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima, efectuou-se hoje a festa litúrgica do Coração Imaculado e Maria, uma peregrinação internacional mariana ao Santuário de Fátima, presidida pelo cardeal Arcadeo Larraona, prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos.

A comissão organizadora, presidida pelo rev. dr. Joaquim António de Aguiar, director do Colégio Universitário Pio XII, teve o seu secretariado naquele colégio, onde há pouco se celebrou o V Congresso Mariológico Internacional. Participam nesta peregrinação grupos de várias nações, principalmente de Espanha.

Do programa das solenidades desta manhã, constou uma concelebração, presidida pelo cardeal Larraona na basílica, seguindo-se a emissão dos primeiros votos de dez estudantes noviços e a renovação de votos de outros estudantes do curso de Filosofia e Teologia da Privilégia Portuguesa dos Missionários.

Viagem de estudo de alunos finalistas da Faculdade de Letras

Os alunos finalistas do curso de História da Faculdade de Letras de Lisboa, acompanhados pelo assistente sr. dr. Farinha dos Santos, deram começo à sua visita de estudo, que durará trinta dias.

Vão percorrer a rota mediterrânica das civilizações antigas e visitar os principais monumentos, estações e museus de Espanha, França, Itália, Grécia e Turquia, estudando directamente na origem, na Ásia Menor, um dos maiores focos da civilização humana.

Entre outros locais e cidades de interesse histórico, serão visitadas, nomeadamente, Madrid, Barcelona, Marselha, Génova, Nápoles, Atenas, Istambul, Ankara, Afyon, Ismirna, Éfeso, Pérgamo, Tróia, Bursa e Canakale.

rios Filhos do Imaculado Coração de Maria. Na escadaria da basílica, houve depois uma acção paralitúrgica em honra de Nossa Senhora, concluindo a peregrinação com a procissão do «adeus».

OFERTAS PARA AS CASAS DA ALDEIA S.O.S.

Continua a crescer, felizmente, o número de ofertas para as casas da Aldeia de Crianças S.O.S. As numerosas e valiosas dádivas já registadas há a acrescentar as seguintes:

Serafim Ramos, 30 sacos de gesso; Cerâmica Liz, 700 tijolos refractários; Manuel Machado & C.ª, Lda., talheres inoxidáveis para as três casas; União Central de Gessos, 500 kg de gesso e um donativo para a construção; Soleris, persianas para uma moradia; Rexal, persianas para uma moradia; J. B. Fernandes, ferragens para as casas; Fábrica de Cerâmica Valadares, loiça sanitária para uma casa; Oxidex, revestimento para uma sala; Fábrica Portugal, uma banheira, um fogão e descontos apreciáveis no restante material; Construtora de Esquentadores Cel, um esquentador de 14 litros; J. Costa & Silva, um fogão Far; Impar, 180 m² de parque para as três casas; Cavan, 16 m² de mosaicos; Fábrica de Fiação de Santo Tirso, toalhas para uma casa; Ruy Emauz, uma panela de pressão; Têxtil Vimaranes, Lda., atalhados para uma casa; Vandarsil, Lda., um ferro eléctrico; A. E. G., ferro eléctrico; Robbialac, 25 litros de tinta de água; eléctrico; A. E. G., um ferro eléctrico; Electroluz, Lda., um frigorífico de 210 litros; Fundação de Oeiras, três fogões; Hermann Eibner, uma panela de pressão; Vieira Faustino, 40 m² de tacos.

A Associação das Aldeias de Crianças S.O.S. tem a sua sede na Rua Gomes Freire, n.º 11, letra D, Lisboa - 1 — telefone 53 25 07.

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**
para sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

Exposição Canina Internacional do Estoril

São invulgares a quantidade e a categoria de canídeos concorrentes à 18.ª Exposição Canina Internacional do Estoril, cuja inscrição se encerra no próximo sábado, aguardando-se a vinda a Portugal de alguns campeões de beleza estrangeiros.

Os julgamentos estão a cargo de reputados juizes cinológicos, como Mme. Nizet de Leemans, Mr. J. Owen, drs. António Cabral, José Pereira Gaspar e António Robalo Cordeiro.

A 18.ª Exposição atribuirá, entre outros prémios, os certificados de C. A. C. e de C. A. C. I. B., galardões máximos da canicultura, tão raros como desejados e que, obtidos três, conferem a classe de campeão de beleza, respectivamente nacional e internacional.

A inscrição deve ser feita no Clube Português de Canicultura ou na Junta de Turismo da Costa do Sol.

Reuniões científicas

No Instituto Português de Oncologia Dr. Francisco Gentil

O Instituto Português de Oncologia Dr. Francisco Gentil recebe amanhã, pelas 21 e 30, o cientista norte-americano dr. M. C. Ewen, que, em sessão solene, pronunciará ali uma conferência intitulada «Radiotherapy in hiperbaric oxygen».

Criada a secção de técnicos de contas do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa

Sob a presidência do sr. Jaime Franco, presidente da assembleia geral do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa, realizou-se, na sede da Associação Comercial de Lisboa, nova reunião para apreciação do projecto de regulamento da secção de técnicos de contas, a que compareceram cerca de 200 daqueles profissionais.

Os membros da comissão designada na reunião de 14 de Julho, srs. Jaime Franco, Augusto Vitor de Sevilha, Correia, Rogério Mendes Romão Vieira, Alexandre Ascensão Cardoso, Francisco Maria de Sousa Castro e Joaquim Travassos-Lopes Mendonça Santos, esclareceram todas as dúvidas apresentadas sobre o texto do referido regulamento, que foi aprovado, após larga troca de impressões, em que intervieram os técnicos de contas srs. Albino Rodrigues Maneira, António Ezequiel Ferreira Casanova, António Jacinto Stubles de Lacerda, Augusto da Conceição Pereira, Eduardo José Raimundo Sousa Fortuna, João de Deus Ferreira Gonçalves, José Augusto Antunes, Ludgero Alves Vital e Rui da Mata Gomes Fortuna, e, ainda, os srs. Jaime Franco, Alexandre Ascensão Cardoso e Francisco Maria de Sousa e Castro, pela comissão.

Ficou assim formalmente criada a secção de técnicos de contas, a qual tem como principais objectivos: estudar as questões pertinentes ao trabalho dos profissionais que representa; apresentar superiormente propostas de melhoria de condições da prestação de trabalho; velar pelo cumprimento das leis do trabalho em especial daquelas que visam salvaguardar e defender a dignidade dos profissionais; dar parecer sobre as questões relacionadas com a formação e o trabalho do sector profissional abrangido pela secção; promover acções de formação e de aperfeiçoamento dos profissionais, em ordem à sua valorização profissional e cultural, e contactos com organismos profissionais e culturais afins.

Cabe agora à direcção do Sindicato a designação dos elementos que hão-de constituir a sua primeira comissão directiva.

VIDA SOCIAL

DO ENIE

Teve alta do Hospital de S. José, onde esteve internada, a sr.ª D. Haydée de Jesus Franco, que ali foi assistida pelo sr. dr. José Vieira da Fonseca.

AGORA

ALÉM DOS DESCONTOS DE 35% A 55%

QUANDO TOCAR A CAMPAINHA

LEVARÁ COMPLETAMENTE

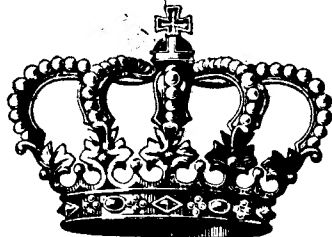
GRÁTIS

AS COMPRAS EFECTUADAS
NESSE MOMENTO EXACTO

ESTE É MAIS UM

BRINDE SENSACIONAL

DA



SAPATARIA

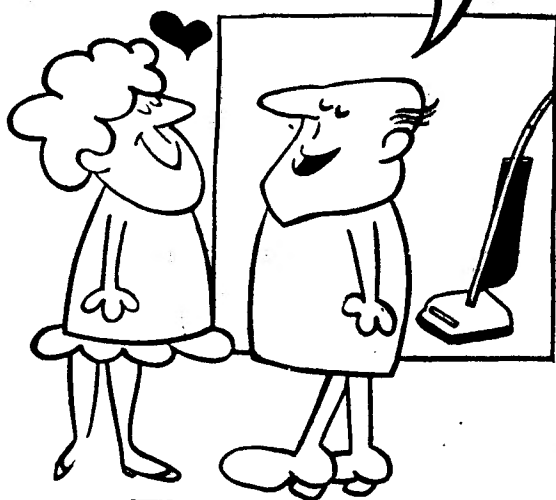
LVIS XV

Rua Augusta, 209

NO INÍCIO DAS COMEMORAÇÕES DO SEU

Xº ANIVERSÁRIO

SE É **RUTON** ACHO BEM!



RUTON

frigoríficos
aspiradores
enceradoras
ferros eléctricos

A marca já consagrada em 7 países da Europa
está agora às suas ordens em Portugal

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente limpo, o vento era fraco e havia nevoeiro em alguns locais da costa, para norte do cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 36°; Braga, 10°9.

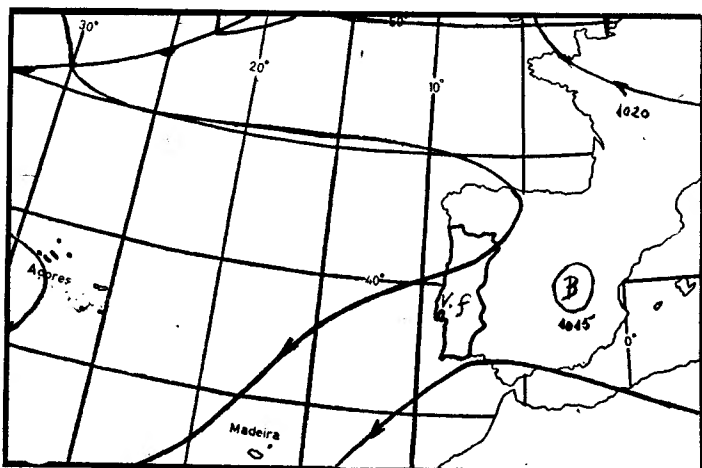
TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 18°; Faro,

27°; Funchal, 23°; Lisboa, 22°; Penhas Douradas, 20°; Portalegre, 25°; Porto, 16°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 22°7; na água do mar, 16°3.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS — Máxima: 29°5; mínima, 17°4. No mesmo dia do ano passado — Máxima: 31°4; mínima, 19°2.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognósticos para às 24 horas de hoje)

A — Anticiclone (alta pressão)
B) — Depressão (baixas pressões)
— Isóbaras (imb)

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 23 — Uma massa de ar transportada na circulação conjunta do anticiclone dos Açores e da depressão de origem térmica influenciará o estado do tempo no continente.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ



SOL



AMANHÃ
Nascer às 6 e 57
Ocaso às 20 e 22

MARES



PREIA-MAR: Dia 22 — As 5 e 32 (3,9 m); 17 e 54 (4,2 m). Dia 23 — As 6 e 10 (3,8 m); 18 e 30 (4 m). Dia 24 — As 6 e 40 (3,7 m); 18 e 55 (3,8 m).

BAIXA-MAR: Dia 22 — As 11 e 05 (1 m); 23 e 34 (1 m). Dia 23 — As 11 e 40 (1,1 m). Dia 24 — As 0 e 6 (1,1 m); 12 e 10 (1,1 m).

FASES DA LUA

☾ ☉ ☽ ☿
Dia 28 Dia 4 Dia 11 Dia 18

ANTEVISÃO DAS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS MÉDIAS, NO CONTINENTE, ATÉ 5 DE SETEMBRO — Predomínio do céu pouco nublado, vento fraco a moderado de noroeste, nortada moderada durante a tarde no litoral da Estremadura e Beira Litoral, nevoeiros ocasionais na faixa costeira ocidental a norte do Cabo da Roca e temperatura média do ar próxima dos valores normais na época.



Uma parte dos estudantes durante a sua permanência na Portela

Duzentos jovens americanos transformaram a sala de trânsito do aeroporto em recreio

Cerca de duzentos rapazes e raparigas, estudantes norte-americanos, do Foreign Language League Students from United States, transformaram num recinto de recreio o ambiente cosmopolita da sala de trânsito do aeroporto da Portela, onde estiveram retidos durante quinze horas, por o avião em que deviam embarcar ter sofrido uma avaria em Amsterdão.

Os jovens, todos de idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos (apenas cinquenta eram do sexo masculino), fizeram da sala um local de acampamento, comendo, bebendo e divertindo-se, sem no entanto prejudicarem o funcionamento da mesma ou molestar os restantes passageiros. O avião deveria ter saído às 10 horas de ontem, mas só chegou ao aeroporto às 3 horas da madrugada de hoje. Esse contratempo não os fez desmover: tocaram guitarra e dançaram; beberam e comeram, até esgotarem as reservas monetárias e as do bar.

Começaram por devorar 300 bolos, 200 laranjas, 100 bananas, centenas de «sandwiches» e cerca de mil refrescos. Depois, veio a refeição por conta da companhia transportadora (a Capitão International Airways) e foi a conquista de todas as mesas do restaurante, vendendo-se a gerência obrigada a fechar o restaurante anexo. Comeram bem. Era o fim da tarde e o avião não chegava. A espera prolongou-se e dinheiro não havia: cantaram, dançaram e beberam água fresca, a única coisa que não custava dinheiro. Os empregados do bar da sala de trânsito amavelmente abasteciam a rapaziada de água fresca (eles tinham já sido bons clientes).

Os jovens, acompanhados por seis professores, terminavam um passeio a Espanha e a Lisboa (estiveram três dias na Costa do Sol). Rita Fletcher, jovem de cor alegre e muito faladora, disse-nos:

— Ficámos com pena de as cinco semanas não terem sido aqui passadas. Em Portugal, encontramos uma gente diferente, mais acolhedora, e

uma mocidade muito simpática... especialmente os rapazes...

Jim Smith, um rapagão louro, dos seus 18 anos, agarrado a uma guitarra, tentava adormecer uma companheira, um pouco cansada. Ouvindo a declaração da colega, abanou a cabeça e disse:

— Que lindas raparigas há em Portugal...

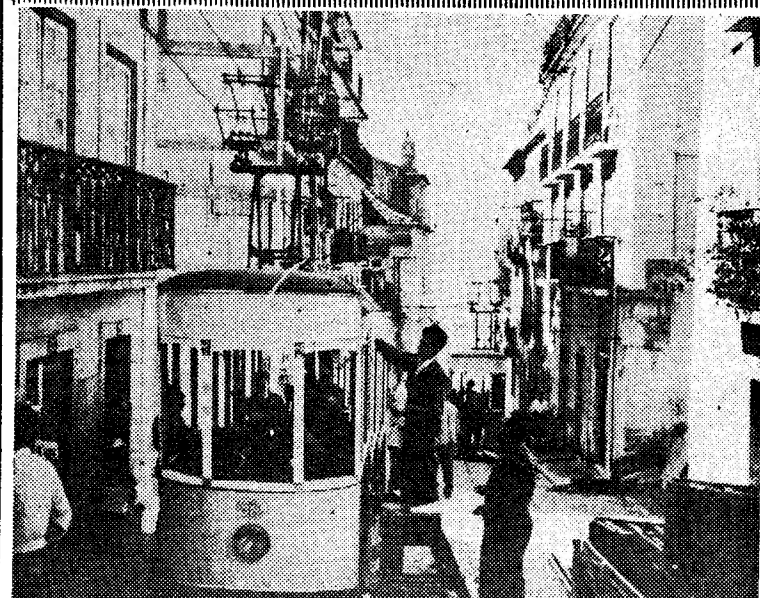
Jim Smith, vivaz, exprimiu a sua mágoa por não poder estar na praia:

— Não estamos descontentes com este contratempo. Acontece em toda

a parte, mas, francamente, estas quinze horas seriam mais agradáveis nas belas praias da Costa do Sol e a percorrer Lisboa.

No bar, encostada ao balcão, muito concentrada na leitura de um jornal, uma jovem de origem japonesa: Sue Kimen. Sorriu á nossa pergunta do que pensava de tantas horas no aeroporto:

— É pena, tantas horas perdidas aqui, quando Lisboa é uma cidade extraordinária. Um passeio nocturno seria tão agradável a todos... Paciência...



A PÉ, PELAS ESCADINHAS — A partir de hoje, e até ao próximo dia 6, portanto, durante quinze dias, segundo se prevê, não funcionará o elevador da Bica. Os dois veículos que habitualmente transportam os viajantes de S. Paulo ao Calhariz estão, por isso, imobilizados a meio da calçada. A sua volta um dúzia de operários esfregam, pintam, martelam, oleiam, de forma que, no próximo mês, os passageiros da Bica encontrem o seu elevador como novo. Entretanto, durante quinze dias, há que aguentar uma pequena grande subida (ou descida) diária... pelas escadinhas!

Comissariado do Turismo

O sr. João Luís Strecht Ribeiro foi nomeado, interinamente, chefe da repartição de Actividades Turísticas do Comissariado do Turismo.

CAMISAS

Branças, de qualquer espécie de tecido natural ou sintético, lavadas com NILAVE, ficam com um branco imaculado de neve e nunca amarelecem. As roupas de cor ficam com as cores mais vivas e mais brilhantes. Produto único no género da **Fábrica Casulo**. — Cada pacote, dando para lavar pelo menos 7 camisas, custa apenas 3\$30. A venda nas melhores Drogarias do País.

O estado das culturas

Segundo o «Boletim Meteorológico para a Agricultura» referente à segunda década do mês em curso, os arrozais estão a desenvolver-se satisfatoriamente e os milhares de sequeiros apresentam fraco crescimento, principalmente no Algarve, enquanto os de regadio têm bom aspecto vegetativo e estão a espigar bem.

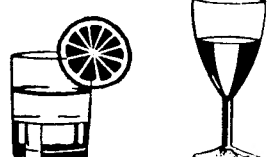
Os pomares têm em regra muito fruto e a produção das vinhas está a ser afectada por desavinho e ataques de mildio e oídio. Os olivais e montados de azinho e sobre apresentam bom vingamento e o aspecto vegetativo e a frutificação dos tomatais são bons.

Houve ataques de pedrado nas pereiras e nas macieiras e de escarvalho nos batatais, e fizeram-se cavas, gradagens, mondas nos arrozais, colheita de fruta e batata, tratamentos fitossanitários, etc.

PORTO BRANCO



APERITIVO COSMOPOLITA



SANDEMAN

GUIA TURÍSTICO

PARA NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

DE LISBOA À COSTA BRAVA

(6.º E ÚLTIMO APONTAMENTO)

UM dos atractivos maiores — e, sem dúvida, mais expressivos — da armadura turística espanhola é a Costa Brava, cujo aproveitamento racional se poderá considerar a prova inofensiva do extraordinário poder de iniciativa e realização de técnicos e empresários do país vizinho. Não importa discutir se aquele litoral, polvilhado de numerosas e categorizadas estâncias é ou não o mais capaz da orla mediterrânica, o que detém melhores e mais caracterizadas belezas naturais e desfruta de melhor clima ou de extensas praias de areia fina e branca. O que interessa acentuar é a realidade turística da Costa Brava, procurada, todos os anos, por milhares e milhares de veraneantes, nomeadamente franceses e alemães, devido a promoção criteriosa e bem conduzida e da qual se retiram largos proveitos. Tudo isto só foi possível porque se decidiu, corajosamente, a mobilização oportuna de largos recursos, numa política verdadeiramente integrada, a par de facilidades e estímulos vários concedidos a nacionais e estrangeiros, muito em especial nos sectores hoteleiro e de transportes aéreos.

Os resultados positivos e espectaculares deste intenso labor estão agora bem à vista e permitiram colocar a Espanha num dos lugares cimeiros do turismo internacional. Quaisquer reservas que possamos fazer a métodos utilizados, a resultados concretos alcançados, comparando-os com alguns factores negativos sempre ligados à invasão indiscriminada de visitantes de latitudes diversas e nem todos dotados do bom-senso indispensável e de requisitos morais bastantes, não abalam, nem diminuem, o grandioso edifício erguido, laboriosamente, pelo turismo espanhol, e cedem passo aos resultados fabulosos no plano económico, embora se possam ainda averbar outras vantagens de carácter social e até cultural e educativo, provenientes de uma vivência cada vez mais alargada, de âmbito europeu e mundial. Se o turismo massivo pode ser atacado, atendendo a determinados casos, aliás de influência e repercussão restritas, não há dúvida, porém, que é das realizações mais espantosas e influentes do nosso tempo, autêntica vitória da convivência humana de diferentes étnias e credos religiosos e políticos — demonstração certa e eficaz de coexistência pacífica.

NÃO podemos ter a pretensão de uma descrição exaustiva e completa da Costa Brava, que visitamos parcialmente e durante breves horas. Mas afigura-se com bastante interesse proporcionarmos aos nossos leitores a visão, ainda que fugidia, de uma zona superpovoada e cosmopolita (nomeadamente na época balnear), que constitui hoje relevante pólo de atracção em todo o Mundo, perfeitamente em igualdade de circunstâncias com outras maravilhas turísticas do Mediterrâneo.

A Costa Brava, conforme se sabe, estende-se desde a povoação de Blanes (junto da Costa Dourada) até à linha fronteira francesa e coincide exactamente

com o litoral da provincia de Gerona (Catalunha), no nordeste de Espanha. Por motivo da beleza digamos agressiva da sua paisagem mais vulgar, pelo seu litoral de reentrâncias e saliências rochosas, se convencionou denominar (ainda não há muito tempo) aquela progressiva região de Costa Brava, classificação que é, todavia, desmentida pelo seu clima suave e temperado, mesmo no Inverno. Predominam ali o céu azul, a água transparente e de agradável temperatura e tonalidade. A intercalar os trechos alcantilados da costa, topa-se, de quando em vez, grandes e pequenas praias, de areias agradáveis, abrigos solitários entre rochedos abruptos, cavernas lançadas na semiobscuridade.

Desde tempos imemoriais que fenícios, gregos e romanos se estabeleceram na Costa Brava, fundando povoações e outros núcleos comunitários, de que ainda restam vestígios e que se mantiveram até aos nossos dias: Rosas, Lloret de Mar, Tossa de Mar e Castell (Palamós) são aglomerados detentores de valiosos patrimónios, nomeadamente mosaicos, muralhas, torres, castelos e mosteiros. Todo este sugestivo e recortado litoral, mercê da sua magnífica localização geográfica e importância estratégica, foi cenário de guerras, desembarques e actos de pirataria, que explicam muitas das antigas fortificações construídas ao longo da costa, nos melhores pontos e de onde se rasgam vastos horizontes. Anote-se, a propósito, que a mão do homem tem sabido conservar e valorizar inteligentemente esses valores históricos, não só por constituírem lição proveitosa e esclarecedora legada pelos antepassados e fonte de estudo preciosa para naturais e visitantes, mas também por se apresentarem com o maior inte-



Um dos casos mais espantosos e significativos do desenvolvimento do turismo em Espanha é, sem dúvida, Lloret de Mar, porventura o núcleo mais importante ou expressivo da Costa Brava. Numerosos hotéis e outros estabelecimentos similares se reúnem ali para servir o turista, a par com as recreações diurnas e nocturnas mais emotivas e conforme as preferências dos visitantes. Nada falta em Lloret para satisfazer o turista, por mais exigente que possa ser. Isto justifica uma indústria poderosa, que se alarga a todos os pontos do território do país vizinho, susceptíveis de aproveitamento, por menores que sejam as suas possibilidades.

DE CAIA A FÁTIMA

— um dos itinerários
dos «Caminhos da Fé»

A demarcação dos melhores e mais adequados itinerários turísticos, servidos de transportes fáceis e de outros elementos de apoio, deverá constituir um dos motivos da esquematização em curso. Estes circuitos interessam não só ao desenvolvimento do chamado turismo interno — de âmbito muito vasto e envolvendo particularidades de índole económica e social e até educativa —, mas também à promoção do turismo externo. Da conjugação certa destes dois factores, da manutenção esclarecida de um equilíbrio que deverá ser reajustado a todo o momento, dependerá, em boa medida, o êxito de uma actividade que envolve largos capitais e emprega numerosa mão-de-obra.

Afigura-se, portanto, com muito interesse o estabelecimento dos itinerários designados por «Caminhos

da Fé», os quais visam, muito em especial, a condução dos fiéis (e dos turistas em geral, portugueses e estrangeiros) até ao Santuário da Cova de Iria. Esta magnífica e oportuna iniciativa — a que temos prestado, nesta secção, a devida divulgação — enquadra-se no programa das comemorações do Cinquentenário de Fátima, motivação religiosa que tem servido, com vantagem, a indústria nacional de turismo.

Esta semana escolhemos o circuito de Caia a Fátima. Trata-se de bem elaborado percurso, que, desde uma das fronteiras terrestres mais movimentadas, conduz os turistas por alguns dos principais atractivos de Portugal continental. Foram demarcadas duas rotas, uma directa com a extensão de 283 quilómetros, e outra turística, de 331. Ambos os percursos e uma outra derivante, por Santarém, se encontram devidamente assinalados no esquema que junto publicamos.

Atractivos principais

Em referência aos diferentes traçados deste circuito de Caia a Fátima, vamos alinhar algumas notas informativas a propósito dos principais pontos que podem ser visitados pelos turistas de aquém a além-fronteiras.

ELVAS — Antiga Sé • Igrejas de S. Pedro, dos Dominicos e das Dominicãs • muralhas • forte de Nossa Senhora da Graça • Aqueduto da Amoreira • Museu Arqueológico e Etnográfico Municipal (na Biblioteca Municipal — edifício do antigo Colégio dos Jesuítas)

VILA VÍGOSA — Castelo • igreja e claustro do Convento das

Chagas (séc XVI) • igrejas dos Agostinhos, da Esperança, de Nossa Senhora da Conceição, de S. Bartolomeu e de S. Francisco (túmulo do 1.º Duque de Bragança) • matriz de Vila Viçosa • Museu-Biblioteca da Casa de Bragança (no Paço Ducal).

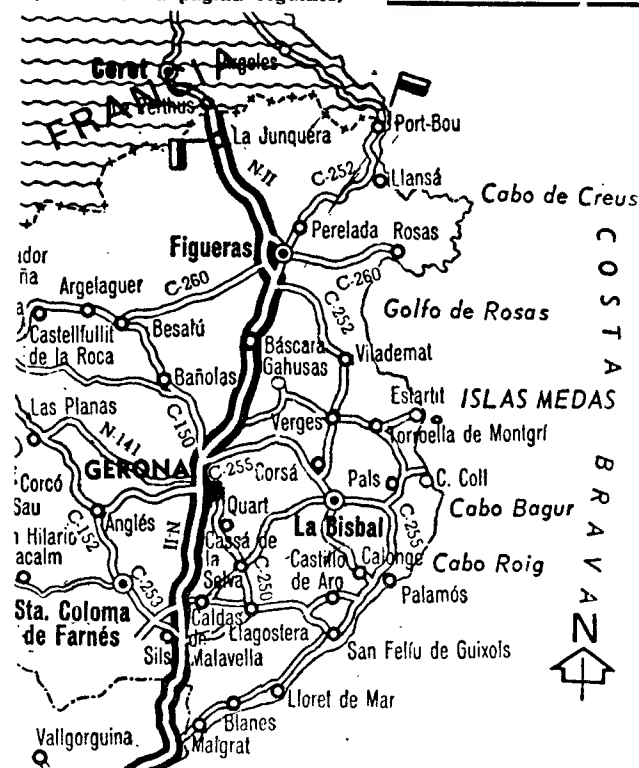
ESTREMOZ — Capelas de D. Fradique de Portugal e de Nossa Senhora dos Mártires (ábside gótica) • igreja de S. Francisco • claustro da Misericórdia • castelos de Estremoz, Évora Monte e Veiros.

Outros motivos

EVORA — Sé Catedral • igreja da Cartuxa — Scala Coeli • ermida de S. Brás • Convento de S. Bento de Castriz • frontaria da igreja da Graça • Conventos do Monte Calvário e de Santa Clara • ermida de S. Miguel • Palácio de D. Manuel • capela de Nossa Senhora do Espinheiro • capela e claustro da Mitra, na Herdade da Mitra • templo romano (século II ou III da era Cristã) • Colégio do

(Continua na página seguinte)

(Continua na página seguinte)



A Costa Brava — nome famoso do turismo espanhol e internacional — estende-se desde a povoação de Blanes até à linha fronteira francesa (Port-Bou) e coincide, exactamente, com a provincia de Gerona, no nordeste do país vizinho. Reproduzimos um apontamento esquemático desse litoral superpovoado e cosmopolita, onde se assinalam algumas das principais estâncias de veraneio.

A. GAMA REIS
(MR. CORK)



Member of Portuguese Chamber of Commerce

WELCOMES YOU AT
Casa das Cortiças
(CORK HOUSE)

AND AT
Metropolis

(Mrs. Cork's Souvenir Shop)
R. ESCOLA POLITÉCNICA — 10
LISBON phone 325858
(Portugal) tele. gram. Isolantes

AMERICAN EXPRESS CREDIT
CARDS HONOURED HERE



COSTA BRAVA

(Continuação da página anterior)

resse para o desenvolvimento do turismo.

A linha fundamental de comunicações terrestres entre Barcelona e a Costa Brava é o caminho-de-ferro, embora exista uma rede rodoviária magnífica, constantemente aperfeiçoada e servida por modernas auto-estradas. As ligações ferroviárias processam-se desde a capital da Catalunha até à fronteira francesa (Port-Bou). Acentue-se, no entanto, que este sistema transportador não proporciona acessos directos à maior parte das estâncias localizadas junto do mar, de modo que se completa com frequentes e perfeitamente interligadas carreiras de autocarros. Aponta-se, ainda, a existência do serviço ferroviário (via reduzida) entre Girona e San Feliu de Guixols, consagrado núcleo turístico. Por sua vez, o tráfego aéreo tem o seu fulcro principal situado no aeroporto internacional de Girona (há pouco inaugurado e numa zona equidistante de qualquer das estâncias da Costa Brava), onde, todos os dias, chegam e partem aviões «charters», que estabelecem contacto com os principais aeroportos europeus, não se opondo às respectivas empresas alugadoras — normalmente poderosas agências de viagens — quaisquer embarques. Este um dos «segredos» do êxito crescente do turismo espanhol...

Dos núcleos mais importantes da Costa Brava — e que visitamos — merece anotação especial Lloret de Mar. Trata-se de pitoresca povoação, erguida a rasar as águas do Mediterrâneo e com uma população (normal) à volta de cinco mil habitantes. Pois bem, Nesta estância — cujo nome dirá pouco à maioria dos portugueses — existem nada menos do que 250 unidades hoteleiras e três grandes parques de campismo! Nas épocas de ponta chegam a reunir-se ali cerca de 50 mil estrangeiros, predominantemente estrangeiros. Isto dá bem a medida da grandeza turística da Costa Brava, observada através de um simples sector, embora seja o maior ou, pelo menos, o mais conhecido de todos, opinião que poderá ser compreensivelmente contrariada.

LLORET DE MAR, conforme referimos noutro passo desta crónica, é de fundação antiquíssima e ainda hoje ali existem alguns vestígios da ocupação romana. Dispõe de bela praia, de areias claras e limpas, que excede um quilómetro de extensão e é literalmente ocupada pelos turistas durante o Verão. Dista 40 quilómetros de Girona, capital da Costa Brava, 70 de Barcelona e 100 de um ponto da fronteira francesa (La Junquera), proporciona portanto acesso fácil por qualquer das três fronteiras utilizadas: terrestre, marítima e aérea.

Aquela magnífica estância é caracterizada pela beleza das

suas paisagens e oferece equilibrada mistura de atractivos marítimos e de montanha. São justamente célebres as audições típicas e populares de «sardanas», que se efectuam todas as noites de sábado, na época de veraneio, e os festivais do apreciado folclore espanhol. Desportos marítimos e náuticos e «cruceros turísticos» que se estendem ao longo do litoral da Costa Brava (existem três empresas, dispoendo de excelente e adequada frota de rápidas e confortáveis embarcações), festas de sociedade e outras recreações constituem toda uma infra-estrutura indispensável ao veraneante. A fim de fornecermos uma imagem esquemática das recreações localizadas em Lloret de Mar, bastará registar os seguintes e significativos números: 115 bares e «snaks», 22 salas de festas e clubes de noite, 8 piscinas, 100 estabelecimentos de comércio turístico, estádio municipal, praça de touros, «courts» de ténis, campos de golfe e de equitação e miniautocarros, que percorrem, incessantemente, o aglomerado urbano e conduzem os turistas até à praia.

Nas imediações próximas de Lloret encontram-se, ainda, as seguintes praias: Canyellas — situada em duas pela rocha denominada «El Carquinyol». Santa Cristina — onde se ergue famosa ermida e se celebra, anualmente, muito curiosa e tradicional procissão; praia tranquila, rodeada de denso arvoredo. Fatales — praia muito aberta, limitada por rochas de singular beleza. Qualquer destes três agradáveis locais serve de evasão aos veraneantes que preferem o sossego retemperador ao bulício trepidante de Lloret de Mar. Por outro lado, constituem excelentes meios de apoio e estão a seguir uma linha de desenvolvimento muito significativa.

OUTRA estância por nós visitada, com alguma demora, foi Tossa de Mar, situada mais a norte de Lloret e já perto de San Feliu de Guixols. Pequena cidade de origem igualmente pré-romana, possui uma população calculada em 12 mil habitantes. Nela ainda existem algumas muralhas que datam do século XII e uma antiga zona residencial: Vila Vella. Numeroso e próspero comércio se consagra ali a atender os numerosos visitantes. A praia, talvez com a extensão de 500 metros, em forma de arco de ferradura perfeito, é muito procurada pelos turistas estrangeiros. Dispõe de interessante museu e de um farol de linhas imponentes. É bem conhecida e importante a indústria de pesca de Tossa, cuja faina constitui um outro motivo de atracção para os estrangeiros. A capacidade hoteleira de Tossa de Mar está calculada em 3253 quartos, demarcados em algumas modelares unidades, mas decorrem estudos para aumentar estas já valiosas condições de recepção e estada. Existem ainda ali, a dois passos,

Tossa de Mar — de que fixamos uma vista geral — é dos núcleos mais atractivos da Costa Brava. Cidade de origem pré-romana e com muralhas do século XII, desenvolve-se ali florescente comércio relacionado com o turismo. A praia de Tossa, embora pequena, é muito procurada pelos veraneantes estrangeiros, que se entusiasma não só com as paisagísticas locais e a quietude daquela região marítima do Mediterrâneo, servida de clima muito saudável, mas também com o labor característico da faina piscatória. Por todo o lado se aperfeiçoam os meios de apoio ao progresso do turismo local, avultando uma rede hoteleira em constante expansão

refugios naturais e isolados, próprios para a prática de campismo, salientando-se Cala Bona e Cala Pola, e uma praia quase selvagem: Girabola, que está a ser cada vez mais procurada. Distâncias entre Tossa de Mar e os principais (e mais próximos) aglomerados urbanos: Girona, 39 quilómetros; Barcelona, 83; Port-Bou, 114; e La Junquera, 96.

Concluimos esta série de apontamentos com uma informação mais respeitante à capacidade hoteleira (número total de quartos) das primeiras estâncias turísticas da Costa Brava, citando-as no sentido sul-norte, da Costa Dourada até à fronteira francesa: Blanes, 1854; Lloret de Mar, 8809; Tossa de Mar, 3253; San Feliu de Guixols, 1820; Playa de Aro, 1535; San Antonio de Calonge, 868; Palamós, 860; Palafrugell, 246; Bagur, 520; El Estarrit, 1067; Rosas, 1694; Llançà, 350; e Port-Bou, 259. Afigura-se que esta rápida citação estatística dispensa comentários. Insiste-se, contudo, no facto de estes números apenas vincularem a capacidade das unidades hoteleiras, não entrando em linha de conta com os numerosos parques de campismo e de estacionamento de caravanas. Tudo isto explicará um pouco, supomos, o êxito da promoção turística ao redor da Costa Brava — que apenas é, afinal, um dos vários sustentáculos da respectiva e marcante indústria nacional.

C. M.

O APROVEITAMENTO DO ESPAÇO TURÍSTICO PORTUGUÊS

São muito vastas e variadas as possibilidades turísticas do espaço português. No entanto, e sem desconhecermos quantas dificuldades existem nos sectores hoteleiro e das comunicações, afigura-se que a solução dessa problemática só será possível pela integração efectiva do território, conforme vem, aliás, a suceder.

O facto de existirem problemas diferenciados nas diversas parcelas — e ainda que haja necessidade de respeitar aspectos peculiares perfeitamente defensáveis — não invalida a criação de um departamento centralizador. Seja, porém, como for, teremos de assinalar o facto de os transportes aéreos, cada vez mais aperfeiçoados e numerosos, estarem a cumprir missão de transcendente relevância na integração do espaço turístico nacional.

Havemos então de formular votos pela multiplicação das carreiras da TAP e pelo abaixamento das respectivas tarifas e outras taxas, sempre que tal for possível. Na gravura que publicamos, reproduzimos a imagem de um dos gigantes dos ares que se encontram ao serviço do tráfego dos Transportes Aéreos Portugueses — o «Boeing 707 — 320 B».

OS «CAMINHOS DA FÉ» SÃO ITINERÁRIOS BEM DEMARCADOS E DE MUITO INTERESSE TURÍSTICO

(Continuação da página anterior)

Espírito Santo, compreendendo o portal renascença ● palácio dos antigos condes de Basto (séc. XVI) ● Aqueduto da Prata (séc. XVI) ● chafariz da Praça do Giraldo e das Portas de Moura ● janela manuelina do prédio n.º 31 e 33 da Rua da Moeda ● janelas da frontaria do antigo Palácio dos Sepúlvedas (Rua da Lagoa, 78) ● castelo do Valongo ● parte do edifício em que se encontram, no denominado Palácio da Inquisição, pinturas murais ● mirante do prédio n.º 26, às portas de Moura ● castelo e torre dos Coelhoes ● forte de Santo António ● igrejas de S. Francisco (capela dos Ossos) e dos Lóios ● Museu Regional (edifício do Palácio Arquiepiscopal).

MONTE-MOR-O-NOVO — Conjunto da igreja e cripta de S. João de Deus ● castelo.

SANTARÉM — Igrejas de Santa Clara, de Santo Estêvão (Santo Milagre) e do Seminário ● janela manuelina, numa casa da Praça de Sá da Bandeira ● restos das muralhas e porta de Sant'Iago ● torre das

VILA NOVA DE OURÉM — Castelo ● casas onde nasceram os videntes de Fátima, em Aljustrel, freguesia de Fátima.

Cabanas ● capela de Nossa Senhora do Monte ● igrejas da Graça (séc. XIII — túmulo de Pedro Álvares Cabral), de Santo Agostinho, Nossa Senhora da Piedade, S. João de Alporão (séc. XIII — românico-gótico — Museu Arqueológico), Almoite e as ruínas do respectivo claustro, Santa Cruz da Ribeira e Santa Maria de Marvila ● fonte das Figueiras, vulgarmente chamada

fonte Mourisca ● edifício e igreja da Misericórdia ● igreja de Santa Iria (séc. XVII — neste templo se guarda uma imagem de Cristo crucificado, em madeira, que, segundo se admite, é a mais antiga do seu género no País) ● padão de Santa Iria ● Museu dos Coches.

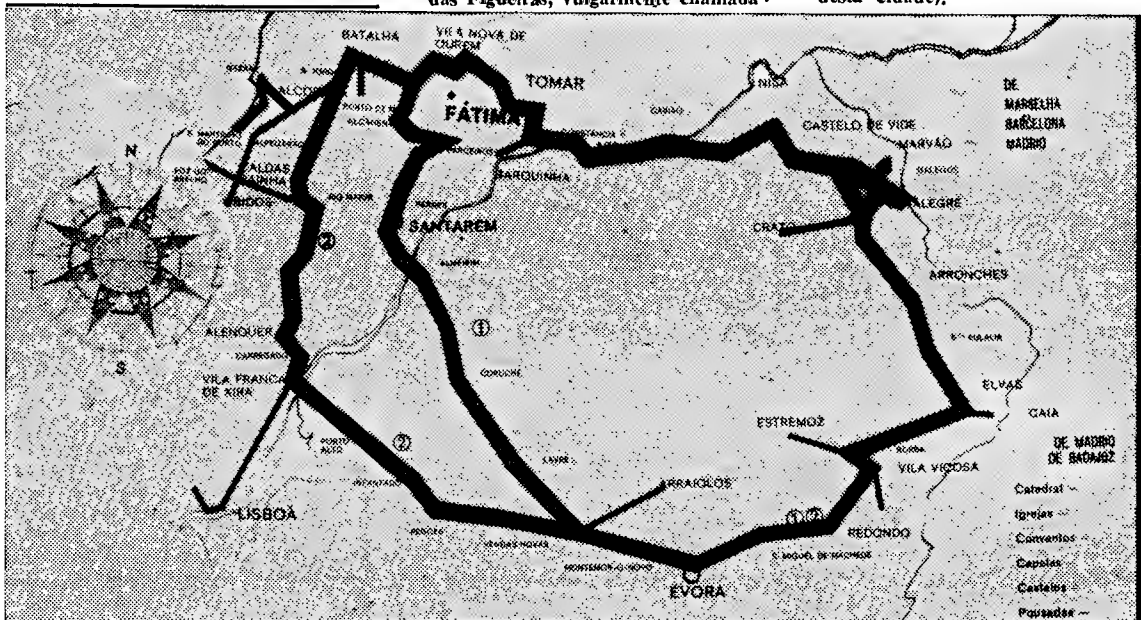
Informações finais

PORTALEGRE — Sé ● igrejas de S. Bernardo (Museu Municipal) e da Misericórdia e respectivo consistorio ● castelo de Alegrete ● Convento de Santa Clara e conjunto de todas as construções que o enquadram ● muralhas do castelo.

NISA — Muralhas ● ponte medieval sobre a ribeira de Figueiró, conhecida na região por ponte romana de Abarrol ou ponte romana de Vila Flor, situada a cerca de doze quilómetros de Monte Claro ● castelo de Amieira ● capela do Calvário, na vila de Amieira ● fonte da Pipa (séc. XVI — renascença) ermida de Nossa Senhora dos Prazeres (séc. XVI), localizada a três quilómetros de Nisa.

ABRANTES — Igrejas de S. Vicente e de S. João Baptista ● castelo ● Museu Regional de D. Lopo de Almeida (instalado na igreja de Santa Maria do Castelo).

TOMAR — Mosteiro de Cristo ● aqueduto do Convento de Cristo ● ermida de Nossa Senhora da Conceição ● igrejas de Santa Maria dos Olivais e de S. João Baptista ● capelas de S. Lourenço e padão de D. João I e de S. Gregório ● castelo ● igrejas de Santa Iria e das Areias (esta na freguesia de Pias) ● fonte de S. Lourenço ● padão de D. Sebastião (próximo desta cidade).



O esquema de itinerários do circuito de Caia a Fátima, com aproveitamento criterioso de alguns dos principais atractivos turísticos do País

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província de Moçambique, os seguintes militares:

NOVO PRESIDENTE DO CONSELHO PROVINCIAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MOÇAMBIQUE

Efectua-se depois de amanhã, às 11 horas, na Direcção-Geral de Administração Política e Civil do Ministério do Ultramar, o acto de posse do novo presidente do Conselho Provincial de Educação Física de Moçambique, sr. professor Noronha Feio. A posse será-lhe conferida pelo sr. dr. Cruz Alvará, director-geral e secretário-geral do Ministério, na presença do sr. dr. Justino Mendes de Almeida, director-geral da Educação do Ultramar.

de Moçambique, junto á fronteira Norte, o furriel miliciano Rui Santos Ribeiro, natural de Serrades (S. Pedro do Sul), filho do sr. Joaquim Marques e da sr.ª D. Silvina Oliveira Dias; os soldados 00698366, Adérito Santos Ferreira, natural de Figueiredo das Donas (Vouzela), filho do sr. Fernando Ferreira e da sr.ª D. Maria do Carmo Santos Ferreira; 00879466, Manuel Pereira Cairão, natural de Resende, filho do sr. José Pereira Cairão e da sr.ª D. Felismina Soledade Cairão; 00756566, Manuel Costa Mirassol, natural de Lagos, filho do sr. Manuel S. Mirassol e da sr.ª D. Maria da Conceição Costa Mirassol; e 73131066, Matis Lima, natural de Moçambique e pertencente ao respectivo recrutamento provincial.

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e serveria OS UNIDOS.

Foi preso um dos gatunos

que actuavam no Barreiro

BARREIRO, 22 — A. G. N. R. desta vila capturou Fernando Manuel Jorge Joaquim, o «Boleta», de 21 anos, solteiro, sem profissão e sem residência certa, que era procurado por aquela autoridade por, há meses, ter praticado diversos assaltos nesta vila, entre os quais a uma fábrica de cortiça, a um armazém de ferragens e ao depósito de máquinas da C. P. O larário foi surpreendido na residência da namorada, na Rua 1.ª de Dezembro, de onde tentou escapar-se, saltando por uma janela. Não conseguiu, no entanto, evitar ser preso. Dos mesmos roubos são também cúmplices Luis Alberto Ferreira, o «Canejo» e Carlos Alberto Teixeira Guerra, o «Malaguetta», ambos presos na cadeia do Montijo.

Dizem os leitores...

«Zebras e cavalos»

A «Nota do dia», publicada sob o mesmo título e tratando de um aspecto crucial do problema do trânsito, suscitou largos aplausos e comentários e sugestões por parte de inúmeros leitores. Outras cartas sobre o assunto nos têm chegado ainda; e, de entre elas, a que reproduzimos, assinada pelo sr. Francisco Trindade Calha:

«Li, com bastante interesse a «Nota do dia», recentemente publicada no «Diário de Lisboa», sob o título «Zebras e cavalos» e os comentários oportunos que alguns leitores teceram, mais tarde, sobre a mesma. Conquanto esteja inteiramente de acordo com as críticas que nela se fazem sobre o desrespeito de alguns automobilistas pelos mais elementares sinais reguladores do trânsito, não quero deixar de fazer algumas considerações relacionadas com tão grave problema.

«Antes de mais, quero frisar que não possuo automóvel, sendo, portanto, os meus comentários desprovidos de qualquer pseudodefesa dos automobilistas. Sucede, todavia, que verifico constantemente, que nem só o automobilista é o culpado pelo estado calamitoso em que se processa o trânsito nas ruas de Lisboa, ou de qualquer outra cidade. Existem muitas responsabilidades do peão para que tal estado se verifique e agrave. Todos sabemos como o peão português está mal educado, ou mal informado, sobre os princípios que deve observar e respeitar para que a sua colaboração se torne útil na solução dum problema que é de todos nós. Para ilustrar o que acabo de dizer, cito um caso concreto que presencio todos os dias.

«À entrada norte do Rossio, no acesso aos Restauradores, junto ao Teatro D. Maria e do lado oposto, junto às cabinas da Companhia dos Telefones, existem resguardos impedindo que os peões atravessem aquela artéria. Pois quem passar por ali, a qualquer hora, poderá presenciar alguns peões que, desrespeitando o preceituado pela lei, atravessam, precipitadamente, com risco da própria vida, aquela artéria. Pergunto: — Por que razão não é reprimida, por quem de direito, esta flagrante falta de respeito para com as normas reguladoras do trânsito na cidade?

«Mais acima, á entrada dos Restauradores, existem passagens subterrâneas que permitem a passagem, de um passeio para o outro, em condições de absoluta segurança. Pois o numero de peões que utilizam aquelas passagens para atravessarem a praça é diminuto. Pergunto: — Porque motivo não é suprimida a passagem de peões por aquela artéria? Não seria, deste modo, muito mais fácil o escoamento do tráfego automóvel que a qualquer hora do dia ou da noite é intensíssimo no local?

«Julgo que ninguém se preocupa em indicar ao peão quais as obrigações a que se deverá sujeitar para facilitar o trânsito na cidade. Não deveriam ser a imprensa ou as autoridades municipais as primeiras a debruchar-se sobre este problema? Sabemos que a culpa pertence aos automobilistas e aos peões. Mas, se, com vista, princ-

palmente, á segurança dos primeiros se organizam campanhas de prevenção, porque não organizar para os peões campanhas de informação, e, igualmente, campanhas de repressão contra as muitas e variadas formas de transgressão que presenciamos e praticamos todos os dias? Parece-me que o problema, sendo de todos, deverá igualmente ser solucionado com a ajuda de todos».

Dois acidentes mortais em Leiria

LEIRIA, 22 — Foi vítima da explosão defronte de gasolina de uma bicicleta motorizada o menor Julio Vicente dos Remédios, de 6 anos. A explosão foi provocada por uma candela que estava acesa e que inflamou o combustível.

Encontrando-se próximo, o pai do pequeno, sr. José Ribeiro dos Remédios, foi em seu auxílio sofrendo queimaduras nas mãos.

Ambos foram transportados ao hospital desta cidade. O pequeno Julio Vicente faleceu durante a noite e o pai recebeu tratamento e recolheu a casa.

No momento em que o electricista Joaquim António Veríssimo Passinhos, de 24 anos, solteiro, funcionário dos Serviços Municipalizados desta cidade, se encontrava em cima de um poste da Avenida Marques de Pombal caiu e fracturou o crânio.

O infeliz operário, que residia no Bairro Prisão-Escola, foi logo conduzido ao hospital, onde faleceu pouco depois.

Altos cargos universitários

Foram nomeados: o dr. António Gão, director do Gabinete de Astronomia da Faculdade de Ciências de Lisboa; o dr. Kurt Jacobsohn, director do Laboratório de Química da mesma Faculdade; o dr. Armando de Vasconcelos Laroze Rocha, director dos Laboratórios de Bromatologia e de Química Biológica e Análises Bioquímicas da Faculdade de Farmácia do Porto; o dr. Vasco Sanches da Silva e Sá, director das oficinas da Faculdade de Engenharia do Porto; o dr. Carlos de Azevedo Coutinho Braga, director do Laboratório de Física da Faculdade de Ciências do Porto; o dr. Francisco Jacinto Sarmiento Correia de Araújo, director do Museu e Gabinete de Estruturas da Faculdade de Engenharia do Porto; e o dr. José Carlos Leão da Silva Cunha, director do Gabinete e do Laboratório de Máquinas da mesma Faculdade.

A aparecer brevemente:

CÓDIGO DA CAÇA

Texto anotado, com rubricas aos artigos e índice alfabético

por

José Alfredo Soares Manso-Preto

Juiz de Direito

Procurador-Geral da República, em exercício

Edição ATLÂNTIDA—Coimbra

exito

escolhi a enfermagem



E escolhi porque não é apenas mais uma profissão.

Ciência e arte ao serviço do mundo inteiro, ela oferece à mulher o desenvolvimento pleno da sua personalidade, apelando para as suas mais belas reservas de coração, de inteligência, de carácter e de espírito de responsabilidade.

CURSO DE 3 ANOS COM AS SEGUINTEs MATÉRIAS BÁSICAS:

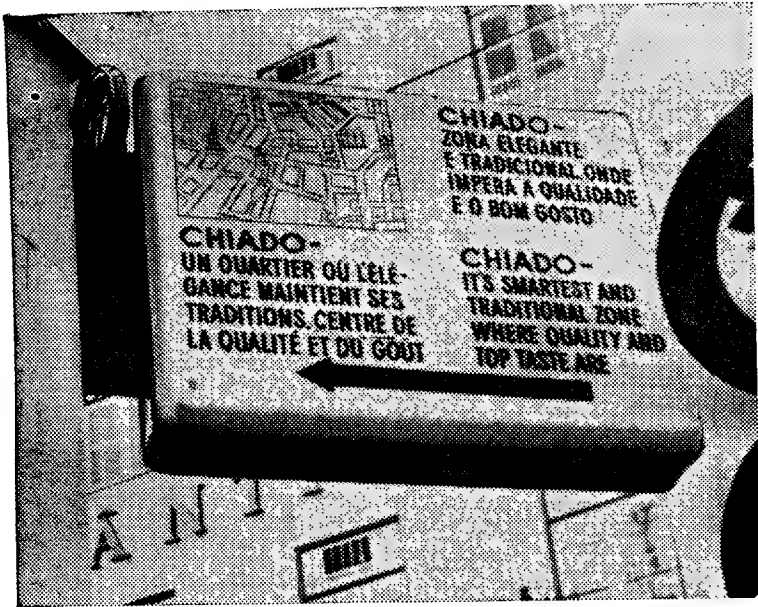
- 1.º ano — Enfermagem preliminar • enfermagem médica
- 2.º ano — Enfermagem cirúrgica e especialidades médico-cirúrgicas • enfermagem materno-infantil
- 3.º ano — Enfermagem psiquiátrica • enfermagem de saúde pública • ensino de enfermagem • administração de serviços de enfermagem.

BOLSAS DE ESTUDO

Durante o curso são concedidas em diferentes modalidades, desde facilidades de alojamento e alimentação até mensalidades em dinheiro. No próximo ano lectivo, as facilidades em bolsas de estudo incluirão abonos mensais de 1.000\$00 a 1.250\$00 às candidatas que tenham o 2.º ciclo liceal.

Para todos os informes dirigir-se a qualquer Escola de Enfermagem ou à DIRECÇÃO GERAL DOS HOSPITAIS Avenida da República, 34 — LISBOA-1

UMA PROFISSÃO AO SERVIÇO DO MUNDO INTEIRO



O letreiro luminoso colocado na esquina das ruas de S. Nicolau e Aurea

NO CHIADO

—DE TUDO UM POUCO E DO MELHOR

DUZENTOS CONTOS POR ANO PARA PROPAGANDA DA ZONA

O Chiado, por aquilo que foi e por aquilo que é, dir-se-ia não precisar de ser reclamado.

Mas o prestígio dele, como o das

O exemplo dos sinaleiros

Os novos fardamentos de Verão dos sinaleiros — que ontem apareceram em Lisboa com camisa em vez do «dolman» — mereceu, aos directamente beneficiados e ao público, unânimes aplausos.

Quem não gosta de andar leve e fresco no tempo do calor?

Mas, além disso, a decisão do comando da P. S. P. — sensata e oportuna — constitui um exemplo, tendo provocado a inveja de muitos outros funcionários, de serviços públicos e particulares, muitos deles ainda obrigados a usar fardas pesadas, quentes e pouco práticas, pelo menos no período estival.

Basta citar, por exemplo, o caso dos funcionários da Carris, muitos deles envergando ainda as velhas fardas castanhas — verdadeiramente anacrónicas em tempo de Verão. Os que já possuem as novas fardas, embora mais ligeiras, continuam, porém, a usar casaco.

Sabemos que a administração da Carris, em tempos, pensou em estabelecer um fardamento aligeirado para todo o seu pessoal — julgamos que previa o uso de uma simples camisa, como agora os sinaleiros, nos meses de Verão. Por que não vingou tal projecto?

De qualquer modo, com o exemplo dos sinaleiros, parece lógico supor que certos preconceitos formalistas de que ainda padecemos irão desaparecendo, para comodidade e satisfação de quem trabalha.

Medalha das campanhas do Ultramar

Foi concedida a medalha comemorativa das campanhas das forças armadas portuguesas a todos os militares ou equiparados e elementos das forças militarizadas, da metrópole ou do ultramar, que, a partir de 23 de Dezembro de 1966, tenham pertencido ou venham a pertencer às forças de terra, mar e ar em acção no Norte de Angola ou noutra zona da província já definida ou a definir.

AS VOSSAS JÓIAS

podem ser modernizadas. Uma sugestão sem compromisso pode V. Ex. obter na

OURIVESARIA PIMENTA

RUA AUGUSTA, 253 • Telef. 32 45 64

TERÇA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 1967



Couto, L. da PORTO

Universitários estrangeiros

(curiosos de Portugal)

removem as árvores mortas pelo incêndio na serra de Sintra

Ainda há muita árvore queimada na serra de Sintra. Troncos e ramos escurecidos pelo fogo da tragédia passada, ainda na memória de todos. Quem por aqui e ali andar, de camisa branca, fica com a camisa enfarruscada caso se encoste a uma árvore.

As canções são alguns dos êxitos do momento (Sandie Shaw, principalmente) e o trabalho limita-se à remoção dos troncos e ramos queimados.

Mas (e o jornalista aproxima-se mais, discreto, no entanto, sempre) que espécie de gente é esta que tão alegremente se despenha de tão fatigante tarefa?

Vai senão quando, um moço, de camisola vermelha, lhe tolhe o passo:

— M. P. — apresenta-se.

— M. P.? — interroga o jornalista.

— Mocidade Portuguesa.

— Ah!

Tudo é explicado, então, ao inocente observador. Trata-se de um campo de trabalho internacional. Aqueles jovens são universitários franceses, holandeses, belgas, italianos e alemães. Para ali vieram no dia 6, dali se irão no próximo dia 26. Têm refeições e pernoitam na Quinta de Monserrate. Manhãs de trabalho, tardes livres.

Curiosidade por Portugal

— Dentro de meia hora o trabalho será interrompido — diz-

nos o jovem José Duarte Ferreira, estudante de Direito (Lisboa) e intérprete do fado coimbrão. («Apreciam muito o fado, sabe...?»)

...Mas os jovens mostram-se verdadeiramente interessados num conhecimento mais profundo do país que pela primeira vez visitam. Escritores — havia-os? Sim. Decepção, no entanto: nunca nenhum (dos mencionados) lhes chegou às mãos traduzido. Cinema? Bem... Teatro? «Gosto muito» — disse o jornalista. Havia indústria em Portugal? Tudo se fazia para isso. E a agricultura, que tal? Já um rei mandara semear pinhais, D. Dinis, sabiam...? E mais isto? E mais aquilo? Enfim — coisas são, «völlä!»

Disseram depois as moças e moços das suas preferências:

«O círculo de giz caucasiano», Camus, Malraux, Beaudelaire, García Lorca, Tchekov, Albee... No «écran» admiravam Bergman, Buñuel, e diversos realizadores de feição realista. Mas, quanto a estes, nem todos — e sim os que, utilizando motivos de um determinado tempo (a crise do pós-guerra, por exemplo) sabiam conferir uma dimensão in-

Ramos queimados

temporal é hist...
tendido? Sim, ...
Uma das uni...



Durante a remoção dos troncos e ramos queimados, eram jovens que tinham uma canção na cabeça. Êxitos do momento. Mas, depois, sentados todos, todos se mostraram interessados por Portugal. E as suas perguntas foram em...

Óptimos

os campos de trabalho portugueses

— Os jovens universitários portugueses são bem recebidos nos campos de trabalho estrangeiros?

Esta foi uma das perguntas feitas aos nossos hóspedes.

— Nunca como nós aqui — disseram — Isto é: são bem recebidos, mas mal alojados. Não os ofendemos, discutimos muitas vezes, os pontos de vista divergem — mas recebemo-los com a mesma simpatia dispensada aos jovens das outras nacionalidades. Acontece, todavia, que as instalações dos nossos campos de trabalho não são tão boas como as vossas. Nós estamos instalados num maravilhoso parque, e os jovens portugueses, não raro, pernoitam em quartos exíguos. Tal também se explica pelo intercâmbio juvenil que, com maior afluência, se regista nos nossos países. Somos um pouquinho mais abertos...

re. A própria terra se apresenta com um tom escuro, inusitado. Perduram raízes calcinadas e há pedras que mudaram de cor.

Que acontece, porém, nesta manhã clara, no cenário árido da serra, na zona de Monserrate?

O jornalista, à distância regulamentar da boa educação, observa o que lhe parece estranho, não habitual na serra queimada. Conta onze raparigas e oito rapazes. Todos cantam — e todos trabalham. Cantam o quê? Que espécie de trabalho executam?

O DIA DE AMANHÃ NENQUÉM O VIU.
UMA JOLA É SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

COM TAKY NÃO HÁ PROBLEMAS

PARA A MULHER

MODERNA

TAKY

O DEPILETÓRIO FRANCÊS

QUE ELIMINA OS PÊLOS

EM POUCOS MINUTOS

SEM DÓR SEM IRRITAÇÃO

PEÇA LITERATURA

SOREL S. A. R. L.

Comunica aos seus clientes que por motivo férias ao pessoal encerra a oficina da Rua Filipe Folgado N.º 12, de 21 de Agosto a 2 de Setembro.

Durante aquele período permanecem abertas instalações da Rua D. Luís I, N.º 28, com o pessoal necessário para prestar a devida assistência.

as
ra

arte Fer-
rito (Lis-
do coim-
o fado,

stram-se
essados
profun-
neira vez
navia-os?
to: nun-
ionados)
raduzido.
? «Gosto
ista. Ha-
al? Tudo
agricul-
manda-
Dinis, sa-
E mais
sas são,

moças e
ncias:
casiano»,
udelaire,
Albee...
Bergman,
lizadores
quanto
e sim os
de um de-
crise do
plo) sa-
são in-



Ramos queimados são removidos por mãos jovens — um ócio saudavelmente preenchido. «E morreram muitos homens no incêndio?»

temporal á história filmada. En-
tendido? Sim, senhor.
Uma das universitárias (Fran-

çoise, francesa, Ciências Políti-
cas) levou por distração as mãos
enfarruscadas á cara.

ideias, discutiu-se a sorte de
Tschombé. Ainda continuava de-
tido, não? Continuava.

...Aspirado o ar puro de Mon-
serrate, falou-se, subitamente, da
morte. Pois não morre gente to-
dos os dias? O Simpson, o ciclista
britânico, por exemplo. A Jay-
ne Mansfield. E o homem vulgar,
anónimo, de qualquer canto obs-
curo da terra.

— E são muitos os portugueses
que vão lá fora? — pergunta Els,
holandesa («Els», abreviatura de
Elisabeth), dando outro rumo á
conversa.

— Entram muitas divisas? —
quer saber Ruud, holandês tam-
bém, estudante de Economia.

— O turismo tem importância?
— quer saber outro.

— Como funcionam os jornais?
— Que pensam os universitá-
rios portugueses?

Etc.
Os dois únicos italianos (Gian-
carlo e Francesco) são semina-
ristas. Estão de acordo com João
XXIII e Paulo VI. Pierre, fran-
cês, galã, tem um lenço de seda
submetido no pescoço. Norbert
(alemão) mantém-se calado.

Ruud — «muito complexo o pro-
blema africano» (Congo). Uma
moça inglesa (não identificada)
faz ao jornalista um interroga-
tório cerrado. Els, finalmente,
afirma ter visto, pela primeira
vez, limões por colher. Limoeiros
carregados de fruto. «Quando vir
um limão, lembrar-me-ei de Por-
tugal...»

Todos, já nas ultimas palavras
da conversa, elogiam (sincera-
mente) a hospitalidade dos por-
tugueses. Uns — voltarão. Outros
— não. Todos cá estiveram.

— Parece uma negra — disse
a irmã, de nome Yveline (Medi-
cina).
E, por uma associação de

que tinham, uma canção na boca. Uma, duas, três canções. Canções que passam no
dos, todo se mostraram interessados pelo país que visitavam pela primeira vez. «Nos
s suas perguntas foram em maior numero do que as do repórter...

EL

s que por motivo de
da Rua Filipe Folque,
etembro.

ermanecem abertas as
28, com o pessoal ne-
istência.

GRÁTIS
uma escova de dentes, na compra de.

3 tbs. Pasta Canto vulgar pequena
ou
3 tbs. Pasta Canto vulgar grande
ou
1 tubo Pasta Canto vulgar gigante

Se quer usar uma Pasta dentífrica
qualquer, para lavar os dentes pre-
fira a Pasta Canto vulgar mas se
quer evitar doenças da boca e suas
complicações, então use PASTA
CANTO.

mas da **MEDICINAL**

A navegabilidade do Tejo (até ao Carregado) demonstrada num trabalho que só foi possível com a cooperação da Hidrografia

O capitão do barco que devia
— há poucos dias — fazer um
delicado percurso fluvial desde
os cais de Lisboa até ao Carre-
gado, em circunstâncias, aliás,
inúlgares, declarou perempto-
riamente:

— Não me responsabilizo por
esse percurso visto considerá-lo
perigoso para o navio. Prefiro
não me encarregar dessa mis-
são.

Criava-se, desta maneira, uma
situação delicada: um batelão
de 600 toneladas, rebocado,
transformador) juntamente com
monobloco de 200 toneladas (um
transformado) juntamente com
uma zorra de 64 rodas, estava
na iminência de não levar aque-
la carga ao seu destino — o
Carregado, a montante de Vila
Franca de Xira. Não temos es-
tradas nem caminhos-de-ferro
preparados para tamanho esfor-
ço... Mas o monobloco de 200
toneladas e a zorra de 64 ro-
das tinham de chegar ao Carre-
gado... Como fazer?

go abaixo da superfície lá estavam
porém, os obstáculos que não se
viam mas que existiam, e que até
ao Carregado, constituíram constan-
te preocupação do oficial superior
do Instituto Hidrográfico que tinha
a responsabilidade da segurança da
navegação.

● Com 15 centímetros de
água por baixo da qui-
lha!...

A marcha dos dois barcos decor-
reu com mil cuidados. Como nota
curiosa da delicadeza da operação
basta dizer que no sítio do Raso
(a Leste da Póvoa de Santa Iria)
o «comboio fluvial» passou apenas

Um exemplo
da colaboração
decisiva
que a Hidrografia
pode prestar
a entidades
oficiais
ou particulares

● As vias marítima e fluvial
eram as únicas utilizáveis

A viagem começava em Leixões.
A parte oceânica da travessia, es-
colhidas as embarcações e as con-
dições propícias do tempo, não
apresentava impedimentos sérios,
mas teve de ser estudada.

O percurso fluvial, Tejo acima,
era porém operação bem mais de-
licada devido á falta de água que
se encontra á medida que se sobe
o nosso rio. A empresa proprietá-
ria do gigantesco transformador, a
«Efaced», resolveu consultar o In-
stituto Hidrográfico — entidade que,
pela própria natureza dos seus ser-
viços e pela modelar organização
dos mesmos, conhece perfeitamen-
te as condições de navegabilidade
nos nossos litorais e portos — quer
metropolitanos quer ultramarinos.

Presente o assunto ao ministro
da Marinha, determinou o sr. al-
mirante Fernando Quintanilha
que fosse prestada toda a colabora-
ção e que a mesma se considerasse
«com elevada prioridade nos pro-
gramas de trabalho do Instituto».

Tratava-se, de resto, de um pro-
blema de interesse nacional, pois,
se o transformador não chegasse a
tempo ao Carregado, corria-se o ri-
sco de por possível acção de prolon-
gada estiagem e esgotamento das
reservas hidroeléctricas, vir a fal-
tar no Sul do País parte da energia
necessária á laboração industrial
e doméstica.

Os problemas que foi necessário
resolver para ser possível o trans-
ito fluvial situaram-se nos campos
dos levantamentos hidrográficos,
estudos de marés e de correntes e
ainda nos da balizagem.

● Uma cuidade preparação
hidrográfica

O levantamento hidrográfico Lis-
boa-Vila Franca de Xira tinha já
sido efectuado e o reconhecimento
hidrográfico Vila Franca de Xira-
Carregado já constituía tarefa da
Administração-Geral do Porto de
Lisboa. Todavia, a navegação a
efectuar teria que utilizar a linha
de maiores fundos actuais, em
constante evolução por força de
acções naturais e com possível in-
tervenção humana (caso dos bate-
lões de areia, os quais em emer-
gência a descarregam para se sa-
gar de encalhes, muito mais fre-
quentes do que se pode pensar).

Houve, portanto, que actualizar
os elementos hidrográficos disponí-
veis, tarefa que constituiu na prá-
tica novo levantamento de todo o
percurso, em escala adequada.

A existência nesse percurso de
locais em que as sondas reduzidas
eram inferiores aos calados de ba-
telão e do rebocador, impôs um es-
tudo cuidado da propagação da
maré, para previsão rigorosa do
fenómeno nesses diversos locais. Só
assim se poderia planear com se-
gurança a passagem do «comboio
fluvial» nos pontos críticos. Essa
passagem que, necessariamente, te-
ve que ser feita com a água em
cima, deu ideia de coisa fácil por-
que se efectuou sem interrupção
ou quaisquer outros incidentes. Lo-

com 15 centímetros de água debaixo
da quilha, o mesmo tendo acon-
tecido em frente ao Carregado, ao
atravessar-se o rio. Desnecessário
se torna chamar a atenção para as
consequências imprevisíveis de um
encalhe que se tivesse verificado
num talude, quando as águas logo
começassem a baixar.

Como nota interessante do estu-
do das marés que foi efectuado, ve-
rificou-se que, no Carregado, as pro-
visões de alturas de água e do mo-
mento do fenómeno se observaram
com extraordinário rigor, não ex-
cedendo alguns centímetros e pou-
cos minutos.

Dispondo dos elementos hidro-
gráficos e de marés que constitui-
ram a base da informação que era
necessária, foi ainda o Instituto
Hidrográfico que escolheu e acons-
elhou o local da atracação. Para
isso houve que efectuar um porme-
norizado estudo de correntes a vá-
rios níveis e complementares tra-
balhos topográficos e de nivela-
mento que não interessa descrever,
mas que tiveram acção decisiva no
êxito da operação. Constituído as-
sim o «dossier» informativo, com
os elementos hidrográficos, de mar-
és e de correntes, houve que es-
tudar o apoio á navegação, para
que esta fosse possível sem inci-
dentes. Essa tarefa ocupou, tam-
bém, vários dias de árduo traba-
lho de campo.

Mas o transformador lá está na
estação termoeléctrica do Carrega-
do e, num futuro próximo, outras
unidades semelhantes se lhe jun-
tarão. A coisa será fácil daqui por
diante e as reservas de energia
eléctrica para abastecimento do Sul
do País, estarão assim garantidas.

Não se deve, todavia, esquecer
que isso foi possível, por várias
entidades nacionais — oficiais e
particulares — se uniram num es-
forço conjunto, que se impõe sir-
va de exemplo para ulteriores em-
preendimentos, ao verificar-se que
conseguiram levar por diante uma
operação de elevado nível técnico.

Essa pequena mas complexa via-
gem constituiu, na verdade, mais
um exemplo da valiosa colabora-
ção que o Ministério da Marinha,
através do Instituto Hidrográfico,
vem prestar desde há muito a en-
tidades oficiais e particulares, quer
nacionais quer estrangeiras.

TEMPO DE PROGRESSO



A população activa vive o seu quotidiano de progresso. Entrar, apreciar, comprar, são movimentos de progresso humano.

Expor, vender, realizar, são o ritmo dinâmico do comércio. Cada compasso dessa cadência é parte integrante da estrutura funcional da expansão. O BANCO DA AGRICULTURA está presente na actividade comercial, colaborando no seu Tempo de Progresso.



O PROGRESSO
DO SEU TEMPO

MCCANN

BANCO DA AGRICULTURA

A importância da investigação científica básica

A comissão encarregada de preparar a segunda conferência ministerial sobre Ciência, convidou um grupo de cientistas a examinarem os problemas particulares da investigação básica e os seus aspectos políticos. Este estudo foi o primeiro que se realizou em escala internacional. No relatório final determina-se as razões pelas quais os Governos devem sustentar a investigação básica e analisa-se os problemas de financiamento, assim como as condições de organização e de meio mais prováveis ao desenvolvimento da actividade criadora.

A investigação básica tem por único fim o de alargar o campo dos nossos conhecimentos. Não se preocupa directamente em utilizar as suas descobertas, mas visa a aprofundar a nossa compreensão da Natureza, do Universo e de nós próprios. Como todas as outras formas de exploração do desconhecido, é difícil de organizar e o seu sucesso depende essencialmente dos que a praticam. Os resultados da investigação básica têm sido sempre publicados livremente e postos à disposição de todos os homens de todos os países: todo o resultado, mesmo parcial, vem, deste modo, aumentar os conhecimentos humanos; eventualmente poderá permitir entrever a explicação de um fenómeno e talvez esta explicação levará um cientista, noutra região qualquer, a orientar os seus trabalhos numa nova direcção. Todas as nações têm acesso à totalidade deste reservatório de conhecimentos e podem daí tirar partido para as necessidades da sua economia em qualquer domínio: saúde pública, agricultura ou defesa nacional. Os resultados de determinados trabalhos de investigação científica, mesmo se não forem susceptíveis de alguma aplicação directa, podem contudo, graças aos elementos novos que contêm, contribuir indirectamente aos progressos ulteriores da tecnologia.

Pela sua própria natureza, a investigação básica é internacional. Os investigadores de qualquer país fornecem alguns fragmentos ao mosaico dos conhecimentos humanos; os técnicos ou os industriais desse mesmo país podem também livremente utilizar desse tesouro comum e daí tirar partido graças às ciências aplicadas. Em todos os países do Mundo se explora as descobertas de que só uma fracção ínfima (com excepção dos «super-grandes») é originária do país em questão. Contudo, se não despendermos um esforço considerável de investigação que lhe permita adquirir um conhecimento íntimo dos problemas e das técnicas da investigação básica, um país não saberá possuir esta espécie de consciência científica, simultaneamente vasta e profunda, que lhe permitirá discernir, na vastidão dos conhecimentos científicos mundiais, os elementos que para a sua expansão económica apresentam uma importância particular.

A investigação básica nas Universidades ainda recentemente se efectuava um pouco «ad hoc»: a escolha dos assuntos estava totalmente dependente da iniciativa de cada investigador e não se punha o problema de a orientar ou de a organizar. Mas o desenvolvimento considerável da investigação científica, a partir da segunda guerra mundial, foi acompanhado por experiências cada vez mais complexas e delicadas que, no domínio chamado familiarmente de «grande ciência», exigem, de futuro, uma aparelhagem importante, extremamente onerosa que dificilmente se coaduna no quadro tradicional universitário e cuja manutenção é simultaneamente delicada e dispendiosa. Assim, no domínio da física de altas energias, a compra de um acelerador de partículas, indispensável se se quiser prosseguir a exploração do núcleo do átomo, mas cujos resultados não têm alguma possibilidade de encontrar uma aplicação prática directa, ultrapassa não só as possibilidades financeiras de uma única Universidade, mas também as de um único país, excepção feita aos mais importantes. O equipamento para a exploração científica do Espaço é ainda mais caro; em astronomia o preço dos radiotelescópios pode atingir ou ultrapassar 100 milhões de dólares. De resto, nos domínios menos espectaculares, o custo da investigação aumenta rapidamente. Só o Estado está actualmente em

situação de assumir o financiamento de actividades deste tipo e a amplitude dos investimentos é tal que as decisões referentes à repartição das possibilidades devem ser tomadas numa perspectiva global. É, pois, importante que a investigação básica tenha o seu lugar na política científica de uma nação e que os Governos, quando decidem a atribuição de créditos, apreciem rigorosamente não só a utilidade geral e a orientação das investigações deste tipo, mas ainda a sua natureza. Poder-se-á, deste modo, reunir as condições que assegurem um nível elevado de actividade criadora.

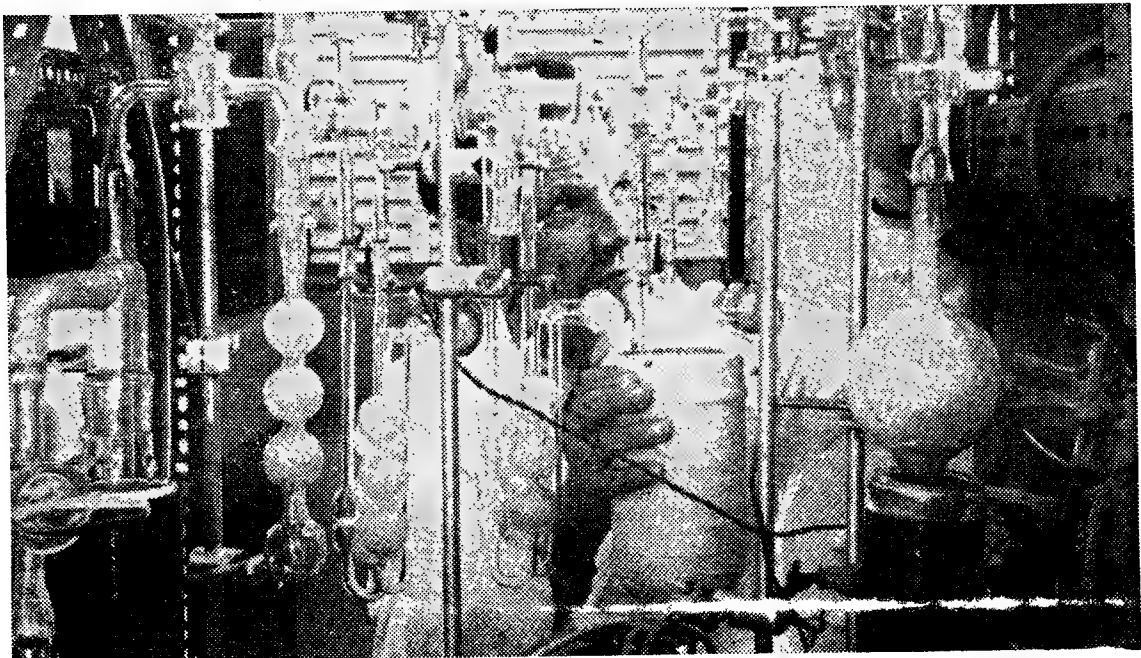
No que respeita ao modo como a política de investigação básica se articula, no conjunto das políticas científicas nacionais, a comissão reconheceu que a insuficiência de recursos impõe escolhas cuidadosas e a existência de uma ordem de prioridade tanto no âmbito da investigação básica como nas ciências aplicadas. Segundo a comissão, estas decisões devem ser tomadas à escala política, mas devem-se fundamentar na opinião de um organismo consultivo, composto de personalidades científicas, para que os administradores e os homens políticos possam decidir com plena consciência dos problemas em causa. É necessário que a comunidade científica, para que possa exercer esta função de conselhos, possua colectivamente o sentido das suas responsabilidades em relação à nação e não se deixe levar pelo entusiasmo, mesmo reflectido, que podem suscitar determinados projectos especializados. No espírito do grupo sobre a Investigação Básica, a programação científica à escala nacional, mesmo internacional, poderá fixar simplesmente as linhas gerais de uma distribuição de verbas; nestes limites, a liberdade de escolha tradicional do investigador é ainda possível. E se impuser planos detalhados arriscar-se-á a tornar a investigação improfícua e de lhe obstruir as vias da descoberta, mas este perigo poderá ser evitado se os governantes e os homens de ciência tiverem a prudência de unir os seus esforços.

O relatório contém numerosas observações e proposições construtivas de que resumimos a seguir os principais elementos.

A tripla importância da investigação básica

O relatório sublinha a importância do lugar que ocupa a investigação básica na cultura, no ensino e na economia de um país. É de notar que «a investigação básica infere a importância essencial do facto que constrói o edifício da nossa cultura, modela a atitude do homem em relação à vida e a si próprio e contribui para o progresso geral dos conhecimentos humanos... O espírito científico de investigação, com a concretização da discussão incessante e inquietada do real e do dogma, da ideia recebida e da tradição, reflecte as mais altas qualidades do homem... Consiste, na sociedade, num factor essencial de progresso, que combate a complacência e a esclerose. É, pois, um dos principais alicerces contra a esterilidade e a decadência que sempre ameaçaram, em definitivo, as civilizações no cume do seu sucesso».

O grupo examina as relações entre a investigação e o ensino nos mais altos níveis do saber. Afirma a sua convicção de que a investigação e o ensino se reforçam mutuamente e que «cada um se enriquece sensivelmente se não for alimentado pelo outro». Sempre que for possível, segundo sugestão do relatório, a investigação básica deve ser realizada não só no quadro universitário, mas ainda nos próprios locais em que é dispensado o ensino. Além disto, quando um esforço de investigação importante tem lugar em laboratórios in-



Um aspecto dos laboratórios do Centro de Radioquímica de Amersham (Inglaterra). Este Centro prepara e distribui, por todo o mundo, radioisótopos e outras substâncias radioactivas para fins terapêuticos, industriais, etc.

dependentes ou financiados pela indústria ou pelo Governo, deve-se esforçar por criar uma ligação com os meios universitários, por exemplo, organizando sessões de estudo ou séries de conferências dadas por personalidades da indústria sobre questões especializadas. Poder-se-ia, ainda, encorajar as Universidades a interessarem-se pelas investigações de qualidade realizadas nos institutos independentes situados na sua região, e a aceitá-los como trabalhos de tese.

O relatório reconhece a interdependência crescente da ciência pura e da ciência aplicada e as incidências desta situação no sistema de ensino. A técnica é, cada vez mais, de base científica e paralelamente a investigação básica recorre, cada vez mais, à técnica, algumas vezes mesmo a técnicas completamente novas. A organização rígida das Universidades, a sua compartimentação, sobretudo em determinados países europeus, vedam a simbiose necessária da ciência pura e da ciência aplicada. Por razões idênticas, a investigação não se desenvolve nas encruzilhadas das disciplinas tradicionais e é impossível concretizar projectos interdisciplinares; constituem, contudo, as vias actualmente mais fecundas da descoberta científica. Os autores do relatório lançam um apelo às Universidades novas que se criam actualmente em vários países do O. C. D. E. (1) para que tentem introduzir tipos modernos de organização e novos métodos que permitam estabelecer relações suficientemente estreitas entre investigadores de disciplinas diferentes.

A investigação básica representa para a economia nacional um investimento indispensável e a longo prazo. «Um esforço energético e equilibrado no âmbito da investigação básica permite, em realidade, a um país de tirar partido da totalidade da investigação mundial e não só da sua». «Só uma actividade nacional importante e bem orientada no campo da investigação básica poderá manter um alto nível de consciência científica e um conjunto de investigadores experientes e especializados nas novas disciplinas de que depende a inovação técnica futura».

Políticas dos Governos em relação à investigação básica

O relatório ocupa-se extensamente da melhor maneira de que os Governos poderiam organizar o auxílio que concedem à investigação básica, a fim de que esta seja tão activa e criadora quanto possível. Sublinha-se que as razões que levam a financiar determinadas investigações mais do que outras não se deveriam basear unicamente no principal nas promessas de resultados práticos que parecem oferecer a breve prazo. Era neces-

sário, de preferência, procurar criar uma larga reserva nacional de investigadores científicos experientes; por este meio assegurar-se-ia o conhecimento íntimo das descobertas e técnicas de vanguarda que só a prática da investigação nas fronteiras do desconhecido pode dar.

Se os Governos quiserem sustentar a ciência de modo eficaz, é necessário que estejam perfeitamente ao corrente das condições e dos meios indispensáveis para atingir e manter um nível elevado de actividade intelectual inovadora. Para atingir este fim, uma das sugestões do relatório é que o Estado, precisamente por ser hoje um dos mais importantes patronos dos homens de ciência, dê ele próprio o exemplo de uma gestão esclarecida da investigação nos laboratórios nacionais que tem a seu cargo; o que actualmente está longe de sempre acontecer.

O conjunto de verbas autogadas às Universidades deveria compreender, por um lado, verbas destinadas ao ensino propriamente dito, e, por outro lado, fundos que cobrissem as necessidades da investigação básica em todas as Faculdades. Todavia, ressalta-se que é necessária, em primeiro lugar, aumentar consideravelmente verbas destinadas à investigação no domínio das ciências naturais e aplicadas e, em particular, às disciplinas dispendiosas, por atribuição de subvenções de bolsas e por apoio financeiro de determinados projectos. Este apoio deveria ser concebido com suficiente maleabilidade para encorajar a iniciativa e permitir obter progressivamente a orientação inicial de uma investigação, baseada nos primeiros resultados obtidos. É necessário que os trabalhos possam prosseguir sem interrupção; donde deve ser assegurado um financiamento bem concebido para vários anos ou, pelo menos, a sua renovação anual deve estar realmente garantida durante o período necessário para levar a bom cabo os estudos subvencionados. (...).

De uma maneira geral, o relatório parte da hipótese que, para determinadas disciplinas extremamente dispendiosas em que a escolha entre as diversas proposições dos diferentes institutos de investigação é particularmente difícil, é apoiando investigadores — competentes e dinâmicos, deixando-os escolher eles próprios a sua orientação e dirigir os seus estudos como o entenderem, que os Governos poderão apoiar da melhor maneira a investigação. (...).

Investigação básica pública e privada

Para os autores do relatório, o fundamental da investigação básica de um país deveria ser realizado no âmbito universitário. Contudo,

surte como muito desejável o encorajamento de uma determinada proporção de investigação básica livre nos laboratórios que se dedicam especialmente a trabalhos de investigação aplicada, isto é, os que dependem da indústria ou do Estado. Este apoio pode trazer efeitos extremamente profícuos, atraindo a instituições deste tipo trabalhadores científicos de primeira ordem, melhorando, assim, a capacidade de invenção e de nível científico do conjunto dos investigadores. É extremamente importante que os investigadores do Estado e os da indústria se compenem de que são membros da comunidade científica. (...).

Tentou-se destacar, em especial, a necessidade de estabelecer relações inteligentes e estreitas entre a indústria e a Universidade. (...).

O problema dos países menos povoados

O Grupo estudou, em particular, o problema de um determinado número de países menos povoados, que sofrem dificuldades em financiar toda a gama de investigações que o interesse da nação exigiria, a uma escola satisfatória e com meios de acção inteiramente independentes. Propôs duas soluções parciais: a concentração do esforço por especialização, e o desenvolvimento de recursos científicos pela cooperação regional e internacional.

Contudo, se se admitir o princípio de que cada país se deve esforçar constantemente em adquirir um grau elevado de «informação» científica, estes países teriam ainda interesse, parece, em consagrar um esforço considerável à investigação básica. Não pretendem grandes programas sobre a tecnologia militar e não têm grandes despesas de concretização em domínios tais como a construção aeronáutica e energia nuclear; poderiam, pois, parece, consagrar uma proporção mais elevada do seu rendimento nacional à investigação básica e à investigação civil, aplicada por oposição à investigação-desenvolvimento. (...).

Da leitura deste relatório ressalta a obrigação que os Governos têm de compreender os aspectos qualitativos do desenvolvimento científico nacional e de os encarar a longo prazo. (...).

(Extractos do artigo «Políticas dos Governos em Relação à Investigação Básica», por Alexander King, director de assuntos científicos da O. C. D. E., publicado no número especial da revista «L'Observateur de l'O. C. D. E.», dedicado à Ciência).

(1) Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económicos. — Sublinhados de «Vida Científica».

PEQUENO MAGAZINE Palavras cruzadas

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Agosto de 1937 publicava:

«LONDRES, 22 — De Xangai informam a «Reuter» que os comandantes das frota inglesa, francesa e americana mandaram entregar um protesto energético as autoridades navais nipónicas contra o facto de os navios japoneses ancorados nas proximidades dos navios de guerra estrangeiros abrirem frequentemente fogo.»

CURIOSIDADES

● Valor e efeito dos legumes

Num curioso e elucidativo trabalho, intitulado «Diz-me que legumes comes, dir-te-ei quem és!», escreve um médico francês sobre o valor terapêutico dos elementos vegetais empregados na alimentação humana:

«A batata desenvolve as qualidades de sensatez; os espinafres dão sonhos ambiciosos, energia, força de vontade; o feijão verde inspira pensamentos e sentimentos artísticos; o feijão branco é reparador do sistema nervoso; a cenoura dá bom génio; a lentilha promove a alegria; e a couve-flor, especialmente, o egoísmo.»

● Uma catedral estaurada

Com a sagração dos altares e uma missa solene, celebrada pelo nuncio apostólico na Alemanha, arcebispo Bafile, celebrou-se a restauração da catedral de São Quiliano, na cidade episcopal de Würzburg, destruída, há vinte e dois anos, durante a guerra. Assistiram à sagração dos altares representantes da Igreja Evangélica, da Igreja Católica Antiga, a Comunidade Israelita de Würzburg e da Igreja Ortodoxa Grega.

No sermão, depois da missa solene, o bispo da diocese, Stangl, acentuou: «Conservou-se na catedral o que era digno de ser conservado, mas também se manifestou, por símbolos e formas, o espírito da actualidade».

● O «laser» e as nuvens

Funciona, agora, na Suécia, um equipamento laser, completamente automático, que mede a distância entre o solo e o tecto de nuvens e informa sobre a espessura e a estrutura das suas camadas.

O laser utiliza um impulso de luz ultra-curto na vertical, ao mesmo tempo que um contador electrónico começa a funcionar. Se a luz entra em contacto com uma nuvem, parte dela é reflectida de volta para um receptor. Este eco-impulso é registado num detector fotográfico muito sensível que, simultaneamente, faz parar o contador. A distância é, então, calculada com base na velocidade da luz.

● Cerveja e batatas fritas

O estudante inglês Leonard Paley comeu trinta pacotes de batatas fritas (cerca de seis quilos) em 56 minutos e 47 segundos.

Por sua vez, Bernardete Smith, de 28 anos, dona de casa e mãe de dois filhos, bebeu dez litros de cerveja em cinco minutos.

ANEDOTAS

■ O Silva foi visitar a viúva do seu amigo Saraiva:

— Fui um grande admirador do seu falecido marido, minha senhora. Gostaria de ficar com qualquer pequena recordação dele, que V. Ex.ª me quisesse dar.

— Pois é, mas ele não tinha nada, só me tinha a mim — respondeu a viúva docemente.

■ Duas velhas solteironas conversavam:

— O que foi que a Ana deixou no testamento ao Licas, depois de ele levar tantos anos a fingir que adorava aqueles horríveis pássaros que não se calavam um segundo?

— Ora, filha, deixou-lhe os pássaros...

■ Um actor de teatro a um colega:

— Não foste ao funeral do Artur?

— Fui, porquê?

— Não vi o teu nome na lista que publicaram nos jornais.

— Ouve lá, essas listas não terminavam todas por etc.?

— Terminavam.

— Então, aí está. O etc. era eu.

■ Luis, de oito anos, para a mãe: — Sabes, mamã, há um menino na minha escola que nunca viu uma vaca.

— O quê? Nunca viu uma vaca? É boa! Mas como sabes tu isso?

— Ora, porque eu desenhei uma no meu caderno de desenho e ele perguntou-me: «Que animal é esse?»

■ O pai para o filho:

— Porque não acabaste de tomar o teu xarope, Luis?

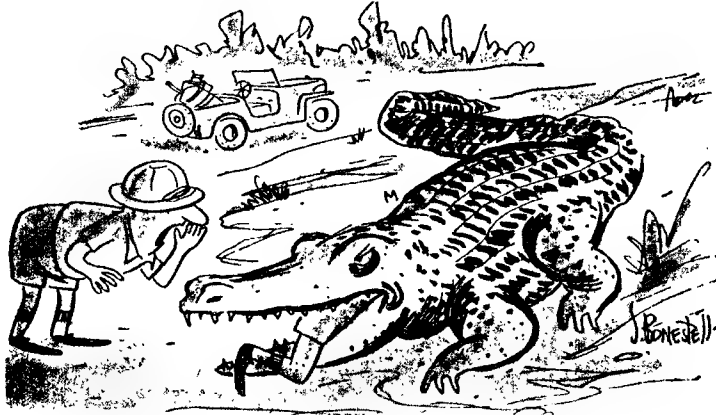
— Porque já estou bom da constipação, pai.

— Então vai lá fora, agora que chove bem, para te tornares a constipar. Já sabes que não ando a comprar medicamentos para ficarem para aí a estragar-se...

■ O hipnotizador, para a assistente:

— E agora, minhas senhoras e senhores, vou fazer com que este cavalheiro esqueça tudo.

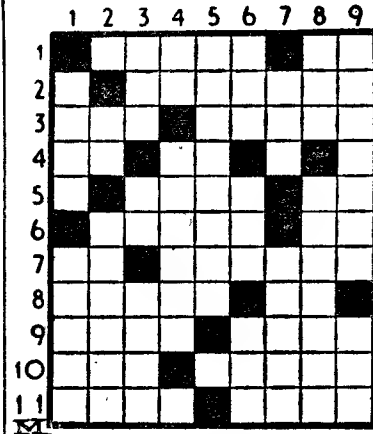
— Espere aí um bocadinho, que ele deve-me quinhentos escudos — grita uma voz da plateia.



— As chaves! As chaves! Atira-me as chaves do carro!

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 4559



HORIZONTAIS: 1 — Sacos de pele, para líquidos. Preposição. 2 — Retraimento. 3 — Sádias. Prende. 4 — Porco. Nota musical. 5 — Corsário francês a quem Luís XIV concedeu títulos de nobreza e o posto de almirante de esquadra. Figura. 6 — Irascibilidade. Nota. 7 — Solitário. Apavora. 8 — Lavrado. Distingue-se. 9 — Origina. Medida agrária dos antigos Romanos. 10 — Rafe. Albergar. 11 — Serra do Alentejo. Ligeireza.

VERTICAIS: 1 — Oriente. Osso da parte inferior da coluna vertebral. 2 — Dito. Dito. 3 — Espécie de barretes. 4 — Dito. 5 — Dito. 6 — Dito. 7 — Dito. 8 — Dito. 9 — Dito. 10 — Dito. 11 — Dito.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

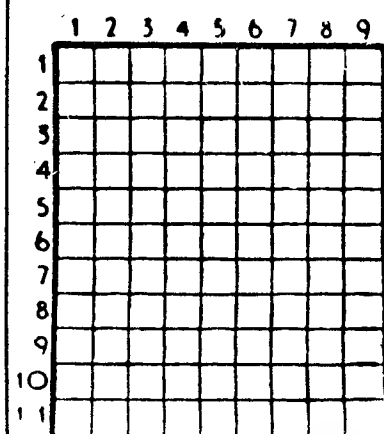
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4558

HORIZONTAIS: 1 — As. Dás. Ab. 2 — Rim. Reuma. 3 — REBENTAR. 4 — Med. na. Dr. 5 — Voe. 6 — Paz. Feri. 7 — MAS. Ter. 8 — Ag. Ir. Grã. 9 — NAO. Anais. 10 — Dó. Apura. 11 — Espias. Me.

VERTICAIS: 1 — Ar. Má. Monde. 2 — Sire. Pagões. 3 — Médias. 4 — Bi. Al. 5 — Arena. Trapa. 6 — Sena. Fé. Nus. 7 — Ut. VERGAR. 8 — Amador. Riam. 9 — Barreiras. (Provérbio: REBENTAR, MAS NÃO VERGAR)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8403



HORIZONTAIS: 1 — Recado. Chupa. 2 — Viscera dupla. Olham atentamente. 3 — Seguiu. Terreiro em frente ou em volta das grejas. 4 — Ruins. Seguiam. 5 — Suco resinoso que se extra da casca de algumas papoilas. Viração. 6 — O mais Grupo de três. 7 — Símbolo químico do praseodímio. Finório. 8 — Abreviatura de átomo. Para barlavento. Nesse lugar. 9 — Traço. 10 — Engano. Todas as coisas. 11 — Saudáveis. Um dos nomes de Minerva, considerada como deusa da Guerra.

VERTICAIS: 1 — Género de gramíneas. Semelhantes. 2 — Ena! Quebrara. 3 — Dois mil em romano. Um milho. Senhoras. 4 — Animal doméstico. Martelo de pau. 5 — Coule. 6 — Fecha as asas para descer mais depressa. Qualquer porção duma curva. Basta. 7 — Tramaria. Um dos pontos cardeais. 8 — Habitação ou barrio pobre de indígenas, na Índia Portuguesa. Vazia. Oferece. 9 — Género de plantas africanas. Naipes das cartas de jogar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8402

HORIZONTAIS: 1 — Eros. Fuga. 2 — Iam. Mar. 3 — Ri. Ara. Ba. 4 — Avert. guar. 5 — Sair. Urre. 6 — Re. Ad. 7 — Atoa. Dita. 8 — Mostraram. 9 — Im. Ais. Rã. 10 — Mas. Bar. 11 — Aros. Cora.

VERTICAIS: 1 — Eros. Amima. 2 — Raiva. Tomar. 3 — Om. Eirós. Sô. 4 — Arreata. 5 — Tr. Rio. 6 — Aguadas. 7 — Um. Undir. Bo. 8 — Gabar. Tarar. 9 — Arara. Amará.

FACTOS REAIS O pequeno mundo das «marionnettes»



5 — Parvati (é a esposa de Siva e Siva é um dos deuses da mitologia hindu) confeccionou, um dia, para se entreter, uma boneca muito engenhosa e muito bonita, que — por capricho — sempre recusou mostrar ao marido. Cria ela que a boneca exercia influência maléfica sobre aquele. Secretamente, ela transportou, certa noite, a boneca para uma montanha, onde a escondeu. Mas Siva, que tinha grande desejo de ver a boneca misteriosa, seguiu Parvati na sua caminhada nocturna. Esperou que ela a escondesse, deixou-a ir-se embora e foi, então, ver a boneca. De tal forma o seu encanto e beleza o impressionaram que lhe concedeu vida e a colocou entre os homens. É assim que um antiquíssimo texto sanscrito (o sanscrito é o idioma sagrado empregue pelos bramanes) atribui a Parvati e a

Siva a invenção das «marionnetes».

6 — Em túmulos egípcios, que datam da época dos faraós, foram encontradas bonecas de terra cozida e há todas as razões para pensar que se trata das predecessoras das «marionnetes». Também entre os gregos se fabricavam pequenas figuras de terra cozida, depois colocadas em varas de suporte para representarem pequenas peças diante do público. Igualmente, os romanos, entre muitas outras coisas recebidas dos gregos, que apelidavam de «bárbaros», herdaram essas bonecas e o gosto pelas suas representações teatrais.

7 — No entanto, é bem provável que a arte das «marionnetes» seja bastante mais antiga do que Alexandria, Atenas e Roma. Ela é

tão velha como a civilização mais antiga. É isto é particularmente evidente na Ásia, onde as origens do teatro se perdem na bruma dos séculos. Terá sido ela uma invenção chinesa? Ou indiana? É impossível precisá-lo com exactidão, pois não existem outros elementos para além das lendas que temos estado a rememorar.

8 — De qualquer forma, mil anos antes de Cristo, as «marionnetes» eram tão populares na China, como o cinema nos nossos dias. Os jogos praticados pelos chineses, com silhuetas projectadas em paredes, revestidas de pele lisa de animais, foram a sua primeira forma. Há uma lenda que pretende ter o imperador Moun ordenado, certo dia, que o famoso apresentador de «marionnetes» Yen-Sze comparecesse no seu palácio para mostrar

seus talentos. Orgulhoso e feliz por ir apresentar-se no palácio imperial, aquele criou uma série de bonecas particularmente realistas. Chegando o momento da representação, o efeito foi extraordinário: os bonecos mexiam os olhos, abriam e fechavam a boca e agitavam as mãos. Eram perfeitos, davam tão grande impressão de realidade, que o imperador chegou a convencer-se de que um deles estava a fazer a corte à imperatriz. Terrivelmente ciumento e louco de cólera, condenou logo Yen-Sze à morte. Este acabou por obter o perdão imperial, mas para provar que os seus bonecos eram simplesmente feitos de madeira e pano, teve que os queimar à vista do imperador.

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



Os E. U. A. parece não recearem as consequências das intrusões no espaço aéreo da China Popular

WASHINGTON, 22 — (F. P.) — A intrusão de dois aviões militares americanos na China é uma consequência dos riscos calculados que o presidente Johnson tomou, ao decretar uma nova «escala» aérea no Vietnam. A pressa com que o Governo americano anunciou o incidente parece provar duas coisas: que os Estados Unidos não receiam as consequências de tais actos e salientar que eles derivam de condições «imponderáveis e não de «luz verde» total dada aos pilotos.

Se as duas tripulações transpu-

seram a fronteira chinesa foi devido a imperativos operacionais do momento e a uma deficiência do material de navegação. Consciente da gravidade da sua decisão — que satisfaz os desejos dos militares e dos «falcoes» — o presidente Johnson procurou sossegar, na sua última conferência de imprensa, todos aqueles que não aceitam a teoria de que a China não passa de um «tigre de papel», que não intervirá no conflito vietnamita. Afirmou então Johnson que são alvos todos os pontos do trajecto do material que segue para o Vietnam do Sul, onde serve para matar os «boys». Justificando esta nova política, o presidente procurou demonstrar que a Força Aérea assume riscos mínimos: apenas ataca alvos facilmente identificáveis, as

tripulações são rigorosamente seleccionadas e os erros de pontaria são praticamente nulos. Segundo Johnson, Pequim «sabe» que estas incursões não se destinam a ampliar o conflito, não constituindo ameaça para o território chinês.

Pergunta-se, como foram informados os dirigentes de Pequim desta «profissão de fé» americana? Provavelmente, pela via de Varsóvia, onde Washington e Pequim conservam contactos.

REACÇÃO CHINESA

HONG-KONG, 22 — (R.) — A China afirma que a violação do seu espaço aéreo, verificada ontem por dois aviões dos Estados Unidos, foi uma declarada provocação ao povo chinês, o qual, está pronto para o combate.

Num artigo publicado hoje pelo «Diário do Povo», órgão do Partido Comunista chinês, declara-se: «Se os Americanos impuserem uma guerra ao povo chinês, os Chineses lutarão contra eles até ao fim».

O jornal, citado por Rádio Pequim, afirma que o presidente Johnson disse, recentemente, que a «escala» da guerra no Vietnam não constitui ameaça para a China, e acrescenta:

«Isto é apenas uma cortina de fumo. As violações aéreas praticadas pelos Estados Unidos já não são apenas uma ameaça mas uma declarada provocação».

Por seu lado, o «Diário do Exército de Libertação» acusa os Estados Unidos de uma nova e «grave escala» da guerra, com os recentes bombardeamentos a Hanoi e a objectivos situados junto da fronteira entre o Vietnam do Norte e a China.

Num artigo assinado pelo seu comandante, que se sabe ser um dos mais altos funcionários do Partido Comunista, o «Diário do Exército de Libertação» acusa, ainda, os Estados Unidos e a União Soviética de terem planeado em conjunto o último bombardeamento.

Hanoi bombardeada pela primeira vez desde 10 de Junho

SAIGÃO, 22. — (R.) — Aviões americanos bombardearam hoje a mais importante central de energia eléctrica de Hanoi. Trata-se do primeiro ataque a um objectivo dentro dos limites da capital norte-vietnamita desde 10 de Junho.

Aparelhos a jacto, «Skyhawk», do porta-aviões «Oriskany», passaram através de intensa barragem de fogo da D. C. A., que rodeia a capital norte-vietnamita, para efectuar o ataque.

A central de energia encontra-se somente a 1,8 quilómetros do centro de Hanoi, na margem sul do rio Vermelho.

A central, que produz quase toda a electricidade de Hanoi, foi atacada pela primeira vez em 19 de Maio, quando aumentaram os bombardeamentos do Vietnam do Norte. Sete aviões americanos foram abatidos durante os ataques de 19 de Maio.

FORAM ABATIDOS ONTEM SEIS APARELHOS DOS ESTADOS UNIDOS

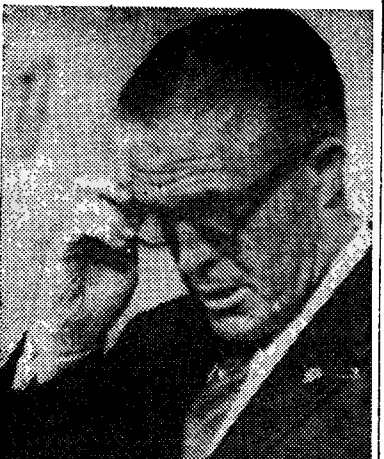
Durante os bombardeamentos efectuados ontem no Vietnam do Norte, os Estados Unidos perderam seis aparelhos, incluindo dois que, aparentemente, atravessaram a fronteira da China, segundo um informador militar americano em Saigão.

O informador acrescentou que todos os tripulantes dos aviões perdidos foram dados como desaparecidos, com excepção dos dois ocupantes de um jacto «Phantom», que foram recolhidos por um helicóptero.

Com estas últimas perdas, eleva-se agora a 653 o numero de aviões

dos Estados Unidos abatidos sobre o Vietnam do Norte, embora a agência noticiosa norte-vietnamita tenha afirmado hoje que as perdas americanas já totalizam 2200 aviões.

GEORGE ROMNEY MAIS POPULAR DO QUE JOHNSON



O governador republicano do Michigan, George Romney

PRINCETON (Nova Jersey), 22 — (F. P.) — Segundo nova sondagem efectuada pelo Instituto Americano de Opinião Publica, a popularidade do presidente Johnson nos Estados Unidos teria sido ultrapassada pela do governador republicano do Estado do Michigan, George Romney, na corrida às eleições presidenciais de 1968.

Um relatório ontem publicado afirma com efeito que em consequência dos recentes distúrbios raciais, Romney vai agora à frente, com 49 por cento dos votos, contra 41 por cento atribuídos a Johnson, havendo dez por cento de indecisos.

Em Junho ultimo, quando da última sondagem do Instituto, o presidente registava ainda um avanço de cinco por cento sobre Romney.

Em CANEÇAS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se nas agências dos srs. JOAQUIM JACINTO FRANCISCO e JOSÉ AUGUSTO DE MELO BROCHADO.

Mais um incidente na Coreia

SEUL, 22 — (R.) — Uma unidade do Exército sul-coreano abateu três norte-coreanos armados, junto de Inje, a cerca de 120 quilómetros a nordeste de Seul, a noite passada, no segundo encontro registado nos últimos dois dias — anunciou nesta capital um informador militar.

No domingo, três soldados norte-coreanos e seis militares da Coreia do Sul, incluindo um major e um capitão, morreram no decurso do primeiro encontro verificado a sul da zona desmilitarizada que separa os dois países.

DIA A DIA CRÍTICA DECLARADA

Valéry Giscard d'Estaing, antigo ministro das Finanças do general de Gaulle, nunca foi um degaullista incondicional. Fazia parte do grupo dos Independentes, que representavam a direita tradicional, conservadora e liberal, cujo verdadeiro chefe era Antoine Pinay. Este contribuiu para que o regresso do general ao Poder, em Maio de 1958, se fizesse na ordem e na legalidade. Pinay não tardou a afastar-se do general, de quem discordava sobre muitos pontos do seu programa e da sua acção. A lua-de-mel da V República com os políticos da IV foi curta e acabou num antagonismo irreductível. Pinay desinteressou-se da política e, segundo alguns, espera a sua hora, que será aquela em que for posta a questão da sucessão do actual regime. Entretanto Giscard d'Estaing, novo e dotado de inegáveis qualidades, assumiu a direcção dos sobreviventes do grupo que se dispersara, mantendo coesos alguns deles que aceitaram a sua chefia durante o tempo em que se conservou no Poder.

Para ter maior liberdade de acção e satisfazer as suas ambições — há quem lhe atribua o desejo de suceder a de Gaulle no Eliseu —, Giscard d'Estaing deixou a sua pasta e, embora continuasse no Parlamento a fazer com os seus amigos parte da maioria, distinguia-se dos degaullistas, mais ou menos ortodoxos, por uma palavra cheia



GISCARD D'ESTAING

de intenção. «Sim, mas...» passou a ser a sua divisa. Nas últimas eleições para a Assembleia Nacional foram eleitos quatro dezenas dos seus amigos, sem cujos votos os degaullistas se tornariam uma fracção minoritária. Deles depende, portanto, a sobrevivência da Assembleia na sua forma e com a sua composição actual. Ora Giscard d'Estaing acaba de criticar abertamente o general de Gaulle e as suas recentes atitudes na crise do Médio Oriente e na visita ao Canadá.

Três mortos num motim que começou num campo de futebol

DJAKARTA, 22 — (R.) — A agência noticiosa Antara anuncia que morreram três pessoas e 15 casas foram incendiadas durante um motim a seguir a um desafio de futebol, perto de Medan, no norte de Samatra.

A agência acrescenta que as desordens começaram com luta a soco, no campo, entre as duas equipas e se transformaram num grande tumulto ao intervirem, também, espectadores. Foram presas 39 pessoas.

Terceira noite de tumultos raciais em New Haven

NEW HAVEN (Connecticut), 22 — (R.) — Foram ateados 27 incêndios, 26 pessoas foram presas e mais armazéns saqueados, a noite passada, nesta cidade, quando negros violaram o recolher obrigatório durante a terceira noite consecutiva de tumultos.

Como nas noites anteriores, a maior parte das depredações, que se prolongaram por três horas e meia, ocorreu num bairro habitado predominantemente por negros. Cerca de metade dos incêndios registaram-se em residências de negros.

Um total de 286 pessoas foi preso nos últimos três dias, nesta cidade, onde se encontra a Universidade de Yale, que tem sido frequentemente elogiada pela sua obra de renovação urbana e pelo combate contra a pobreza.

ATIRADOR DE TOCAIA EM CHICAGO

CHICAGO (Illinois), 22 — (A. N. I.) — Um atirador furtivo, disparando, escondido num edifício público, num bairro predominantemente negro de Chicago, feriu dois polícias. Foram enviados para o local sete carros de patrulha, logo que houve conhecimento do tiroteio.

Manifestação em Washington contra o Xá

WASHINGTON, 22 — (R.) — Persas projectam manifestar-se de frente da Casa Branca quando o Xá do Irão chegar às 21 horas, T.M.G., de hoje, para travar conversações com o presidente Johnson.

Cerca de 60 persas, usando máscaras de cartão, estabeleceram ontem piquetes junto da sede da Agência Central de Informações (C.I.A.) em Langley, perto desta capital, protestando contra o alegado envolvimento da C.I.A. no golpe de Estado feito por partidários do Xá que depôs há quinze anos o falecido primeiro-ministro Mohammed Mossadegh.

As máscaras foram usadas para evitar que os manifestantes fossem identificados.

O EGIPTO DECIDIU MANTER ENCERRADO O CANAL DE SUEZ

CAIRO, 22 — (A. N. I.) — O Egipto decidiu definitivamente manter encerrado o Canal de Suez até à retirada das tropas israelitas e até as consequências da agressão serem completamente eliminadas do território árabe — é o que afirma, hoje, o jornal «Al Ahram», acrescentando que esta decisão fora comunicada pelo ministro da Economia da Republica Árabe Unida, Hassan Abbas Zaky, aos ministros árabes da Economia, que participaram na conferência de Bagdad.

O jornal «Al Ahram» afirma que a decisão egípcia se baseia no facto de «o canal ter sido exposto a agressão dos países imperialistas, através de Israel».

Assim, o seu encerramento foi tanto uma medida defensiva como uma medida económica contra os Estados inimigos «que se servem da riqueza e dos mercados árabes para apoiar Israel militar e economicamente, de forma a mantê-lo como base permanente de agressão, pondo em perigo a segurança e a independência dos países árabes».

O canal foi encerrado em 6 de Junho, um dia depois de ter deflagrado a guerra no Médio Oriente.

Zaky declarou ao jornal que a conferência de Bagdad tinha «ajudado a desanuviar a atmosfera árabe e a facilitar o fortalecimento económico e as relações comerciais entre os árabes».

ENVIADO DA O. N. U. RECEBIDO EM JERUSALÉM POR MANIFESTANTES ISRAELITAS

JERUSALÉM, 22 — (A. N. I.) — O suíço Ernesto Thalmann, enviado especial das Nações Unidas a Jerusalém, foi recebido no aeroporto de Lydda por dois grupos de manifestantes israelitas.

«Se U Thant quer a paz, que largue o Médio Oriente» — lia-se nalguns dísticos empunhados pelos manifestantes, entre os quais havia católicos e deputados.

«Onde estava a O. N. U. quando Hussein destruiu cinquenta sinagogas?», «Diga a U Thant que Jerusalém é tão judaica como Berna é Suíça» — sublinhavam outros dísticos apresentados a Ernesto Thalmann, que hoje é recebido pelo ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban.

MALOGROU-SE A TENTATIVA PARA ORGANIZAR UMA SEGUNDA GREVE

Por outro lado, malogrou-se uma tentativa de elementos desconhecidos para a organização de segunda greve na parte velha de Jerusalém, pois a Câmara de Comércio opôs-se e forças de segurança estiveram de prevenção, para proteger os comerciantes árabes de possíveis actos de terrorismo.

Os agitadores queriam que a greve coincidisse com a chegada de Thalmann à Cidade Santa.

SE TEM SEDE DE SAÚDE



CARVALHELHOS

DESTAS ÁGUAS DISSE

O EX.^{mo} PROF. DOUTOR A. HERCULANO DE CARVALHO:

A ACTUAL EMPRESA CONCESSIONÁRIA NÃO SE
TEM POUPADO A ESFORÇOS PARA VALORIZAR
AO MÁXIMO A INEGÁVEL RIQUEZA HIDROLÓGICA
QUE EXPLORA

CARVALHELHOS FONTES DE JUVENTUDE

ELECTROGÉNEOS

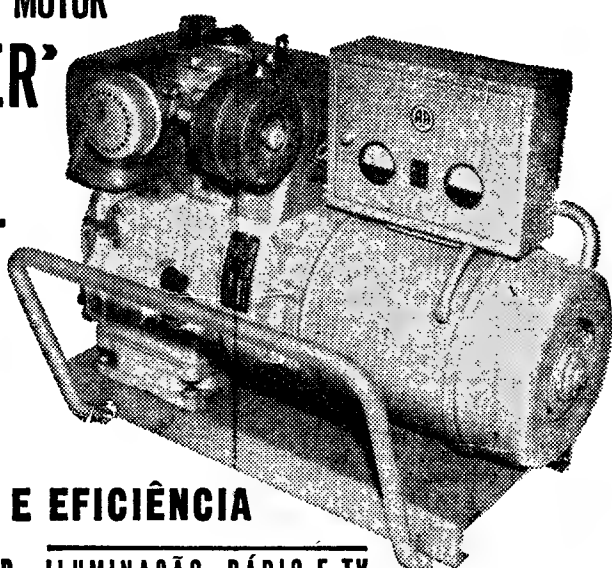
COM O FAMOSO MOTOR

'PETTER'

TIPO-AA1

DIESEL

3 cv-3000 rpm



ECONOMIA E EFICIÊNCIA

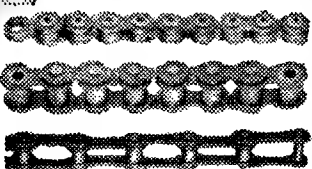
1,5 KVA-220 V.-50 P. ILUMINAÇÃO, RÁDIO E TV



COMETNA

COMPANHIA METALÚRGICA NACIONAL S.A. R.L.
SUCESSORA DE ALFREDO ALVES & C. (FILHOS)

EXPOSIÇÃO E VENDA—Boqueirão do Duro, 38—TELEFONE 664788—LISBOA



**CORRENTES
DE TRANSMISSÃO**

PARA

INDÚSTRIA, AGRICULTURA, ETC.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

AUTO-LUSITANIA
ALFREDO DUARTE, LDA.

AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA



Venda de terrenos em Cascais

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no próximo dia 26 do corrente, (sábado), pelas 15 horas, procederá à venda, em hasta pública, dos seguintes lotes de terreno para construção: 1 lote situado no Bairro da Assunção, na Rua Joaquim Ereira, em Cascais, com a área de 283,76 m², ao preço base de licitação de 800 000\$00, para 8 fogos; 1 lote, na Zona D da Avenida do Ultramar, em Cascais, com a área de 234 m², ao preço de 700 000\$00, para 6 fogos; 3 lotes no Bairro das Fontainhas, com as áreas de 190 m² cada, ao preço base de licitação de 400 000\$00 cada lote, destinados a 6 fogos e o outro pelo preço de 430 000\$00 para 7 fogos; 2 lotes na Rua das Fontainhas, em Cascais, com as áreas de 462,50 m² e 370 m² ao preço base de licitação de 400 000\$00 cada para 8 fogos; 1 lote no Bairro do Rosário, na Avenida Gaspar Corte-Real, em Cascais, com a área de 550 m², pelo preço base de licitação de 600\$00 cada metro quadrado para construção de moradia isolada e 3 lotes no Cobre — Pampilheira, com as áreas entre 204 m² e 277 m² ao preço base de licitação de 500\$00 cada metro quadrado, todos destinados à construção de moradias isoladas.

Os ante-projectos dos lotes, condições e plantas encontram-se patentes no átrio dos Paços do Concelho todos os dias úteis dentro das horas de expediente.

Cascais, 10 de Agosto de 1967.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,

António Azevedo Coutinho
Eng.º Agrónomo

Lote de terreno para prédio de rendimento destinado a comércio e habitação, no centro comercial de Cascais — no cruzamento da Avenida José Frederico Ulrich e Rua do Mercado.

No dia 26 do corrente mês, às 15 horas, a Câmara Municipal de Cascais, venderá em hasta pública, um lote de terreno, situado no Gaveto formado pela Avenida José Frederico Ulrich com a Rua do Mercado, no Centro Comercial de Cascais, com a área de 377,20 m², pelo preço de 7500\$00 cada metro quadrado, destinado a um prédio de rendimento com estabelecimentos comerciais e habitação.

O projecto e condições de venda encontram-se patentes todos os dias úteis na Secretaria da Câmara, dentro das horas normais de expediente.

Cascais, 11 de Agosto de 1967.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,

António Azevedo Coutinho
Eng.º Agrónomo

Em BUCELAS o "DIÁRIO LISBOA" está a venda na casa VI ENF. ROMÃO BRAVO.



Um dos sugestivos quadros que se incluem na exposição de Manuel Lúcio

ARTES PLÁSTICAS

Manuel Lúcio expõe na Costa de Caparica

Na Costa de Caparica será inaugurada, em 1 de Setembro, uma sugestiva exposição de trabalhos do pintor Manuel Lúcio, artista de largos recursos e vibrátil sensibilidade, cuja vincada personalidade se afirma numa obra de marcados renovações, distinguida por assinalados êxitos nas suas diversas exposições.

Este certame da Costa de Caparica, que inclui os mais recentes trabalhos do pintor, é aguardado com muito interesse.

António Pimentel e Mário Silva expõem na Figueira da Foz

Amanhã, às 17 horas, abrem, na Figueira da Foz, a sua exposição conjunta os artistas António Pimentel, agora a viver em Paris, onde recebeu, recentemente, o primeiro prémio da Casa de Portugal, e Mário Silva, pintor que tem sido consagra-

do em várias exposições individuais e colectivas.

A exposição realiza-se nas instalações da Sacor, em frente ao mar, naquela Avenida Marginal que é neste momento um dos locais mais movimentados de Portugal.

Mário Silva prepara também neste momento uma grande exposição para Lisboa.

Lisboa vai ter uma nova galeria

Lisboa vai ter na próxima época uma nova galeria de arte. E ficará ela na grande Avenida da Liberdade, em edifício novo.

Trata-se de uma «boîte»-galeria na parte superior da Avenida, na cave de um dos prédios em acabamentos, sob as instalações de uma das grandes companhias de aviação. A abertura da nova «boîte»-galeria está prevista, em princípio, para 4 de Outubro. Nela actuará o Conjunto Tillo's Combo e para a galeria estão já previstas várias exposições.

OFERTA EXCEPCIONAL

10 VOLUMES ENCADERNADOS A ESCOLHA
PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 30\$00

ENTREGA DAS OBRAS
CONTRA O PRIMEIRO PAGAMENTO

Obras encadernadas em balacuir de

ALEXANDRE HERCULANO

AQUILINO RIBEIRO

BALZAC

CAMILO CASTELO BRANCO

CHARLES DICKENS

FERNANDO NAMORA

OLIVEIRA MARTINS

STEFAN ZWEIG

WALTER SCOTT

ZOLA e outros

150 AUTORES, CERCA DE 350 VOLUMES mencionados numa lista que remetemos, grátis e sem qualquer compromisso, a quem a solicitar. Todas as obras têm o formato mínimo de 0,19 x 0,12 m. O número de exemplares disponíveis para esta oferta é limitado. Solicite imediatamente a lista à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO — Telef. 22286, ou à sua Filial em Lisboa — Av. Almirante Reis, 102, r/c. Dt.º — LISBOA-1 — Telef. 58796 e 58798

Recortar este cupão e remeter à

LIVRARIA
CIVILIZAÇÃO

R. Alberto Aires de
Gouveia, 27 — Porto

Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da Oferta Excepcional e um impresso-proposta para a sua aquisição.

Nome

Morada

«Conheça a Curia»

A C.P. proporciona-lhe, durante os meses de Julho a Outubro, um bom domingo passado na Curia, com o seu bilhete turístico emitido ao preço de:

Esc. 295\$00

Neste preço está compreendido o transporte em caminho-de-ferro em comboio rápido, almoço na Curia, entrada no Parque e «lanches» para a viagem de regresso.

ESTEREOSOM

uma nova loja para os que gostam de música

AV. DUQUE D'AVILA, 56A-LISBOA 1 (Rua Salazar)

LUSTRES

Fazemos novos reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica Av. 5 de Outubro, 203, r/c. — Telef 771639.

(Ao Campo Pequeno)

CAMINHOS DE FERRO MELHORIA NAS CIRCULAÇÕES DA LINHA DO DOURO

Comunica-nos a C. P. que no intuito de melhorar as ligações da Linha do Douro estabelece, desde o dia 24 do corrente, duas novas circulações com automotoras «Unidades Duplas Diesel» (U. D. D.) entre Porto (São Bento) e Barca de Alva, com o seguinte horário:

HORÁRIO

Automotora Rápida n.º 6001		Porto (São Bento)	Automotora Rápida n.º 6002
8-25	P.		
8-30	C.		
8-32	P.	Porto (Campanhã)	C. 22-04
9-56	C.		P. 20-40
9-57	P.	Livração	C. 20-39
10-50	C.		P. 19-43
11-03	P.	Régua	C. 19-25
11-28	P.	Pinhão	P. 18-59
11-41	C.		P. 18-44
11-43	P.	Tua	C. 18-37
12-27	C.		P. 17-52
12-29	P.	Pocinho	C. 17-50
12-42	P.	Côa	P. 17-38
12-58	P.	Almendra	P. 17-22
13-10	C.	Barca de Alva	P. 17-10

PROPRIEDADES

— VENDAS —

A Av. da Liberdade, antigo, bom estado de conservação, por 1.100 contos. Rendas antigas, incluído, e/ 3-5 div. ass., coz., c/ banho e quintal. Rende 61.680\$00.

Centro de Algés, gaveto, por 2.800 contos. Const. recente. Tem 10 inquilinos. Todo alugado. Rende 181.200\$00.

TRATA:

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45-3.º. Telef.: 367444-323172

ANDARES

Vende-se em prédio de grande volume, em muito bom local de Lisboa, com 3 e 4 casas assoalh., hall, coz., desp., roup.º e 2 casas de banho, estas com azulejos e loiças de cor, etc. Preços desde 290.000\$00 a 400.000\$00. Mostram-se todos os dias no local. Estrada da Luz, Lote 10 (Frente ao Colégio Militar), em Lisboa. Trata: F. Fernandes & Costa, Lda., Avenida Almirante Reis, 104, 2.º — Telef. 536111 / 2 / 3 — Lisboa.

Contato



ANÚNCIOS

MORADIA em muito bom local, composta de r/chão e 1.º andar, c/ 6 casas assoalh., coz., desp., 2 casas de banho, etc., sacadas corridas, jardim e garagem, pronta a fazer escritura. Preço, 400 contos. Trata: F. Fernandes & Costa, Lda., Av. Almirante Reis, 104, 2.º. Telefones 536111/2/3.

DINHEIRO



CASAS

EMPRESTA-SE rapidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1.º ou 2.º hipoteca de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, R. da Prata, 291, 2.º. Dir. Tel. 32 54 87 — 47 06 18 (junto à P. da Figueira).

Capitalistas

Temos clientes para aplicação imediata de qualquer verba até 5 mil contos, no total ou em frações. Resposta ao D.L. Rua da Rosa, 57-2.º, ao n.º 224.

DINHEIRO s/ prédios

CASAS

para alugar

Procure V. Ex. nos n.ºs escritórios onde temos sempre variados andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA — R. do Ouro, 292, 1.º — Telef. 30259/34755.

ANDAR COMPRA-SE

Na zona de Belém até Algés que tenha pelo menos 5 div. assoalhadas. Resposta com preços ao «Diário de Lisboa», R. da Rosa, 57-2.º, ao n.º 223.

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.º

TELEF. 369384



PARA

AMÉRICA DO SUL

«AUGUSTUS»

«GIULIO CESARE»

1 de Setembro

30 de Outubro

RIO DE JANEIRO

SANTOS

MONTEVIDEU

BUENOS AIRES

PARA:

MEDITERRÂNEO

«GIULIO CESARE»

5 de Setembro

16 de Outubro

BARCELONA

CANNES

GENOVA

NÁPOLES

OS AGENTES:

Em Lisboa:

AGÊNCIA MARITIMA TRANSATLÂNTICA, LDA
Rua do Alecrim, 20-F, 1.º
Telefone 32 72 64

No Porto:

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª LDA.
Rua Nova da Alfândega, 12
Telefone 2 84 21

Domingo, 27 de Agosto EXCURSÕES DA C. P.

Comunica-nos a C. P. de que realiza no dia 27 do corrente, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, duas excursões, sendo uma de Lisboa à Curia, Mealhada, Cantanhede, Mira, Praia de Mira, Luso e Anadia, ao preço de 230\$00 por passageiro; e outra de Lisboa a Aveiro, Barra, Costa Nova, Albergaria-a-Velha, Sever do Vouga, Vale de Cambra, Oliveira de Azeméis e Estarreja, ao preço de 265\$00 por passageiro.

Os preços destas excursões incluem transporte em comboio automotor

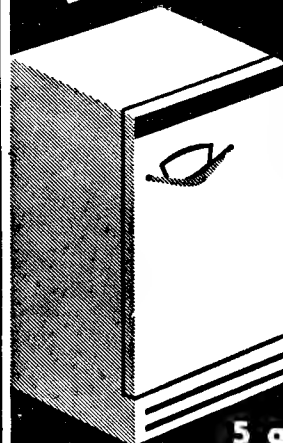
FIAT de 1.ª classe com ar condicionado, circuito turístico rodoviário e almoço.

Só transporte em caminho de ferro (ida e volta):

Lisboa a Coimbra-B 100\$00
Lisboa a Curia 115\$00
Lisboa a Aveiro 125\$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rossio), nas Agências de Viagens autorizadas ou na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, n.º 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa.

ZOO FRIGORÍFICOS



Para vender ao
MAIS BAIXO PREÇO

do mercado
150 L.—2.700\$
170 L.—3.300\$
200 L.—3.800\$
250 L.—4.800\$
350 L.—6.800\$

5 anos de garantia

M. L. FERREIRA

RUA DONA ESTEFANIA, 48, 1.º, ESQUERDO

ALUGAM-SE LOJAS E ANDARES

PARA ESCRITÓRIOS, MAGNÍFICAS INSTALAÇÕES PRÉDIO ACABADO DE CONSTRUIR C/ 9 ASSOALH. E ELEV., AR CONDIC., ETC.

VER NO LOCAL — AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS, 54

Trata **S. Construções Invicta, Lda.**

RUA DO OURO, 292, 1.º-DT.º

LISBOA

TELEF. 3 47 55/6

AUTOMÓVEIS

VENDAS:

AUTOMÓVEIS

Se está comprador de qualquer marca ou modelo não deixe de nos visitar. Fac. troca e pag. MARCELO — Av. João Crisóstomo, 47-C.

Automóveis s/conductor

Veja os n.ºs preços e carros a estrear ou impecáveis Av. João Crisóstomo, 47-C.

Vauxhall Viva, de 65; Austin 850 de 62; Volkswagen de 60 e 62 e muitas outras marcas, todos revisados, c/ facil. de troca. AUTO-VANTE AR-ROIOS — Rua de Artijos, 152-A.

MG MIDGET, de 1963; Austin Sprite, 1962; Triumph T. R. 3 1958, utilitária; Citroen 2 H. P., 1966. Fac. troca e pag.º Av. João Crisóstomo, 47-C.

TAUNUS 17 M Super, 1961; Taunus 17 M Super, 1962; Taunus 12 M 1500, 1965; Floride, 1961; Chevrolet Impala, 1961; Hillman Minx 1959; Ford, série 21 a gasóleo, motor Perkins. Fac. troca e pag.º, Av. João Crisóstomo, 47-C.

Volkswagen 1600 TL, 66; Station Rambler, 64; Cortina GT, 66; Peugeot 404, 62. Fac. pag.º e troca. CRI-SAUTO, L.D.A., Av. João Crisóstomo, 13-A.

MERCEDES 13.500 kgs. p. bruto, 1959, impecável. Fac. troca e pag.º. Av. João Crisóstomo, 47-C.

ALUGUER:

NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA SERVIÇOS DE AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 50.060 — Automóveis Amoreiras Av. João Crisóstomo, 89
- 57.445 — P. P. C. A. 560071/2/3 — BELCAR — Av. 5 de Outubro, 42-B
- 53.4657 — L. St. Bárbara, 5-B
- 49.612 — Jomil Auto — R. Ponta Delgada, 40-A-B
- 76.9848 — EUROCAR, Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42.890 — Táxis Universo, Lda. Av. República, 26
- 55.3843 — Auto-Argos P. Olegário Mariano, 62
- 53.7476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56-1.º
- 53.1919 — SILVA E TIAGO — R. St. Bárbara, 81-1.º
- 72.7654 — Auto-Monumental do Areeiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 83.5730 — INTERAUTO — R. Carvalho Araújo, 102-A
- 53.9168 — 53.9345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A



PORTA-BAGAGENS em diversos tamanhos ALFREDO & DIOGO, LDA. R. Carvalho Araújo, 49-A LISBOA-1 — Telef. 836231

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO Comércio e Indústria, S. A. R. L. 95. Rua Nova do Almada 9º LISBOA

LISBOA-MADRID

Pelo comboio automotor

«LISBOA-EXPRESSO» (TER)

HORARIO

Partida de Lisboa 9.40
Chegada a Madrid 19.00
Partida de Madrid 10.45
Chegada a Lisboa 19.40

Lisboa a Madrid:

Preço em 1.ª classe 447\$00

Preço em 2.ª classe 349\$50

Ligações diárias — Serviço de restaurantes e bar — Assentos confortáveis — Ar condicionado

Peça informações e folheto nas Secções de informações das estações de Lisboa (Rossio) e de Lisboa (Santa Apolónia) ou nas Agências de Viagens autorizadas

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios

«A RAINHA CRISTINA»

Texto de Alain de St. Sauvan Desenhos de Frisano

RESUMO — Em 1649 a rainha Cristina da Suécia é amiga íntima do conde francês Magnus de la Gardie. O casamento repugna-lhe, e por isso socorre-se de um subterfúgio para dizer que não à união com o príncipe Carlos Gustavo, nomeando-o herdeiro do trono. O país saiu vitorioso, mas arruinado, da esgotante Guerra dos Trinta Anos. O descontentamento é geral. Cristina, cansada da governação, pensa em abdicar. La Gardie, o velho chanceler Oxenstiern e o embaixador da França em Estocolmo, Hector Chanut, conseguem dissuadi-la.



31 — A influência do embaixador francês torna-se então considerável. Chanut é um homem de vistas largas. Deu-se muito lucidamente conta do estado de espírito da soberana. Analisou-a à lupa. Sente que ela está fatigada do poder — e talvez do próprio favorito La Gardie. Chanut adivinha a desgraça próxima do seu compatriota. De resto, está convencido de que, nestes penosos momentos porque passou, Cristina terá prodigalizado uma certa «ternura equivocada» para com a sua única amiga, mademoiselle de Sparre. O astucioso diplomata percebe que uma mulher tão intelectualizada possa querer arranjar derivativos que a salvem da rotina. Ora, para distraí-la e dar-lhe de novo, pouco a pouco, o gosto pela governação, haverá que aproximá-la definitivamente da bela Sparre e atrair à corte da Suécia sábios e filósofos estrangeiros... Sem grande dificuldade irá sugerir tudo isto no tom mais desprendido do mundo.



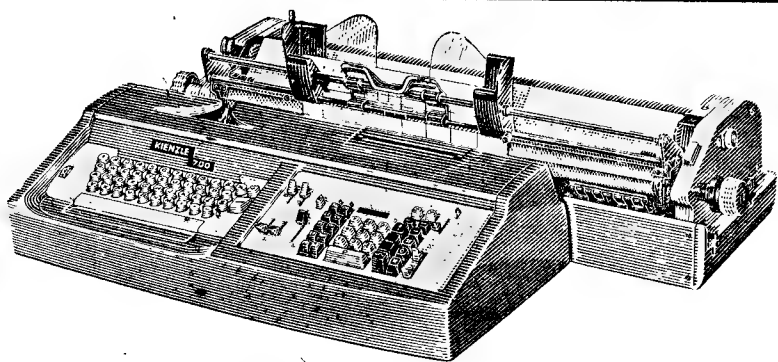
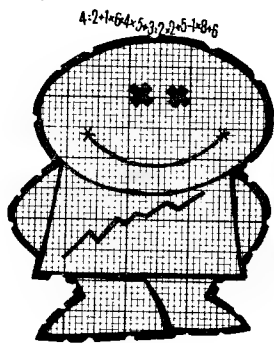
32 — Cristina gabava-se já de ter criado na Suécia o primeiro «salão literário» da época. O seu maior orgulho está em fazer visitar a biblioteca particular, para a qual adquiriu manuscritos a peso de ouro. No final de 1649 ela que inicia um dos seus mais fecundos períodos intelectuais. La Gardie, pobre dele, não passa de um elemento decorativo. A rainha acompanha só com uma pessoa — a confidente Sparre. As duas mulheres não se deixam por um segundo que seja. Mademoiselle de Sparre pertence a uma das mais nobres famílias do reino. Alta, magra loira, muito bonita, é o al-jesus da corte. As relações epistolares que mantém com Cristina deixam entrever um grande afecto. O magnífico Magnus de la Gardie não pode alimentar quaisquer dúvidas. Consoa-se agora com a bebida e com as conquistas amorosas ao mais baixo nível. A sua época passou. Quem sabe se a corte da Suécia não terá inaugurado uma nova moda — a das especulações intelectuais na realeza?



33 — Tudo o que a Europa possui em matéria de pensadores e de renome vai passar pela capital sueca. Um desses intelectuais aproveitará para aí exalar o último suspiro. Cristina chama a si quem quiser aceitar a sua brilhante hospedagem. É assim que o ilustre filósofo e matemático francês René Descartes responde com um «sim» encantado ao convite da soberana. É um grande viajante. Chega a Estocolmo em Outubro de 1649. Tem 55 anos e a sua saúde não pode dizer-se famosa. Uma pneumonia vitimou-o cinco meses depois. Diz a lenda que Descartes teria adoecido por virtude do regime imposto por Cristina, a qual não hesitava em chamá-lo, a altas horas da madrugada, uma corrente de ar, uma constipação e aí temos Descartes no leito de morte.

(Continua)

SR TÉCNICO DE CONTAS



- Já conhece o nosso vasto programa de equipamentos e sistemas de organização?
- Temos o melhor para facilitar a sua missão.
- Escreva-nos e enviar-lhe-emos uma colecção de catálogos e os esclarecimentos necessários.

PARA SI TEMOS CONDIÇÕES ESPECIAIS

EFICEX KIENZLE

SERVIÇOS TÉCNICOS EM LISBOA: Av. João XXI, 4-A - Telef. 72 70 28-72 50 74

SERVIÇOS COM. DE LISBOA: Av. P. Manuel da Nóbrega, 4-B - Tels. 72 61 05-72 70 19

FILIAL NO PORTO: Rua Passos Manuel, 228, 2.º - Dto. - Telefone 306 98

FILIAL EM LEIRIA: Rua Gago Coutinho, 22 e 24 - Telefone 237 40

Dardo apresenta o

FRIGORÍFICO

Harmonia das formas,
dos tons e dos materiais.

Equipados com o
famoso congelador freeZmatic

à venda nas 5 lojas

Dardo

AV. DA LIBERDADE, 131 • R. S. BENTO, 53-57

AV. ALM. REIS, 124 • R. DE LONDRES, 7 • R. DE MAIO, 146 (5.º andar)

a pronto ou a prestações nas melhores condições



eu não
encontrei
melhor



PARIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«BENGUELA»

a sair em 25 de Agosto

«VERA CRUZ»

a sair em 30 de Agosto
às 16 horas

«PÁTRIA»

a sair em 6 de Setembro
às 12 horas

«LOBITO»

a sair em 9 de Setembro

«LUGELA»

a sair em 15 de Setembro

UIJE

a sair em 18 de Setembro
às 16 horas

Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega até 23 de Agosto

Com escala por LAS PALMAS, para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 25 a 28 de Agosto

Com escala por FUNCHAL, para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 31 de Agosto a 3 de Setembro

Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 3 a 7 de Setembro

Com escala por LEIXÕES, para: CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 10 a 13 de Setembro

Com escala prévia por Leixões, para: LAS PALMAS, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega de 8 a 11 de Setembro.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»

a sair em 15 de Setembro
às 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: FENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAO e PORTO EVERGLADES (Miami)

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA - R. de 5 Julho 63

Telefs. 36962/8

PORTO - Rua Infante D. Henrique, 9 - Telef. 23342

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA



A caminho de Beja os corredores vigiam-se mutuamente

COMENTÁRIO DA 16.ª TIRADA

IMPLACÁVEL O SPORTING NA INEXORÁVEL LEI DA ESTRADA MAS LUCROS POUCO PALPÁVEIS

- Furos e fadiga derrotaram os portuenses Mário Silva e Mário Sá, a 141 quilómetros da meta
- Impressionante obstinação dos «leões» para vingarem a desdita de Vila do Conde

Tirada monocórdica se não monótona, a ligar o Algarve ao Baixo Alentejo para um percurso de 151 quilómetros, batido por inclemente soalheira, que demorou quatro horas a calcorrear. Começou em momento impróprio e terminou ainda em pior momento. Por volta das duas horas da tarde. Mais uma vez, por conseguinte, a Volta exorbitou a sua finalidade ao atrair as leis que regem a prática do des-

porto. Assistiu-se a uma espécie de cremação, com a tortura da sede a provocar esgares de tragédia. No lugar do meu automóvel, senti-me envergonhado duplamente. Por dispor de comodidade e por testemunhar o desprestígio do ideal que desde menino abracei, com entranhado amor. Penetrar na fogueira alentejana, no cume estival constitui ofensa grave aos mais elementares preceitos humanos. Protesto com veemente energia.

Rectificação

No relato da tirada de ontem, publicado na 1.ª edição, incorreu-se num lapso de que os leitores decerto se aperceberam, quando se frizou o facto de os corredores do Sporting terem imposto um andamento duro para assim se aproveitarem do infortúnio e do atraso de quatro adversários do F. C. Porto. Ora, nunca se verificou uma fuga, em forma, dos «leões». Na frenética pressa de se utilizar o telefone e devido a defeituosa audição forneceu-se uma ideia que, no fundo, não alterou aquilo que mais tarde, no decorrer da tirada, se confirmou. Isto é, o predomínio do Sporting, sempre na ofensiva.

Os efeitos das altas velocidades averbadas, nas jornadas anteriores, despontaram, ontem, com nitidez. O calor é também adjuvante de peso. Dois homens, Joaquim de Freitas (F. C. Porto) e António Teixeira (Tavira) desistiram. O primeiro, por esgotamento físico; e o segundo a conselho médico, quando denunciava sintomas de insolação iminente.

Exceptuando o caso de três outros portuenses, também a acusarem fadiga, seis corredores atrasados na meta em relação ao pelotão, comprovaram carên-

(Continua na página seguinte)



AUGUSTO CARDOSO (B) o vencedor da 16.ª tirada

CLAROS e ESCUROS

Por FERNANDO SOROMENHO

PINGOS

• Inácio Rebelo, de férias em Portimão, saudou-me, á passagem em Monchique. O futebol atraído pelo ciclismo. O que não é novidade.

• Acuso recepção telegramas saudando alguns «pingos» stop meus agradecimentos stop. Coerência no estilo...

• Uma taviense pediu o boné de Monteyne e o Monteyne, num francês á taviense, Monteyne, um francês mascavado, perguntou como se dizia «jolie», em português. Depois, neguei-me a ouvi-lo...

• O tiro da partida, em Tavira, foi dado pelo camarada e amigo Justino Lopes, do «Comércio do Porto». Mas porque «acertou» ele no F. C. Porto?

• No último minicircuito desta Volta, uma espécie de exibição circense, o primeiro lugar coube a dois corredores. Imaginase se o mesmo tempo tivesse sido conseguido por dez outros corredores. A Volta do próximo ano exige ponderação para se evitar «barracas»...

• O juri confessou, num comunicado, um lapso. O de não ter referido que os corredores, além do «boyau» de reserva, devem-se munir também de bomba de ar. Realmente, há uma falta de ar tremenda...

• Onze corredores foram assistidos pelo médico, na ligação Algarve-Alentejo. Portanto, um quarto dos que estavam em prova. Esclarecedor. Só o «dopping» continua por esclarecer.

• Nos últimos 30 quilómetros, sugeriu um segundo abastecimento de líquidos. O director-

APONTAMENTO

ESQUECIMENTOS — Foi em 1963 que a Direcção-Geral dos Desportos, respondendo a apelos feitos no sentido de se evitar o fortíssimo calor que se faz sentir em Agosto, mês escolhido para se disputar a dura Volta a Portugal, em bicicleta, nomeou uma comissão da qual faziam parte os srs. drs. Salazar Carreira, então inspetor da modalidade; Vicente Paulo Martins, também, na altura, presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo; João Barreto, médico de desportos; Mesquita Guimarães, director do Centro de Medicina Desportiva; e um representante do Serviço Metodológico.

Antes dos noventa dias fixados, a referida comissão, que se propôs estudar o assunto, concluiu o seguinte:

1 — Setembro é o mês mais favorável para a corrida, considerando imposições do calendário internacional que não permitem antecipá-las para antes de Agosto.

2 — A «Volta» deve ser facultada a ciclistas experimentados e depois de rigoroso exame clínico, no Centro de Medicina Desportiva.

3 — A quilometragem das tiradas, salvo imperativo das condições locais de instalação, não exceder distância que os ciclistas tardem mais de cinco horas a percorrer.

4 — Nos percursos onde sejam de prever condições de temperaturas mais rigorosas, deve ser aproveitada a parte da tarde, de maneira que a chegada coincida com a última hora de luz diurna.

Verificam-se, por conseguinte, vários esquecimentos nesta «Volta», sendo o principal o que se refere ao calor. Nas tiradas Odemira - Tavira e Tavira - Beja, as chegadas registaram-se por volta das duas horas da tarde.

Sabia-se, graças á experiência, que o calor apertava nas regiões apontadas, mas com estranho encolher de ombros, não se ligou nenhuma a recomendações de carácter oficial.

Que importa o sofrimento dos corredores? O depauperamento físico dos atletas, recrutados em meios humildes, não interessa mesmo que as drogas, o terrível flagelo, sejam a escada de salvação a que se agarram alguns.

geral da corrida disse-me que já tinha havido um, aos 50 quilómetros. Que diabo, dar água a quem tem sede é acto de misericórdia.

• Desabafo do Francisco Vá da, do Benfica, vencedor da Volta de 66, antes de abalar de Odemira: «Com médias tão elevadas, não se pode pensar em fugir do pelotão». Augusto Cardoso não pensou assim. Sózinho, chegou a Beja.

• Joaquim Andradão, do Sanga-lhos, é sapateiro de profissão. Especial-

izado em brunidos. Tal como Manuel Correia, do Sporting, que aprendeu o ofício de canalizador, nas horas vagas. Joaquim Andradão gosta de cuidar dos pombos. A sugestão das asas. Para voarem...

• O Primo, que é benfiquista de corpo inteiro, perguntou a Manuel Tiago, seccionista do Sporting e seu grande amigo: «Foi um curto-circuito que queimou a tua camisa amarela?» O Tiago respondeu, apontando o «Austin»: «Porque é que andas de capot aberto?».

A MARCHA DA PROVA

O que foi percorrido...	
1. — Pista das Antas	9
2. — Porto-Vila Real	116
3. — Circuito de Vila Real ..	46
4. — Vila Real-Guimarães ...	216
5. — Guimarães-V. do Conde ..	126
6. — Circuito de V. do Conde ..	60
7. — V. Conde-Porto (c/r) ...	29
8. — Pista das Antas	9
9. — Porto-Anadia	101
10. — Pista de Sangalhos	5
11. — Fig. da Foz-Malveira ...	179
12. — Pista de Alvalade	9
13. — Cacilhas-Sant. de Cacém ..	165
14. — Odemira-Tavira	173
15. — Pista de Tavira	5
16. — Tavira-Beja	151
17. — Beja-Castelo de Vide ...	218
1617	
...e o que falta percorrer	
18. — C. de Vide-P. da Saude ..	151
19. — Covilhã-Viseu	132
20. — Viseu-Tomar	200
21. — Tomar-Alpiarça (c/r) ...	53
22. — Alpiarça-Cartaxo	61
23. — Cartaxo-Lisboa	149



Caves Monte Crasto

AROMA-SUAVIDADE-PALADAR

3 razões porque deve preferir Brandy RHODA

O II CIRCUITO DA GRANJA DO MARQUÊS REALIZA-SE EM 9 E 10 DE SETEMBRO

Organizado pelo Sport União Sintrense e com a colaboração da Câmara Municipal de Sintra e Comissão Municipal de Turismo de Sintra, Rádio, TV, Automóvel Club de Portugal e Imprensa especializada e diária, realiza-se nos dias 9 e 10 de Setembro o II Circuito da Granja do Marquês, prova a contar para o Campeonato Nacional de Condutores e II Circuito para Iniciados dos Grupos de Turismo e G.T., Desporto e Protótipos além da disputa da Taça de Ouro de Sintra, destinada a corredores consagrados.

Para esta 2.ª edição do «Circuito da Granja do Marquês», a pista tem o perímetro de 2200 metros em qualquer das corridas, sendo disputadas as taças seguintes: Base Aérea n.º 1 (automóveis de Turismo, Iniciados); Sport União Sintrense (automóveis de G.T., Sport e Protótipos, iniciados); Câmara Municipal de Sintra (automóveis de Turismo — Campeonato Nac. de Condutores); Secretário de Estado da Aeronáutica (automóveis de G.T., Desporto, T. Especiais, Protótipos — Campeonato Nacional de Velocidade); Cidra (automóveis de Fórmula V — Campeonato Nac. de Velocidade).

Os prémios monetários são da ordem dos 100 000\$00, além de 80 taças que serão destinadas aos melhores classificados de todas as classes e grupos.

O Regulamento da prova já está a ser distribuído e as inscrições encontram-se abertas na sede do clube organizador e no Automóvel Club de Portugal e nas suas secções regionais, e fecham imprevisivelmente no dia 26 deste mês, pelas 24 horas, sendo de salientar que as inscrições só são consideradas válidas desde que até essa altura tenham sido confirmadas com a respectiva taxa.

«Rallye» do Verão organizado pelo Clube Arte e Sport

Com a colaboração da Câmara e Comissão Municipal de Turismo de Sintra e, ainda, das Piscinas da Praia das Maças, realiza-se no dia 2 de Setembro o «Rallye» do Verão, prova organizada pelo Clube Arte e Sport e que está a despertar

Eusébio

na festa de R. Zamora?

BARCELONA, 22 — «Aguardo o dia da «minha festa» com emoção: esse dia comprovará uma vez mais a amizade que sempre me dispensaram os adeptos espanhóis do futebol» — disse, ontem, o antigo guarda-redes internacional, Ricardo Zamora.

A 27 de Setembro próximo efectua-se, em Madrid, a festa de homenagem a Zamora num encontro entre seleções da Espanha e do Mundo, cujos componentes foram escolhidos pelos jornalistas desportivos de toda a Espanha.

Diz-se que Eusébio, do Benfica, figura entre os jogadores da selecção «resto do Mundo».

AUTOMOTORAS DE FIM DE SEMANA PARA O ALGARVE

Comunica-nos a C. P. que todos os sábados se efectua uma automotora para serviço público, entre Barreiro e Vila Real de Santo António, servindo o ramal de Lagos, com partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) às 13 e 40 e chegada a Faro às 18 e 55; a Vila Real de Santo António-Guadiana às 19 e 55; a Portimão às 19 e 06 e a Lagos às 19 e 32. O regresso efectua-se no domingo com partida de Vila Real de Santo António-Guadiana às 19 e 35; de Faro às 20 e 31; de Lagos às 19 e 48 e de Portimão às 20 e 13, com chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) às 1 e 30.

grande interesse no meio automobilístico, sendo de realçar que, embora o fecho das inscrições esteja marcado para 26 deste mês, é já elevado o numero de concorrentes.

Este «Rallye» terá sete itinerários, com partidas de Areia Branca, Santa Cruz, Ericeira, Praia das Maças, Estoril, Costa da Caparica e Lisboa (cada um deles rondando os 75 quilómetros) e concentração na Praia das Maças. Haverá duas provas complementares, uma disputada de manhã («Slalom») e outra de tarde (maneabilidade).

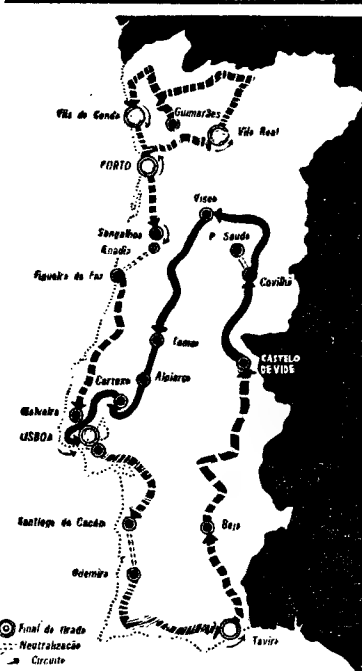
A lista dos prémios é completada com mais de 75 troféus, com taças para os três primeiros de cada classe (numero mínimo); três primeiros da classificação geral; vencedores das provas complementares; três senhoras com melhor pontuação; melhores equipas de clube; iniciados com menos pontuação em classe; melhor «escudeiro», etc.

A entrega dos prémios será realizada no decorrer de uma festa a efectuar na «boite» e outras instalações das piscinas da Praia das Maças, na noite de 2 de Setembro, cuja receita reverterá para a Misericórdia de Sintra.

O circuito de Vila do Conde

Organizado pelo Estrela e Vigorosa Sport, realiza-se nos próximos sábado e domingo o já «clássico» Circuito Automóvel de Vila do Conde, reunião automobilística que está a despertar grande expectativa pelo facto de não estarem ainda bem definidas as posições no Campeonato Nacional de Velocidade, em Turismo, embora Ernesto César das Neves tenha a seu favor dois primeiros e dois segundos lugares.

O numero de inscrições é já bastante elevado esperando-se que estejam presentes Carlos Gaspar — recente vencedor de «Montes Claros» em Fórmula 3 — Manuel Lopes Gião, César Torres a par de tantos outros «volantes» consagrados.



Amanhã corre-se a 18.ª tirada da Volta a Portugal, na distancia de 151 quilómetros, a estabelecer a ligação Castelo de Vide-Penhas da Saúde. Os corredores partem às 10 horas, seguindo por Alpalhão (10 e 30), Nisa (10 e 51), Ponte sobre o Tejo (11 e 21), Castelo Branco, onde funciona a meta volante (12 e 14), Alpedrinha (13 e 14), Fundão (13 e 35) e Covilhã (14 e 7), cortando a meta junto ao Hotel das Penhas da Saúde, às 14 e 26. Haverá duas contagens para o «Prémio da Montanha (na serra da Gardunha e na meta)

MOTORIZADAS PERFECTA

CICLO-AREEIRO

Av. Alm. Gago Coutinho

LISBOA

Comentário à tirada Tavira-Beja

(Continuação da página anterior)

cia de potencialidade atlética. Deles, destaca-se o sportinguista Emiliano Dionísio (camisola verde) que terá, porventura, pensado em abandonar, e o belga Furnière, na véspera vencedor em Tavira.

Simples de narrar a penosa travessia. Apenas, uma causa para explicar um ror de consequências, sendo a principal o ferrete do infortunio, cravado no cerne da equipa do F. C. Porto.

Dois dos seus homens, os Mários (Sá e Silva), atormentados por furos, deram monumental trambolhão na tabela classificativa ao descerem vinte e cinco lugares, agravando, por isso, as diferenças de 3 m 10 s e 3 m 25 s, em relação ao «leader», para 11 m 37 s e 11 m 52 s, respectivamente. Mário Silva disse o adeus definitivo à camisola amarela.

A desgraça do F. C. Porto aconteceu a 10 quilómetros da partida. Furou Mário Silva e Mário Sá deu-lhe a sua roda; furou, a

seguir Mário Sá; Joaquim Freitas recebeu ordem para esperar e, depois, o mesmo se verificou com José Azevedo; e novo furo de Mário Silva.

Sou o clarim no pelotão. E os «leões», lesto e diligentes em dez quilómetros, acelerando a marcha, provocaram o avanço de 2 m 30 s. Faltavam, recorde-se, 131 quilómetros para se atingir Beja, o fim do martírio.

O que se registou, a seguir, cinge-se à imagem dos vingadores que não perdoam ofensas. O Sporting com quatro, cinco e seis elementos, colocou-se na testa do pelotão, batilhando, impiedosamente, ainda que não considerasse os riscos em que incorria com vista ao futuro. Hoje, por exemplo, são 218 quilómetros, com uma contagem para o Prémio da Montanha.

A atitude implacável do Sporting, para se reabilitar do malogro de Vila do Conde, quando João Roque furou, a 52 quilómetros da meta, atirou para trás das costas o comedido plausível que, nesta altura da prova, se justificava. No fundo, os 141 quilómetros de forçados trabalhos (a média de 37,590 bateu a fixada em 36 km) só redundaram no benefício já apontado, dado que o F. C. Porto manteve Cosme de Oliveira no segundo lugar e fez subir Joaquim Leão, de 8.º para 6.º. Por conseguinte, a adversidade do clube nortenho limitou-se à queda de um real ídolo, Mário Silva. Outros ficaram, todavia, para o substituir. Nem tudo se perdeu...

A espectacular demonstração do Sporting, que não logrou desmembrar o pelotão, teve outro senão importante — a perda da vitória na tirada. Na fase derradeira, Leonel Miranda ensaiou uma escapada, mas não aguentou. E quando saiu do grupo Augusto Fortes ninguém pôde dar-lhe réplica. O Benfica aproveitou-se do esforço dos «leões», o que é também uma lei do desporto do pedal. Aliás, os «encarnados» podem orgulhar-se de terem manchado a impressionante mancha verde. Além disso, averbaram o seu primeiro triunfo individual nesta Volta.

Ainda se afigura lícito salientar a repetição da precária rentabilidade do Sporting. Há dias, em Santiago de Cacém, João Roque, serviu numa bandeja, a camisola amarela a Monteyne. Ontem, a formação «leonina» deu-lhe o mesmo dorso, conquanto haja afastado do caminho de Roque dois opositores de respeito, os Mários, do Norte.

Repare-se ainda, que, entre o Sporting e o F. C. Porto, na classificação geral, por equipas, se mantiveram os dez segundos de diferença registada, ontem, no circuito de Tavira.

O comportamento das restantes formações suscita apreciação favorável no concernente aos casos dos belgas e dos benfiquistas. Ambas se limitaram a rolar na sombra dos «leões», exemplificando a marcação que era essencial observar. Não colaboraram e não soçobraram. O Benfica, como se frisou, foi o «desmancha-prazeres», a pedra de sal de opiparo manjar.

O passo duro, imposto pelos sportinguistas, que afirmaram poder, não significa como é óbvio que venha a provocar dificuldades irremediáveis, nas jornadas de hoje e de amanhã. Decerto, outros adversários terão sentido, dentro de si, o aviso de precipício perigoso. Todos são feitos da mesma massa. E o calor africano de Agosto não perdoa a ninguém. Como quer que seja, não se hesita em saudar o Sporting, em conformidade com o princípio de que ainda há tempo para se descobrirem soluções. A obra-prima do escultor começa por ser um pedaço informe e desajeitado de pedra.

Enfim, esta Volta continua a irradiar perigo intenso. Deslumbrando. — F. S.



A passagem em Mértola um popular refresca um corredor

CLASSIFICAÇÕES GERAIS À PARTIDA DE BEJA

INDIVIDUAIS (Prémio «Monte Crasto»)			
	H	M	S
1.º JAN MONTEYNE	36	36	12
2.º Cosme Oliveira	36	37	55
3.º Manuel Correia	36	38	40
4.º Anton Houbrechts	36	38	45
5.º Joaquim Andrade	36	39	50
6.º Joaquim Leão	36	40	—
7.º Fernando Mendes	36	40	19
8.º João Roque	36	40	20
9.º Leonel Miranda	36	41	1
10.º Manuel Costa	36	41	24
11.º André Demarteire	36	41	34
12.º Armand Desmet	36	41	40
13.º Américo Silva	m. t.		
14.º George Smislaert	36	41	42
15.º André Messelis	36	41	52
16.º Sérgio Páscoa	36	42	1
17.º Alberto Carvalho	36	42	19
18.º Francisco Valada	36	42	27
19.º Vitor Tenazinha	36	42	44
20.º Henrique Neto	36	42	50
21.º José Vieira	36	43	37
22.º Jorge Corvo	36	43	44
23.º Roger Nassens	36	43	50
24.º António Fonseca	36	44	36
25.º Carlos Santos	36	44	27
26.º Gabriel Azevedo	36	44	43
27.º Norberto Timóteo	36	45	49
28.º Augusto Cardoso	36	46	17
29.º António Acursio	36	46	47
30.º Mário Sá	36	47	49
31.º Mário Silva	36	48	4
32.º António Pereira	36	48	35
33.º Pedro Moreira	36	52	3
34.º Indalécio Jesus	36	52	9
35.º José Azevedo	36	53	10
36.º Celestino Oliveira	36	53	57
37.º Herculano Oliveira	36	56	56
38.º Manuel Ferreira	37	—	5
39.º Romário Furnière	37	2	57
40.º António Graça	37	12	43
41.º David Cavadas	37	15	48
42.º Emiliano Dionísio	37	18	57
43.º Florival Martins	37	38	20
44.º Francisco Martins	37	53	50

Prémio da montanha	
1.º MANUEL CORREIA	10
2.º Leonel Miranda	10
3.º Sérgio Páscoa	10
4.º Cosme de Oliveira	7
5.º Manuel da Costa	6
6.º Henrique Neto	5
7.º Demarteire	4
8.º Monteyne	3
9.º Gabriel Azevedo	3
10.º Augusto Cardoso	1
11.º Herculano Oliveira	1

METAS VOLANTES (Prémio «Dunlop»)	
1.º ROGER NASSENS	10
2.º Fernando Mendes	10
3.º Cosme Oliveira	5
4.º Pedro Moreira	5
5.º Francisco Valada	5

As baixas da prova Os que não alinharam à partida

Na 1.ª tirada — J. Santiago (Sangalhos).

Os que foram eliminados

Na 2.ª tirada — J. Martins (Favira).

Na 9.ª tirada — Vieira (F. C. Porto) e António Machado (Tavira).

Os que desistiram

Augusto Fortes (Bf.), na 6.ª tirada; António Vieira (Sp.), na 11.ª tirada; Rogério Domingos (Tavira) na 13.ª tirada.

Custódio Cristina (Bf.), na 14.ª tirada.

Os efectivos das equipas

	A partida	Actual
Sporting	10	9
Tavira	10	7
Benfica	9	7
F. C. Porto	9	7
Sangalhos	7	6
Flandria	8	8

Na 16.ª tirada — N.º 18, António Teixeira (Sang.); n.º 33, Joaquim Freitas (F. C. P.).

Programa da Rádio

EMISSIONA — 1.º programa — 451 m — 655 kc/s — As 16: Noticiário; 16 e 5: Volta a Portugal em bicicleta: reportagem da 17.ª etapa Beja-Castelo de Vide — Pequeno concerto; 17: Noticiário; 18: Noticiário; 18 e 5: Canções italianas; 18 e 20: Programa da mulher; 18 e 40: Tempo noturno; 19: Rádio Universitária; 19 e 30: Noticiário regional — Cartas dos espectadores; 19 e 45: As grandes figuras do mundo português; 20 e 15: Melodias célebres; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 20 e 50: Vedetas em voga; 21 e 20: 15.º episódio do folhetim: «O Livro de St. Michele»; 21 e 40: Tempo de «jazz»; 22 e 10: Fados, por Maria Augusta Ermidas e Gábia Ferreira; 22 e 30: Jornal de actualidades — Boletim meteorológico — Acordões; 23: Espectáculo, magazine de teatro, cinema e bailado; 0: Noticiário; 0 e 50: Últimas notícias; 1: Fecho.

2.º programa — 397 m — 755 kc/s — As 6: Música sinfónica, de Tchaikovsky e Brahms; 17: Discos raros; 17 e 30: Perspectivas da obra de Carl Nielsen; 18 e 30: Música de piano, de Clementi e Liszt; 19: 1.º e 2.º actos da ópera «A Arlesiana», de Francesco Cilea; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 20 e 50: Solos de viola; 21: 3.º acto da ópera «A Arlesiana», de Francesco Cilea; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º programa — 94,3 mc/s — As 23: Música portuguesa: obras de Fernando Lopes Graça; 0: Canções de amor; 0 e 15: Ciclo «A Sonata»; 0: Os Mestres de Viena; obras de Mozart e Beethoven; 0 e 50: Últimas notícias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 4: Programa C.D.C.; 17: Noticiário; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Conjuntos; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio Jornal; 20: Noticiário; 20 e 15: Dois ritmos; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Ela e ela; 21: Noticiário; 21 e 8: Um conjunto; 21 e 15: Hora alemã; 21 e 45: Vedetas e canções; 22: Noticiário; 22 e 2: Variando para agradecer; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0: Meia-Noite; 6: Desculpe, mas já são horas.

Modulação de frequência — 90,7 mc/s — As 16 e 30: Encontro no ar; 17: Noticiário; 17 e 55: O nosso programa; 19: Noticiário; 19 e 14: Em órbita; 20: Noticiário; 20 e 52: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 22: Noticiário; 22 e 2: Programa da Gô-Gô; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0: A noite é Varig; 1: Banda sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,7 m — 785 kc/s — As 6 e 4: Programa C.D.C.; 17: Noticiário; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinées» teatral; 19: Noticiário; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 17: Ritos do Brasil; 19 e 30: Robôbiolac; 19 e 45: Conjuntos de ritmo; 20: Noticiário; 20 e 3: Rádio Plocard; 20 e 25: Noticiário regional; 20 e 30: Novos discos; 20 e 45: Página regional; 21: Noticiário; 21 e 8: Orquestra; 21 e 15: Rádio; 21 e 30: Música em alta fidelidade; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22: Noticiário; 22 e 2: Os nossos artistas; 22 e 15: Ritos do momento; 22 e 30: Clube da Juventude; 23: Noticiário; 0: Meia-noite; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Vozes portuguesas; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço, bênção e missa, da basílica dos Mártires; 19 e 45: Boletim do S. C. R.; 19 e 50: Reportagem da Volta a Portugal em bicicleta; 20: Sinfonia da vida; 20 e 15: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Orquestras e canções; 21 e 30: Programa Kadour; 21 e 45: Melodias da Itália; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Música escolhida; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Quartos de hora infantil; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religiosos; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em

Lisboa; 19 e 5: Música seleccionada; 19 e 25: Publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Variedades; 20: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Gravação cedida pela República da Alemanha Federal; 22: A música é boa companhia; 22 e 30: Programa de Lisboa; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSIONES ASSOCIADAS — 88 m — 1594 kc/s (99,4 mc/s) — Das 17 às 19 e 30: Clube Radiofónico de Portugal; 19 e 30 às 22 e 30: Rádio Peninsular; 22 e 30 às 2: Rádio Graça

PROGRAMA DA TV

As 19 e 30, Abertura, Teletjornal; 19 e 50, Cult-nária; 20 e 20, Expedição: «A Grande Aventura»; 20 e 45, Filme infantil: «Carroses Mágicos»; 20 e 55, Concurso: «A Volta na TV», sessão explicativa; 21 e 30, Teletjornal; 21 e 55, Noite de Cinema: «O Meu Marido é Maravilhoso», uma comédia francesa, realizada por André Hunebelle, com Fernand Gravey e Sophie Desmarets; 23 e 40, Volta a Portugal em Bicicleta: reportagem dos enviados especiais da R.T.P., sobre a etapa Beja-Castelo de Vide; 23 e 55, Teletjornal; 0, Meditação e fecho.

SYLVANIA MELHOR QUALIDADE DE IMAGEM

AMANHÃ — As 19 e 30: Abertura e Teletjornal — 1.ª edição (inclui a Agenda Espanha); 19 e 50: Lanterna Mágica (desenhos animados); 20 e 15: Carta de 20 e 40: Filme infantil — Carroses Mágicos; 20 e 55: Metamorfose da Dança (programa de divulgação e história do bailado, apresentado por Luna Andermatt e Vera Varela Cid); 21 e 30: Teletjornal — 2.ª edição (inclui Boletim Meteorológico e adaptação de Botelho da Silva; interpretação de Isabel de Castro, Carlos Wallenstein, Ruy Furtado, Candida de Lacerda, Alexandre Vieira, António Marques, Paulo Renato e, nos protagonistas, Brunilde Judice e Luís Filipe; realização de Pedro Martins); 22 e 55: Concerto — Sinfonia n.º 5, de Dvorak, pela Orquestra da Gewandhaus, de Leipzig, dirigida por Vadlav Neumann (programa da Televisão da Noruega); 23 e 30: Volta a Portugal em Bicicleta — Reportagem dos enviados especiais da R.T.P., da etapa Castelo de Vide-Penhas da Saúde; 23 e 50: Teletjornal — 3.ª edição (últimas notícias); 23 e 55: Meditação; 0: Fecho.

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Cons. 3 1/4 % 1 0	578\$00	578\$00	—
Cons. 3 % 1 0	598\$00	598\$00	600\$00
Cons. 3 1/2 % 1 0	—	690\$00	—
Centenários 4 % 940	1.500\$00	1.498\$00	1.505\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 942...	—	—	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 943...	—	—	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 944...	—	—	—
Externa 1.ª série	1.220\$00	1.220\$00	1.230\$00
Externa 1.ª série car	1.250\$00	1.245\$00	—
Externa 2.ª série	—	1.250\$00	—
Externa 2.ª série car	—	1.250\$00	—
Externa 3.ª série	—	1.245\$00	1.250\$00
Externa 3.ª série car	—	1.245\$00	1.270\$00
Caut. 3.ª série s/l	—	287\$00	—

OBRIGAÇÕES	Efec.	Compra	Venda
Águas de Lisboa 5 %	—	485\$00	490\$00
C. P. 4 1/2 %	—	930\$00	940\$00
Gás. Elect. 3 3/4 %	—	900\$00	—
Gás. Elect. 4 %	840\$00	—	850\$00
Gás. Elect. 4 1/2 %	900\$00	—	—
Gás. Elect. 5 %	930\$00	920\$00	930\$00
H. E. Douro	855\$00	850\$00	—
H. E. Norte de Portugal	—	—	103\$00
H. E. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	—	—	955\$00
Metropolitano	—	870\$00	—
Petroquímica	—	743\$00	760\$00
Sonete	—	930\$00	—
TAP	—	930\$00	—
Termoelectrica Portuguesa	—	850\$00	—
U. E. P. 3 3/4 %	81\$00	81\$00	83\$00
U. E. P. 4 % 945	—	81\$00	83\$00
U. E. P. 4 % 948	—	81\$00	83\$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	84\$00	—
U. E. P. 5 % 951	80\$00	79\$00	80\$00
U. E. P. 5 % 952	—	—	—

ACCÕES	Efec.	Compra	Venda
Bancos			
Agricultura	—	970\$00	980\$00
Alentejo	705\$00	704\$00	705\$00
Angola	1.420\$00	1.410\$00	1.420\$00
Burnay	—	3.150\$00	—
Crédito Predial	2.025\$00	2.020\$00	2.040\$00
Esplinto Santo	—	13.100\$00	13.400\$00
Lisboa & Açores	—	—	—
Portugal	—	2.650\$00	2.700\$00
Portugueses do Atlântico	—	—	—
Totta Alentejo	—	4.000\$00	4.100\$00
Ultramarino	1.445\$00	1.443\$00	1.445\$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	283\$00	285\$00
Sogres	—	—	—
Soberana	—	—	1.850\$00
Tague	—	—	—
C. Ultramarinas			
Agência de Angola	780\$00	775\$00	790\$00
Agrícola de Casseque	555\$00	553\$00	560\$00
Agrícola Colonial	—	—	—
Agrícola das Neves	—	—	—
Bonar	—	95\$00	00\$00
Cabinda	—	30\$00	40\$00
C. A. D. A.	—	1.430\$00	490\$00
Com do Buzi	69\$00	69\$00	70\$00
Diamantes	1.188\$00	87\$00	89\$00
Ilha do Príncipe	—	—	—
Incomat	—	900\$00	930\$00
Lobito	435\$00	435\$00	440\$00
Mocimboa	—	44\$00	47\$00
Sonete	—	238\$00	240\$00
Zambézia	—	41\$00	43\$00

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada

Sede: Calçada do Duque, 20—Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Prevêm-se os portadores de obrigações da emissão a seguir indicada de que em 4 de Setembro p. f.º pelas onze horas, se procederá na sede desta Companhia, em sessão pública, ao sorteio dos títulos a amortizar em 1 de Outubro deste ano, em conformidade com o respectivo plano de amortização, a saber:

Emissão das linhas de MIRANDELA e VISEU, 4 1/2 % — 1889

385 obrigações respeitantes à amortização do 1.º semestre de 1967.

Lisboa, 16 de Agosto de 1967.

O CONSELHO
DE ADMINISTRAÇÃO

Serviços urgentes

Telefones

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 * Voluntários, 538524.

AGUA, GAS E ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361353 * Companhias Reunidas, 537021 * Gazcilda, 538821 * Gazcilda (dom. e feriados), 382069.

POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G. N. R. (área rural), 36865.

SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (Informação), 767777, 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 * Caminhos de ferro (C. P.), 869029 * Caminhos de ferro (Estoril), 361121 * Estação Fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Mar. de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação Fluvial (Belém), 638531.

Farmácias de serviço

Em Lisboa — Turno L

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

ALAMEDA — Esperança, R. Carlos Marçal, 01-B (722868).

ALCANTARA — Nogueira, R. do Creche, 2 (631635).

ALTO S. JOÃO — Oriente, R. Lopes, 120 (843381).

ALVALADE — Paris, Est. da Portela, lote 5 (710131) * Brasília, Av. Rio de Janeiro, 66 (722368) * Cortaza, Av. da Igreja, 21-C (776358).

AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 6-C (682772).

ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (404712).

AREIRO — Av. de Roma, 56-B-C (715370) * João XXI, Av. João XXI, 16-A (726462) * Nova Lisboa, R. Guilherme Suggia, 12 (727721).

ARROIOS — Fonseca, R. Carvalho Araújo, 45-C (841708).

AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. de Outubro, 147-A (763107) * Avenidas, Avenida da República, 27-A (133688) * Império, R. Filipe Folque, 40-A-B (480021).

BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av. Resano Garça, 1-A (5145).

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascensão, R. 27 n.º 4 (389216).

BAIXA — Americana, Calç. de Santana, 3 (863984) * Nacional, R. do Sol, 7 (46858) * Costa, P. da Figueira, 6-B/C (328381).

BELEM — Remisio, R. dos Jerónimos, 4-C (63699) * Sepol, Calç. do Boi, 94-A (631958).

BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393) * Sousa, Est. de Benfca, 429-43 (780027).

CAMGÊS — Cambró, Calçada do Combro, 18 (326059) * Azevedo Irmão & Veloso, Rua da Misericórdia, 24 (323540).

CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R. 4 de Infanteria, 28-A (588857) * Ourique, R. Freitas Góuzil, 32-B (671667).

CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 01-101-A (682333) * Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (680627).

CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780181).

CONDE DE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (50276).

ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920).

ESTEFÂNIA — Mundial, Largo de D. Estefânia, 9 (45578).

ESTRELA E LAPA — Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10 (661734) * Janeiro, Av. Alvaros Cabral, 00 (661453).

GRACA — Monte, Rua Senhora do Monte, 30-A-B (867842) * Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351) * Bastos Andrade, Calç. de St. André, 07-111 (860450) * Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 12-C (862333).

LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (790942) * S. Tomé, Est. do Desvio, lote 2-C (790704).

MADRAGOA — Lealdade, R. do Olival, 226 (563441).

OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (389237).

PALHAVA — Aguilar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764629).

PATRIARCA — São Marçal, R. de S. Marçal, 100 (325318).

PENHA DE FRANÇA — Carrandor, R. Padre Sena Freitas, 0-A (842518).

PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, n.º 6-A (Bairro de St. Engrácia (728395-720703).

ST. AMARO — Teles, R. João de Barros, 2 (638249).

SE — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632).

DE ST. APOLÔNIA AO BEATO — Saltes, R. de Xabregas, 63-65 (381185).

Na Linha de Cascais

ALGÉS — Branco, Avenida Combatentes da Grande Guerra, 29 (Tel. 212081).

CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Avenida Patrão Lopes, 4 (tel. 242039).

OEIRAS — Central — Rua João Teixeira Simões, 18 (tel. 243008).

PAREDE — Grincho — Av. da República, 87-A (Tel. 2471204).

ESTORIL — Marques dos Santos — Rua Ferreira, J. A. 15 (Tel. 260116).

CASCAIS — Marginal — Av. Marginal Tel. 280078; A Costa — Rua Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214).

Na Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — Rua Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — Rua Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 25-A (Tel. 938149).

QUELUZ — André — Avenida Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz — Avenida Miguel Bombarda, lote 4 (Tel. 951844).

CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (tel. 2940034).

MEM MARTINS — Quilma — Est. Mem Martins, 285 (tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (tel. 980456).

SINTRA — Simões — Rua Heliodora Salgado, 26, Estefânia (Tel. 980832).

VENDA NOVA — Nova — Rua Elias Garcia, 10 (tel. 933920).

COLARES — Colares — Abrelo (tel. 299088).

Na Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Silva, 10 (tel. 231471).

ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (tel. 224250).

ALMADA — Algarve — R. Fernão Lopes, 1 (tel. 270271).

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Estrada Nacional, 221-B (tel. 224141).

BARREIRO — Avenida — Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2273212).

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — P. 5 de Outubro, 62 (tel. 270121).

MOITA — União Moitense — R. Teófilo Braga, 1 (tel. 239025).

MONTIJO — Diogo — R. Almirante Reis, 42 (tel. 230032).

SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (tel. 229028).

SETÚBAL — Pinto — P. de Bocage (Tel. 22484); Nova — R. General Gomes Freire (Tel. 22052).

SEIXAL — Godinho — L. do Igreja, 51 (tel. 2218580).

CARTAZ DOS CINEMAS



As 21.30 (Adultos)
De novo em Lisboa!
O triunfo mundial
DOUTOR JIVAGO
com Geraldine Chaplin — Alec Guinness — Julie Christie



As 3 da tarde e 9.30 da noite (M. 12 anos)
47.ª SEMANA
do famoso exclusivo deste cinema

MÚSICA NO CORAÇÃO
com Julie Andrews e Christopher Plummer



As 15.45 (p. r.) e 21.45 (M. 12 anos)
A maior vedeta do cinema francês volta numa sensacional interpretação! Michele Morgan com Paul Hubshmid em...
DIGA-ME QUEM DEVO MATAR
— EASTMANCOLOR —



As 15.15 — 18.15 (p. r.) e 21.30
EXITO TOTAL
com a fabulosa farsa de gargalhada

O LEÃO DA ESTRELA
com António Silva, Milú, Maria Eugénia, Erico Braga, Laura Alves, Curado Ribeiro, Artur Agostinho
REALIZAÇÃO DE ARTUR DUARTE (Maiores 12 anos)



As 15.15 — 18.30 e 21.30 (M. 17 anos)
Um drama intenso de suspense

O HOMEM SOLITÁRIO
com Ray Milland — Mary Murphy — Ward Bond
— TRUCOLOR —



As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
Uma história de criadas que estas não devem ver!...

ESCADA ACIMA, ESCADA ABAIXO
com Mylene Demongeot e Michael Craig



Telef. 32 41 94
As 21 horas (M. 17 anos)

QUEDA NO ABISMO
UM HOMEM EM FUGA



Telef. 61 03 75
(M. 12 anos)
As 21.30

CANDIDATOS PARA A ETERNIDADE
com Hildegard Knef e Carle Lange



As 21 horas (M. 12 anos)
Telef. 4 85 60

UM HOMEM A RAINHA VIRGEM



As 15.30 e 21.45 (Adultos)
Richard Wyler
Jany Clair e Valéria Cangotini

na movimentada e emocionante aventura de um perigoso agente secreto!
COPLAN FX-18
ARRASA TUDO
Realização em Eastmancolor de RICARDO FEDRA

AR CONDICIONADO



As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
Telef. 53 87 43

UM ROSTO A CHUVA
Rory Calhoun — Marina Berti — Niall McGinnis
3 pessoas tomadas de terror procuram escapar ao inferno das suas vidas...



As 15.15 — 18.15 (p. r.) e 21.30
GRANDE ÉXITO
Um filme de paixões sinistras

OS DISCÍPULOS DO DIABO
com Charles Bickford, Doug McClure, Gary Clark e James Drury

Um tiro no escuro desencadeou uma luta de morte entre feras humanas... Eastmancolor (Adultos)

CINE-TEATRO As 21.30 h.

LIDO (M. 17 anos)
A vida violenta e desesperada de um «Gangster»

LUTRINO!
com Robert Hoffman e Lisa Gastoni



As 15.30 e 21.45
8.ª SEMANA DE ENCHENTES!
Walter Chiari, Graziela Granata e Peppino de Filippo

O HOTEL DA MALANDRICE
TECHNISCOPE — TECHNICOLOR



As 15.30 e 21.45 (M. 6 anos)
2.ª SEMANA DE ÉXITO!
A última maravilha de WALT DISNEY

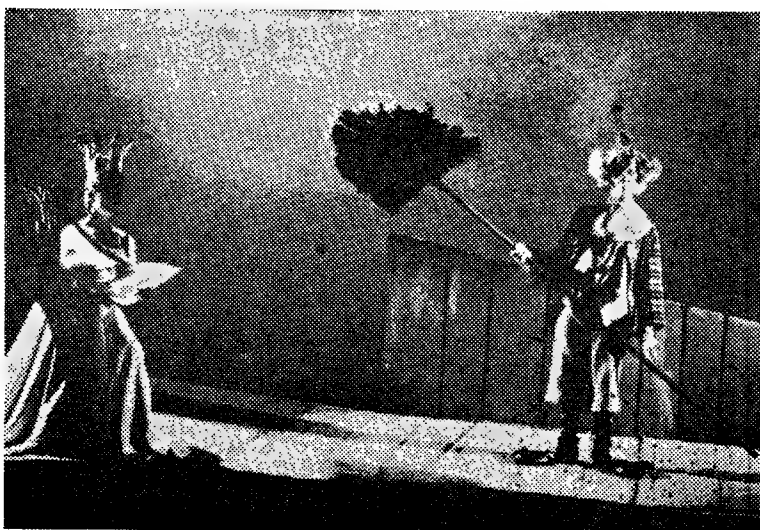
INCRÍVEL JORNADA
Uma aventura heroica de 3 valentes companheiros Technicolor

EUROPA As 15.30 e 21.45
4.ª SEMANA (Adultos)

OS MILIONÁRIOS DE FILADELFA
com Paul Newman e Barbara Rush

TERRASSA As 15 e às 21 h. (M. 17 anos)

Telef. 32 09 17
UMA SEGUNDA VIDA SYLVIA



Uma cena da peça «Bocage — Alma sem mundo», que está em quarto mês de representação no Teatro Vasco Santana. O público está, portanto, a corresponder, com o seu interesse e presença, ao esforço titânico da Companhia Teatro Estúdio de Lisboa que, vencendo corajosamente os obstáculos resultantes da época de Verão e outros, mantém no cartaz um trabalho probo, dignificante, ao serviço dum das figuras mais discutidas da poética portuguesa — Manuel Maria Barbosa du Bocage

TAUROMAQUIA

BENJUMEA E LICEAGA

EM «MANO-A-MANO» NO CAMPO PEQUENO

Dois matadores de grande prestígio no panorama tauromáquico hispano-mexicano vão encontrar-se na arena do Campo Pequeno, em apaixonante mano-a-mano. São eles Pedrin Benjumea e Mauro Liceaga que, este ano, surgiram nas praças portuguesas aureolados pelos triunfos alcançados nas suas pátrias.

NECROLOGIA

SUFRÁGIOS
Alfredo da Silva

Por iniciativa do pessoal reformado de «A Tabaqueira», foi hoje celebrada, na igreja da Conceição Velha, missa por alma do industrial Alfredo da Silva, fundador daquele estabelecimento industrial.

A missa, que começou às 10 e 15, decorreu no altar-mor, e foi oficiada pelo padre jesuíta Julião Pecanet.

Estiveram presentes numerosos reformados e actuais funcionários daquela empresa, os srs. dr. Jorge de Melo, presidente do conselho de administração da C. U. F. e eng.º João Rocheta, director-geral da Lisnave.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 53 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 - 66 27 72 - 28 00 22

Em CANIANHEDE «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se ao CAFÉ CENTRAL LARGO DOS COMBATES DA GRANDE GUERRA



POLICLINICA DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98-2.
Telef. 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coação e pulmões — As 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas
Dr. Romão Loff — Doenças nervosas e electroterapia — As 14 horas
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas
Dr. Mário Jaquet — Fisioterapia — As 16 horas

The Anglian Chamber Soloists apresenta-se esta noite no Festival de Sintra

Prossegue esta noite, no Palácio Nacional de Queluz, o I Festival Internacional de Sintra, que está a obter assinalado êxito, devido ao nível técnico e artístico atingido. O público tem sabido também corresponder ao grande esforço das entidades organizadoras — a Câmara Municipal de Sintra e as suas Comissões de Turismo e de Arte e Arqueologia —, que se preocuparam com a escolha criteriosa de um escol de artistas dos mais representativos.

As 21 e 30, The Anglian Chamber Soloists (London), conjunto prestigiado pela invulgaridade do seu nível técnico indiscutível, como se terá oportunidade de concluir a interpretação do seu programa, far-se-á ouvir em peças de J. Copário, Dowland, Anónimo, Haendel e Purcell.

Amanhã, no Teatro «Carlos Manuel», em Sintra, a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional dará um concerto de música portuguesa e brasileira, sob a direcção do maestro Manuel Ivo Cruz, sendo solista a pianista Dinorah Leitão, na interpretação de obras de Camargo Guarnieri, Ivo Cruz e Joly Braga Santos.

Fernando Manuel (um cançonetista moçambicano)

lançado na África do Sul

JOHANNESBURG, 22 — (A. N. I.) — Fernando Manuel, um jovem cançonetista moçambicano, foi convidado a gravar quatro discos para a R.C.A. sul-africana, em Johannesburg.

Três discos de 45 rotações e um «long playing» contendo as doze canções dos três primeiros serão lançados no mercado, possivelmente ainda este mês. Seis das canções são de autoria de Fernando Manuel, que escreveu a música e a letra com a colaboração de Valdemar Jacinto, um universitário de Lourenço Marques.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉTRICOS

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «Bocage, alma sem mundo» (12 anos).
VILLARET — As 21 e 45: «O fusível» (17 anos).
MONUMENTAL — As 21 e 45: «A Flor do Cacto» (17 anos).

CINEMAS
ARCO IRIS — As 21: «Quo Vadis» (12 anos).
CINEARTE — As 21: «A volta do pistoleiro» (12 anos).
JARDIM — As 21: «A minha última condessa» (17 anos).
IMPERIAL — As 21: «Os prazeres de Penélope».
OLIMPIA — As 19: «Heróis esquecidos» (17 anos).
ROYAL — As 21: «Alta batota» (17 anos).
PARIS — As 21: «Eles são mais perigosos» (17 anos).
SALÃO LISBOA — «Missão em Hong-Kong» (12 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — «Amar um desconhecido» (17 anos).
CASTANHEIRA — As 21 e 15: «Silvia» (17 anos).
MOSCÁVIDE — As 21: «Quando o mundo nasceu» (17 anos).
ORIENTE — As 21 h.: «Os insaciáveis» (17 anos).
PROMOTORA — As 21: «Febre de diabinho» (17 anos).

Na Linha de Cascais
OBRAS — OBRAS-CINE — As 21: «A velha ama» (17 anos).

CARCAVELOS — VITÓRIA-CINE — As 21 e 30: «O grande atirador» (12 anos).
PARADE — ROYAL-CINE — As 21: «Quatro crimes por ciúme» (17 anos).
ESTORIL — CINE-ESPLANADA — As 21 e 30: «Mamie» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Espia em calcinhas de renda» (17 anos).

Na Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 15: «Tiro de aviso» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — As 21: «Um homem e uma mulher» e «Enigma» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 15: «Rebelde até ao fim» (12 anos).

Na Linha de Sintra

DAMAIA — CINEMA D. JOÃO V — As 21 e 30: «A leste do Paraíso» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «5000 dólares vivo ou morto» e «Os rendez-vous do sr. doutor» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «Os fugitivos de Sing-Sing» e «Coca de banana» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «Dois espões de guarda-chuva» (17 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO — As 21 e 30: «Sem consciência» (17 anos).
ERICEIRA — CASINO — As 21 e 30: «Quarto para dois» (17 anos).

bom apetite

BÓLIDE
AV. DE ROMA, 7-A—TELEF. 763522
Cervejaria / Snack-Bar / Restaurante
PISTAS DE BOWLING
(De Utilidade Turística)
Reabriu profundamente remodelado
Servem-se
ALMOÇOS, JANTARES, CEIAS
Serviço especial de Banquetes e Casamentos
Ar condicionado/Aberto até às 3.30 h.

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144
(Ao Campo Grande)—Telef. 79 02 11
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANCANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

COZINHA ALENTEJANA
SERVIÇO DE ALMOÇOS NO JARDIM
ENCERRA ÀS 2.ª-FEIRAS
Av. do Aeroporto, 162—Telf. 727071

café CANAS
RESTAURANTE
CERVEJARIA — SNACK-BAR
PASTELARIA
R. SARAIVA DE CARVALHO, 145-A
Telefs. 67229-666532

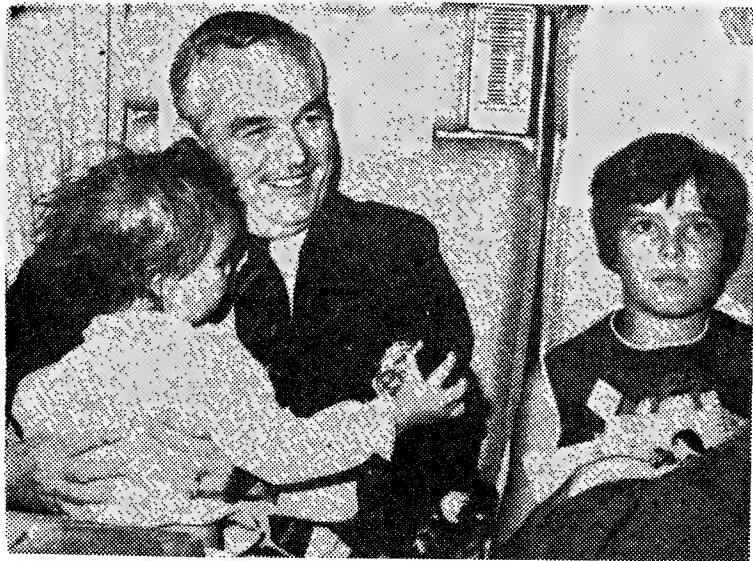
SERVIÇOS TÉCNICOS DA PHILIPS PORTUGUESA, S.A.R.L.
Mão de obra especializada. Acessórios de origem
REPARAÇÕES DOMICILIÁRIAS
TELEFONES LISBOA: 38 28 44 / 68 31 21 / 56 02 00
PORTO: 3 50 68 • FARO: 2 38 90
QUALIDADE • SERVIÇO • GARANTIA

Incêndio num eucalptal em Meleças (Cacém)

Esta manhã, cerca das 11 e 30, manifestou-se violento incêndio num eucalptal em Meleças, entre Algueirão e Cacém, próximo do Colégio Vasco da Gama. As chamas atearam-se com grande intensidade, provocando um clarão que se vislumbrava em toda a região de Sintra e causando grande alarme nas povoações vizinhas.

Pedidos os socorros dos bombeiros, compareceram rapidamente no local as corporações de Algueirão-Mem-Martins, de Sintra e de S. Pedro de Sintra, que conseguiram circunscrever o sinistro ao local onde as chamas se havia propagado, isolando o resto da área. Cerca das 14 horas, o fogo considerava-se dominado, continuando todavia a extinção dos focos.

As chamas consumiram grande quantidade de eucaliptos e causaram outros prejuízos. Aquelas árvores haviam sido ainda recentemente vendidas, desconhecendo-se a origem do incêndio. A população de toda a zona está ainda sob o cheiro sufocante do fumo.



Ranier, com os filhos, a bordo do avião

O PRÍNCIPE RANIER (COM DOIS DOS SEUS FILHOS) PASSOU POR LISBOA

Acompanhado de dois dos seus três filhos, o príncipe Ranier, de

Mónaco, passou esta tarde por Lisboa, num avião da PAA, em trânsito para Nice.

Sua esposa, a princesa Grace, e o terceiro dos filhos fazem a viagem noutro avião, por motivos de segurança, devendo também regressar a Mônaco dentro de algumas horas.

Ranier, Grace e os três príncipinhos estiveram numa longa visita ao Canadá e Estados Unidos, onde a princesa sofreu um acidente que a levou a permanecer algumas semanas numa clínica.

O príncipe Ranier, com quem viaja também a «nurse» das crianças e um secretário, não quis sair do avião durante a sua curta permanência no nosso aeroporto. Mantive-se a bordo entretido com os dois filhos, a um dos quais — a princesa Carolina — o cônsul do Mónaco em Lisboa ofereceu pequenos bonecos regionais portugueses.

Schramme pretende um salvo-conduto

— segundo Kinshasa

BRAZZAVILLE, 22 — (R.) — O major Jean Schramme, chefe dos mercenários brancos que ocupam Bukavu, estaria disposto a chegar a um acordo com o Governo congolês, para poder sair livremente do Congo, segundo a emissora e a Imprensa de Kinshasa.

Os jornais congolêses dizem que o major Schramme teria enviado

uma mensagem ao ministro congolês dos Negócios Estrangeiros, Bomboko, por intermédio do nuncio-apostólico em Kigali, capital do Ruanda.

Bomboko regressa esta noite a Kinshasa, depois de visitar o Ruanda e o Burundi, apresentando então ao presidente Mobutu a mensagem do major Schramme.

Segundo as mesmas fontes, Schramme espera que o presidente Mobutu lhe dê um salvo-conduto, garantindo-lhe liberdade de passagem para qualquer país que esteja disposto a recebê-lo, bem como aos seus homens.

Rádio de Kinshasa afirma que os mercenários se declararam dispostos a um acordo de tréguas, em consequência dos ataques aéreos efectuados pela aviação congolêsa a Bukavu e acrescenta que o Governo exige a rendição imediata e incondicional de todas as forças sob o comando do major Schramme.

MINISTRO DO ULTRAMAR

O ministro do Ultramar recebeu, esta manhã, em audiência de trabalho, os srs. comandante Sacramento Monteiro, governador de Cabo Verde, e dr. Costa e Oliveira, secretário provincial de Economia de Angola.

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

(Continuação da 1.ª página)

ta», como sejam as que porventura venham a prender-se com os horários escolhidos para a efectivação das caminhadas sob a ameaça de calor tórrido.

O tiro da partida foi dado pelo dedicado correspondente do nosso jornal em Beja, Melo Garrido.

«Fuga» por engano...

No primeiro quilómetro, ensaiaram uma «fuga» quatro corredores: Américo Silva e Francisco Valada, ambos do Benfica. Vítor Tenazinha, do Sporting, e Mário Sá, do F. C. Porto. Chegaram a conquistar um minuto de avanço sobre o pelotão mas este, 17 quilómetros volvidos fez prevalecer a sua vontade.

A passagem por Vidigueira: 10 e 42. E, à saída daquela terra, saíram, bruscamente, do pelotão Vítor Tenazinha, do Sporting, e Pedro Moreira, do Benfica, que rapidamente conquistaram a vantagem de 1 m. e 32 s.

A meta volante, à entrada de Portel, distava uns 14 quilómetros da Vidigueira. Cortou-a, em primeiro lugar, Pedro Moreira, com 57 m. e 38 s. de marcha, batendo, por conseguinte, o horário previsto pela organização. Nessa meta volante, o pelotão perseguidor passou com 5 m. 40 s. dos dois «fugitivos». Sensacional...

Em plena estrada, inquirimos de Pedro Moreira as razões de determinarem tão temerária e audaciosa «fuga» no começo desta longa caminhada. Com a maior sinceridade, o ciclista do Benfica confidenciou-nos:

— Foi por engano! Eu e o Tenazinha, uma vez chegados à Vidigueira, pensávamos que estava próxima a meta volante, na qual havia prémio a disputar. Mas ainda faltava um bom bocado...

E lá prosseguiu, ele e Tenazinha, no seu esforço extemporâneo... A verdade é que em São Mamede, a 59 quilómetros da partida e a... 159 da chegada, os dois «fugitivos» já haviam aumentado o seu avanço para... 6 m. e 20 s. Verdaderamente sensacional... Com 11 m. e 36 s. de prova, os dois surgiram, em bom andamento, parecendo insensíveis ao calor, em São Mamede.

No pelotão perseguidor, naquela localidade, viam-se os homens da Flandria no comando das operações.

O mais curioso é que nesta altura, conquistada tal vantagem, a camisola amarela já estava plenamente ao alcance do sportinguista Vítor Tenazinha...

A tirada prometia. Mas faltava ainda muito para o seu termo...

Avanço aumentado em Évora

A saída de Évora, depois de terem recebido o abastecimento, Vítor Tenazinha e Pedro Moreira surgiram às 12 e 12 e haviam conseguido aumentar o seu avanço para 6 m. e 50 s.

O pelotão rodava muito unido ainda.

Mais uma desistência

Em corrida sob calor escaldante, com 90 quilómetros de marcha, registou-se a desistência do belga Furnière. Queixava-se de dores no estômago e o médico da «Volta» aconselhou-o a abandonar a prova. No pelotão, os homens da Flandria «martelavam» na frente. Comandavam, pois, a perseguição.

Na vanguarda, verificava-se que apenas Vítor Tenazinha «puxava». Pedro Moreira parecia agora alheio do seu cometimento.

Em Redondo, ambos surgiram às 13 e 9, com avanço, portanto, sobre o horário previsto.

Tenazinha, primeiro

no prémio da montanha Na Aldeia da Serra (serra de Ossa), mais uma contagem (esta de 3.ª categoria), para o prémio da montanha.

Vítor Tenazinha cortou-a em 1.º lugar, com 3 h. 25 m. 02 s. de prova — e também com avanço sobre o horário previsto.

Pedro Moreira, que ostensivamente renunciou ao «sprint», nessa altura, ficou em 2.º lugar.

Apareceu depois o pelotão, às 3 h. 30 m. 20 s. Na referida meta para o prémio da montanha, as outras classificações foram as seguintes:

3.º, Leonel Miranda (Sporting); 4.º, Manuel Correia (Sporting); 5.º, Herculano de Oliveira (Santalhos) e 6.º, Sérgio Páscoa (Sporting).

Nesta altura, a vantagem dos dois «fugitivos» havia diminuído para 5 m. e 18 s.

Na subida, atrasaram-se alguns corredores, entre os quais dois belgas.

Mais um posto de abastecimento em Estremoz, a 77 quilómetros da chegada.

Naquela cidade, o avanço dos dois «fugitivos» continuava a diminuir, pois cifrava-se agora, em 5 minutos.

OS ESTADOS UNIDOS PROCEDEM

A UM INQUÉRITO ACERCA DA MORTE DE CHARLES JORDAN

WASHINGTON, 22 — (A. N. I.) — O misterioso desaparecimento e a morte, em Praga, de Charles Jordan, vice-presidente de uma organização norte-americana de auxílio aos judeus, leva o Governo de Washington a investigar o assunto, que está a causar preocupações e a dar origem a suspeitas de assassinio.

A agência Ceteka, da Checoslováquia, anunciou que a autópsia não revelara sinais de violência, mas seguiu para Praga um médico suíço, a fim de proceder a nova autópsia — revelou um informador da Secretaria norte-americana de Estado.

Jordan, segundo contou sua mulher, não voltou ao hotel em que estava alojado em Praga, do qual saíra para comprar um jornal. O corpo apareceu ontem no rio Vltava, que banha a cidade, depois de busca policial em larga escala, a pedido da Secretaria norte-americana.

Matou a irmã

(a quem esmagou a cabeça)

por esta não aceder

às suas intenções malévolas



Maria do Carmo

O pintor António Afonso, de 42 anos, nascido em S. Sebastião da Pedreira, Lisboa, há já muito que residia no Cacém, na Rua da Padelrinha, n.º 21. Homem de poucas falas, jamais conquistara a amizade dos vizinhos.

O seu carácter, azedo por natureza, ainda pior se tornou quando a mulher lhe morreu.

Porque lhe não bastasse a companhia de um filho, António Afonso resolveu ir buscar à Covilhã uma sua meia-irmã de nome Maria do Carmo, de 51 anos, casada com o sr. Francisco Sobral, reformado da C.P., de cerca de 70 anos.

Efectivamente, o casal veio habitar uma dependência anexa à do viúvo de mau carácter.

António Afonso, que alimentava propósitos malévolos, começou a perseguir a meia-irmã, dizendo-lhe que eram «quase como primos».

Maria do Carmo, todavia, oferecia resistência a tais propósitos, pelo que as relações entre os dois se foram azedando cada vez mais.

Esta manhã, pelas 7 horas, quan-

do Maria do Carmo atravessava o quintalito fronteiro à humilde residência para dar pasto a uma cabrita, apareceu-lhe o meio-irmão com a mesma insistência inconfessável.

— Malandro! Malandro! — foram as últimas palavras da pobre mulher.

Exasperado, António Afonso, munido de um «arranca-pregos», vibrou-lhe uma pancada na cabeça.

Maria do Carmo caiu por terra e o criminoso esmagou, então, a cabeça da sua vítima com repetidas pancadas dadas com o ferro.

Depois, escapuliu-se dali e foi para a estação do Cacém, onde adquiriu dois bilhetes para Lisboa.

Sucedeu, contudo, encontrar-se na estação uma patrulha da G.N.R. local — e António Afonso, atormentado pelo remorso, resolveu, então, entregar-se às autoridades.

O cadáver de Maria do Carmo foi transportado para o cemitério de S. Marcel, sito em Sintra — e o criminoso encerrado na cela do posto da G.N.R. do Cacém.

A mãe de ambos vivera com dois homens, sendo o pai do criminoso um indivíduo de nome José Afonso.



Um cunhado da vítima, Alexandrino Jorge, aponta o local onde a pobre mulher ficou estendida

CAMPIÃO

SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

CURSO COMERCIAL

NOCTURNO

ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS NO

EXTERNATO LUSITANO DE COMÉRCIO

RUA DOS ANJOS, 2, 1.º

TELEFONE 40297

ENTREVISTA COM CASIMIRO DE BRITO

Um nome: Casimiro de Brito. Uma obra constituída por seis livros de poesia até agora publicados, quase todos desconhecidos do leitor comum, á excepção talvez de «Canto Adolescente» — que apareceu em «Poesia 61». O último, «Jardins de Guerra», é o primeiro a entrar para um largo circuito editorial — uma oportunidade para, através da sua leitura, se conhecer a voz de um autêntico poeta.

Casimiro de Brito vive em Faro e a sua obra era já um dos pontos de referência da jovem poesia portuguesa. «Jardins de Guerra» é poesia bela, ardente, entusiasta, poesia que se exige fundamentalmente objecto de comunicação depois de aturado e exaustivo exercício de linguagem. Um trabalho oficial que demorou nada menos que três anos... Casimiro de Brito é um poeta ainda muito jovem, pois nasceu no Algarve, em 1938. Tem anunciados entre outros, um livro de contos, uma antologia de «Poemas Públicos» além de outro livro de poesia — «Negação da Morte».

Esta entrevista foi-nos proposta (ou, mais que proposta — imposta) pela necessidade premente que todos nós sentimos de diálogo, e parece-nos que seria de todo o interesse trazer, de vez, em quando, um poeta, um escritor, um artista, a este suplemento... Para já, desnecessário acrescentar mais o quer que seja acerca de Casimiro de Brito. Melhor do que

nós, as suas palavras saberão chamar a atenção dos leitores do «Juvenil» para «Jardins de Guerra».

— O que significa, para ti, escrever poesia?

— Adolescente, a poesia foi, para mim, uma maneira de me sentir acompanhado, um lugar onde fixei (por necessidade) as minhas aspirações, as minhas dúvidas, a minha confiança incipiente nos homens e no seu mundo. Nesse tempo a linguagem eclodia de uma vontade ingênua de «cantar». Depois, com o convívio dos poetas e dos críticos, a poesia apresentou-se-me como intensão de criar objectos autónomos, cristalizados, cristalinos. Foi a zona oficial de «Poesia 61» e dos «Telegramas». Claro que o germe da comunicação permanecia — mas o poeta enrolava-se com os seus instrumentos, aperfeiçoava-os e nem sempre olhava de frente o Sol. Depois, foram anos de exílio na serra do Algarve — a solidão mais crua, um certo terror, a irreverência agora mais consciencializada, tornaram o poeta humilde e mais atento ao mundo dos outros. A comunicação tornou-se uma exigência primordial e o escrever poesia mais difícil do que nunca (mais do que nunca dar tudo em troca de coisa nenhuma) porque além de fazer-se entender era agora também indispensável ao poeta afirmar uma voz diferente (não está em

questão, claro, saber-se aqui se conseguiu ou não o que pretendia).

— Em epígrafe do teu último livro citas Valéry: «A construção de uma linguagem dentro da linguagem»; mas acrescentas, de Eliot: «A linguagem de uma pessoa que se dirige a outra». Os quatro primeiros poemas são como que o enunciado de uma «auto-poética». Que valor atribuis aqui à linguagem?

— O poeta deve ser, simultaneamente, um especialista da comunicação e da antecipação. Se é, mais do que nunca, fundamental, a sua missão na sociedade, não o é menos a sua missão como renovador da linguagem. O poeta foi dotado de uma voz original, de uma maneira diferente de estar no mundo, de uma sensibilidade susceptível de extroversão — e essas faculdades deverá utilizá-las em objectos públicos (os poemas), em palavras que levantem os pássaros do pântano, que denunciem a corrupção, que investiguem as possíveis liberdades, que mitiguem as angústias do tempo. O poeta deverá escrever poemas que sejam tão úteis como o pão — e se tiver conseguido impor essa utilidade terá escrito boa poesia, terá sido útil à sociedade, terá «comunicado». Por isso, tal como pretende Evtuchenko,

(Continua na 3.ª página)

Poema

inércia voluptuosa de à noite não querer dormir
e ficar levantado até de madrugada a escrever versos

ah como sabe bem deitarmo-nos depois de dever
[cumprido]

meia-dúzia de poemas profundos e significativos
daqueles que resolvem todos os problemas
e revolvem o mundo

doce inconsciencializar lânguido morno adormecido
contorsão facial em bocejo risonho

humanidade

espera só mais um pouco

deixa o poeta acabar de se espreguiçar

ANTÓNIO AFONSO

OS MESMOS DIAS CINZENTOS

Para lá da janela estende-se a imensidão nevoenta do rio e das margens indefinidas. A chuva miudinha acinzenta as ruas e as casas e faz mais igual e triste a cara das pessoas. Sadie pára de varrer e fica a olhar distante o largo fronteiro ainda mal iluminado pelo dia nascente. Segura distraidamente a vassoura, a chuva deposita-se nas extremidades do cabelo como lendeas brilhantes. Daqui a pouco, como sempre, soará a voz rouca do tio, ainda mal desperto («Sadie, Sadie! O meu colete, onde raio puseste o meu colete?»). Depois, Sadie tem ainda que ir ao mercado. Já há muito que todos se habituaram a vê-la passar sempre à mesma hora, sempre a mesma figura cinzenta e silenciosa. Os cabelos negros escorridos, as meias escuras de lá, os sapatos grosseiros, quase masculinos, a saca de verga para as compras. Sadie é sempre igual, cinzenta e triste como iguais, cinzentos e tristes são os seus dias. A volta terá à espera, impaciente, o pequenito, abraçado às suas pernas.

— «Mia, ó Mia».
Chamava-lhe Mia. Sadie gostava dele, muito dele, trazia-lhe sempre alguma coisa do mercado, alguma guloseima.

— «Mia, trouxeste para mim, ó trouxeste?»

— «Trouxe, nino, trouxe. Anda, deixa-me mexer».

Antes que recomece o varrer, Sadie fecha a janela devagar, com os seios encostados aos vidros frios, duros, de caixilhos enormes e grosseiros. Sadie recorda tudo o que aconteceu na noite anterior. Sabe as palavras exactas que foram pronunciadas. Nunca as poderá modificar. As palavras são como pedras, com asperezas inesperadas que moldeam o conjunto como querem. Contudo, dentro do seu coração Sadie guarda as palavras que não foram pronunciadas. Talvez nunca saiba porque.

Como sempre, Rik parara a carroça junto à janela onde ela estava.

— «Ai-i-i!»

Ficaram, como habitualmente, a olhar um para o outro. Do rio subia uma aragem hu-

mida que inquietava os cavalos. Sadie podia perceber a silhueta do maior a agitar-se suavemente. Em toda a rua ressoava o som pesado, quase ritmado, das ferraduras batendo no empedrado irregular da rua. Sadie podia ainda ouvir o ressonar calmo e profundo do tio no quarto contíguo. Sabia que Rik estava impaciente. Gostaria de o ver claramente nessa altura.

— «Sadie».
— «Vieste tarde, Rik».
— «Sadie».
— «Diz...».
— «Vou-me embora».
— «Vais embora, já?! Então...».

— «Não, Sadie, tu também podes vir. Já te disse que tenho casa certa... trabalho não falta. Se quiseres podes vir».

— «Quando vais?».

— «Amanhã de manhã... também podes vir, Sadie. O teu tio não precisa de ti para nada. Ele pode bem casar-se com a mulher».

— «Porque não me avisaste, Rik».

— «Tens que resolver, Sadie. Se tu não vieres comigo... mas tu é que resolves».

Diante de Sadie ficara a mesma noite imensa acinzentada de sempre. Era já bastante tarde. Sadie lembrava-se que teria que se levantar bem cedo para varrer a casa antes do tio acordar. Depois teria ainda que vestir o pequenito e ir ao mercado.

— «Sadie, ainda estás a pé, Sadie».

— «Já vou».

— «Sadie, acende a luz! Onde está o meu licor, onde raio puseste o meu licor?».

A noite continuava triste, imensa e cinzenta quando Sadie voltara para a janela. Na rua, o vulto escuro de Rik oscilava levemente, devido ao nervosismo dos cavalos. A aragem era cortante.

— «Sadie».

— «Sadie, estás aí?».

— «Diz, Rik».

— «E então que resolves?».

— «Rik, eu não sei... eu queria ir».

(Continua na 4.ª página)

Diário de Lisboa

N. 534

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

SOBRE J. KRUEL BREVEMENTE

A. — Quando cheguei, o Zé estava acabando o treino e, entretanto, sentei-me na cantina e bebi um pouco de leite. Quando, por fim, ele veio, disse-lhe: — Vamos jantar em Algés, por exemplo. Depois temos uma «história» mais adiante.

Ele respondeu-me e creio que foi: «Está bem. Que história tens hoje por aí?», mas também podia ter dito simplesmente: «Que história há hoje no saco?».

Fomos jantar e houve uma rapariga que disse ao Zé:

— Olá, que tal?

Ora bem. Esta jovem tinha um comportamento fascinante e esteve reparando nisso até que ela se despediu:

— Prazer em ver-te — disse ela, e o tipo disse: «Igualmente», e ficou a olhar para mim.

— Quando escreves nesse caso o artigo?

Eu disse:

— Amanhã. Preciso de ti para isso, claro. Vais faltar ao treino.

O Zé ficou chateado:

—x—

B. Chegámos pela meia-noite, talvez, e chovia e trovejava como o diabo. Apercebi-me disso subitamente e chegavam pessoas a todo o tempo. Havia um oficial de meia-idade e os seus olhos eram extraordinariamente calmos, o que me provocou estranheza (?).

Foi apenas às três da manhã que encontrei de novo o Zé e brindámos uns momentos, muito sérios, antes de nos perdermos de vista. Depois surgiram uns tipos agradáveis mas começaram atirando almofadas e gabardinas por todos os lados e eu disse:

— Estejam quietos, caramba! Claro que continuaram brincando e eu dissera: «Oh! Que

chatice!» e depois fiquei em silêncio.

Saimos de lá às cinco horas e perguntei a um polícia o caminho da estação.

—x—

C. Tomámos então o comboio das 5.48 para Lisboa. Entrámos no primeiro autocarro que vimos mas não nos pudemos sentar no piso superior pois as luzes estavam apagadas. Achámos isso estranho e desconfortável e ficámos em baixo.

Quando o motorista pôs o carro a funcionar, as luzes quase se apagaram e então o Zé disse-me:

— É isso. A bateria do carro está fraca.

— É isso, então, pensei. Caí-me e recordei de súbito: «É isso: o vento sopra de onde quer».

LUÍS FILIPE CASTANHEIRA

QUATRO PAGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

TERÇA FEIRA
22 - AGOSTO - 1967



PANORAMA

APONTAMENTOS
DOS DIAS
QUE ACABAM

REGISTADOR

Entramos no café. Vamos cheios de sede, doem-nos as pernas por causa deste «passo de museu», o único das horas de ponta. O empregado tem um ar cansado, um ar antipático. Não nos ouve por inteiro. Há todo um protesto de «estar-se das tintas» quando atira com o copo de água para cima da mesa. Embora nem sempre seja a atitude a tomar, encolhemos os ombros e calamos um reparo. Que talvez nem sequer fosse fora de propósito. Que talvez fosse justo. Mas há qualquer coisa que nos escapa e isso é o que está por detrás de uma cara aborrecida de empregado de café. Uma crónica do «Comércio do Porto», 1/VIII/67, vem dar-nos alguns esclarecimentos a propósito da situação destes homens:

Com ordenados mensais que vão desde 120\$00 a 200\$00, muitos empregados de café nesta cidade têm a sua principal fonte de subsistência na gorjeta, que não passa de uma forma vexatória remunerar a laboriosa função que desempenham à custa de trabalho incansável e esgotante. Esses empregados, que embora auferindo tão írisórios vencimentos, efectuem os descontos legais sobre o valor de um ordenado fictício de 450\$00, estão agora em face de um novo problema, cuja solução se afigura muito difícil e complexa. Irónicamente, um direito que lhes foi conferido — o das férias pagas — está em vias de transformar-se num verdadeiro castigo. Sendo o seu vencimento mensal de 200\$00, como será possível a estes empregados governarem-se durante os dezoito ou vinte e um dias de férias com cerca de 6\$00 diários, se não podem trabalhar e, consequentemente, receber gorjetas, que formam a parte substancial do seu ordenado?

Este é um dos problemas que preocupam o empregado que quase nos maltrata. Saibamos, contudo, antes de reclamar, que não lhe pagam para nos atender.

DISTINÇÃO IMPORTANTE

As estatísticas são bem claras. A sociologia não as desmente, aceita os seus dados e procura trabalhá-los. Nessa possibilidade tão do nosso dias, de prever o futuro e de jogar de acordo com os seus condicionantes, dando a ilusão de o dominar. Neste sentido fazem-se constantemente sondagens, sondagens de opinião, sondagens de hábitos de consumidores, políticos e demográficos. Neste último campo, as tão preciosas estatísticas mostram um crescente aumento da população juvenil que concentra, em certos países, desde muito cedo, uma notável força económica e um disputável poder político, a par das potencialidades naturais que sempre foram muito invejáveis.

Oro sendo esta influente massa uma grande parcela das sociedades, mais a mais facilmente dirigível, não é de espantar que certos grupos se mostrem interessados em captar o seu apoio. O disco e a imagem são óptimos meios de lançamento de nomes que depois de fixados pelo público, são novamente ouvidos e vistos como atracções de empresas comerciais. É o caso de vedetas que depois de lançadas abrem a sua «boutique» e esperam por detrás do balcão que a sua

condição de «ídolos» se torne ainda mais rentável

E enquanto a sua influência se fizer sentir no sector privado, daí não virá grande mal ao mundo. Mas ao que pareço, novos métodos têm sido postos em prática para fazer render a publicidade e a idolatria junto das camadas mais jovens. Ilustra-os a seguinte notícia publicada no «Diário de Lisboa» de 18-7-67: Uma vez conquistado o público do «Music-hall», o cançonetista Johnny Halliday prepara-se para conquistar os sufragãos dos eleitores corsos: aceitou a proposta de Antoine Pagni, presidente do município de Pietrosio, para se candidatar às eleições municipais parciais naquela localidade.

Do disco para a política, apenas um salto. Curiosa seria a análise criteriosa das condições que o possibilitaram e dos meios utilizados para tal fim

E, já agora, quem fala do disco e da imagem, fala de muitas outras coisas. A divinização da pessoa atingiu tal foro de respeitabilidade que quase seria lícito pensar nas histórias de Superman como relatos de antecipação sociológico-científico. Para onde vamos? É que importa distinguir entre «aproveitar a juventude» e «aproveitar-se da juventude».

LIÇÕES DE GRAFOLOGIA

«O Castanhense» publicava no dia 31/VII/67 um artigo chamando a atenção dos seus leitores para as possibilidades da Grafologia. Dele salientamos:

...Assim, as pessoas que cortam o «t» com traço igual em todos, direito e de comprimento regular indica vontade forte, equilibrada; se corta o «t» com haste para cima é pessoa optimista, positiva, se o corta com a inclinação para baixo, é pessimista; deverá, portanto, cultivar o optimismo, a confiança, a certeza de que tudo irá correr bem e crer que Deus está ao leme de tudo e que, embora muitos aspectos estejam mal, a vitória das Forças do Bem e da Justiça vencerão; deverá atrair para si, por isso, as Forças Criadoras do Universo; se corta o «t», com um traço fraco indica pessoa de débil vontade, deverá cultivar esta qualidade dizendo todos os dias por exemplo: «Hei-de vencer», ou «Querer é poder» ou para a frente é que é o caminho e para cima, exercitando-se com pequenos exercícios como pôr um chocolate na secretária de trabalho e não lhe tocar ou um copo de vinho à refeição e não beber, etc.

Também a forma como se coloca os pontos nos «i» e no «j» nos indica se a pessoa é ordenada ou não.

Assim se põe o ponto no seu lugar, i indica que a pessoa tem ordem, nas suas coisas; se coloca mal indica que é um desordenado, deverá aprender que cada coisa tem o seu lugar certo ou melhor «cada coisa do seu lugar», «cada coisa de sua vez» doutra forma perderá tempo à procura dos objectos, consumirá os nervos, etc.

RECORTES

Era seguida por mais de uma centena de pessoas nas ruas de Luanda e foi por isso detida por um polícia a professora de línguas Sara Gonçalves Faustino. O motivo do cortejo e da prisão constituiu, apenas, a mini-saia que a senhora envergava.

Diário de Coimbra. 5/VIII/67

JOGOS JUVENIS DO BARREIRO

Porque o incremento do desporto em Portugal nos parece assunto importante e urgente, dada a sua reconhecida qualidade de índice de progresso social, é com grande prazer que PANORAMA regista alguns pontos do programa que a Comissão Organizadora dos IV Jogos Juvenis do Barreiro nos enviou:

— Os Jogos Juvenis do Barrei-

ro decorrem este de 1-VIII a 30-IX;

— Neles participam 33 clubes, em quinze modalidades;

— Os concorrentes, divididos em vários escalões, têm idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos (raparigas) e 8 e 18 anos (rapazes).

DEFININDO LIMITES

Usualmente há quem apelide de yé-yé a música moderna, termo este que pela flexibilidade ao seu emprego se torna de certo modo inextensivo a qualquer composição musical. E assim o yé-yé surge-nos como uma deturpação da música moderna, em que a mediocridade da composição é abafada por gritos histéricos e excitantes que incutem no ouvinte, em regra adolescente e influenciável, um estado de espírito que o impede de fazer qualquer apreciação ao que lhe incutem como música moderna.

A música moderna tem o sabor da época electrónica, tem o dinamismo característico do mundo moderno tem também a arte e não em menor escala do que aquela que tiveram as composições de Bach e Beethoven, mas simplesmente diferente. Se é certo que há cantores em que a pseudo-arte é coberta pela palhacada, há também conjuntos em que a licenciatura dos seus elementos pelos conservatórios não deixa dúvidas quanto à sua competência.

De um artigo assinado por «Um grupo de jovens», no jornal «Notícias do Cartaxo» de 22-7-67.

TRÁNSITO

Cada cidade espanhola de mais de 50 000 habitantes terá pelo menos um parque especial para o ensino das regras de trânsito às crianças. Presentemente já existem equipas móveis de instrutores que se deslocam através do país, ensinando às crianças as regras de circulação e o comportamento nas vias públicas.

(Revista do A. C. P., Maio 67)

PERGUNTAS E RESPOSTAS

De uma entrevista do «Notícias de Setúbal» no seu número de 5/VIII/67, reproduzimos a resposta do cavaleiro João Branco Núncio à pergunta «Para ser toureiro a cavalo, pode ser qualquer um, desde que pratique, ou já se nasce toureiro?»

— Não, para ser toureiro, é preciso ter garra e sobretudo «aficção». Não é só pela preparação que se torna toureiro. No verdadeiro aspecto da palavra, tem que se ser também moralmente toureiro. É necessário associar o saber com o espírito.

CULTURA PORTUGUESA

Torna-se indispensável que as gerações imaturas comecem, desde a escola primária, até às escolas superiores, a «viver» e a «sentir», em profundidade, os grandes e os pequenos problemas nacionais, passados e presentes. Não basta exaltar as glórias e as grandezas, autênticas ou lendárias, da Nação.

(...) Constitui erro, de consequências lamentáveis, levar as gerações novas à contemplação estática e estéril dos problemas, e nada mais. Assim, criar-se-ão atitudes psíquicas messiánicas, levando as consciências a esperar, para esses problemas, soluções miríficas.

Não é este o caminho. Os problemas portugueses são, como todos, bivalentes: têm valores positivos e valores negativos. (...) O que importa é fazer desabrochar, entre os portugueses, o desejo activo de conhecer os problemas lusitânicos, quer positivos, quer negativos, a fim de, sobre eles, erguer um Portugal estrutural e essencialmente português.

(...) É preciso ter coragem de focalizar bem (com lucidez, serenidade e decisão) a realidade nacional, considerando, depois, as respectivas possibilidades.

Dentro desse conjunto é que será indispensável procurar e encontrar soluções portuguesas, embora enquadradas na respectiva época, e tendo em linha de conta a lição útil do estrangeiro.

(De um artigo do dr. Mário Gonçalves Viana, publicado no jornal «Beira-Baixa», de 16-7-67)

Por

Palminha e Silva

Tem prazeres também a desventura:
A própria carrancuda adversidade
Sorri co'a esperança que lhe
[luz futura.

ALMEIDA GARRETT

1

Hoje, como todos os dias, a cidade é um enorme bolo seco, caído com claras de ovos. Só os homens a rastejam incoerentes de não se sentirem alados. Cada pedra é uma carpi-deira muda que nos conduz à miragem secular. E tornamos a passar exteriormente, sem nos maternizarmos, sem nos comungarmos na aridez morna dos ventos que nos sopram nas faces congestionadas com o medo de estarmos vivos. Quem somos afinal? Ah! Em cada um de nós existe um preconceito de maltez, emigrante,romeiro da própria terra. Cada diálogo que bocejamos é um apelo repetido a outros ecos de iguais apelos. Nem nos dias em que o astro se esconde num festival em turbilhão, feito com nuvens por agarrar, nos sentimos miradores da plenitude. Rasguemo-nos, se bem quisermos, mas o rasgo provoca a ferida, a ferida o sangue, que se esvai para o solo a pulsar de avide. Era preciso um sacrifício bíblico, de multidões, para o saciarmos...

2

Habita em mim outro indivíduo. Cavo dentro da minha caverna, mas só lhe consigo apanhar os utensílios da minha destruição. (Ou construção) De noite, embaçado pela sombra dos bronzes dos sinos que tocam, visita-me, mas não se dirige ao interior da minha existência. Há dias em que consigo percebê-lo. Agita-se nos lugares por onde passo ou passei; convida-me. Sei que me desafia para fora, para a rua. Talvez me pretenda bater com a multidão, com o resto que não vegeta. Outros dias, agoniado, vomito-o às golfadas, cresce no chão, toma forma alada e gira à minha volta rindo de me ver fugir.

Ontem falei com ele pela primeira vez; era eu nos papéis rabiscados. Li o que me comunicava através das horas passadas:

«A estrada estende-se poeirenta e infundável. No sol disperso pela terra da ilusão, vivem calores asfixiantes as plantas, os homens e todas as coisas em geral. Entretanto a estrada estende-se infernal. Seca. Sem pontos de referência, como os enormes sonhos em que se corre sempre sem passar do mesmo sítio. Tu estendes os teus passos viris, de uma rijeza irregular, própria a todos os jovens-homens que procuram uma verdade isoladamente, com calor; espírito aberto ao sabor da razão de determinada solidão. Pensas se a tua peregrinação poderá ser conhecida dos outros e, misto de aventura e autodes-truição, não obstante permaneces intolerante de outros in-comunicáveis...»

3

Trago nas mãos, engadanhadas de ternura, o hálito verde

(Continua na 3.ª página)

Diário de Lisboa

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

PÁGINA 2

22-AGOSTO-1967

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

A CARTA DA SEMANA

Lisboa, uma hora da manhã de um dia de exame, que mais tarde se verificou ter sido desastroso.

Meu caro sr. Mário Castrim: Não devia ter começado por lhe endereçar esta carta a si, visto que primeiro que tudo quero agradecer ao «Juvenil» o convite que me fez para ir à Casa da Comédia. Sabe, tive pena de não ter ido, mas que havia eu de fazer?, estava de cama doente e com uma disposição bárbara.

Depois, vieram os exames e só agora lhe posso agradecer, em especial a si, porque, segundo me parece, o senhor é qualquer coisa como, mais ou menos, o chefe da banda.

Olhe, não sei que lhe dizer. Tenho amanhã exame, não tenho sono nenhum e é uma gaita completíssima.

Sabe que ando contentíssimo? É. Que me lembre, é a primeira vez que isto acontece (não o meu contentamento, mas o que se vai seguir e é daí que vem a minha satisfação). O senhor naturalmente já foi jovem como eu sou. Pelo menos, uma grande percentagem dos «velhos» já foi gente nova. Espero que o tenha sido, porque só assim me posso fazer entender.

Há duas espécies de «velhos». Os que foram novos há, pouco tempo e os que já são velhos há um ros de anos. Praticamente desde que nasceram. Quer o senhor esteja incluído num campo, quer no outro, talvez não lhe seja difícil lembrar-se daquela espécie irritante de pessoas (as que são velhas quando nós somos novos) a que eu vulgarmente chamam-me louco por estas e por outras, classifico de profetas. São aquelas pessoas que por serem velhas, se dizem possuidoras de uma grande experiência da vida, de um grande conhecimento da natureza humana e que têm, dizem elas, o dom de uma clarividência a todos os títulos notável.

Mas, o que elas ignoram, é que as pessoas que vivem na realidade todos estes atributos, são aqueles velhos que, apesar de velhos, se mantêm, encantadora e inexplicavelmente, jovens.

Vou fazer uma pausa para lhe perguntar se, com esta mistura de velhos e novos, novos e velhos, o senhor não está completamente baralhado. Está?

Sabem de tudo, essas gentes. É um espanto. Prevêem as coisas mais variadas com um avanço extraordinário e o que eles dizem é que é. E aí dos familiares e amigos que os têm de ouvir, se as coisas não se passaram como eles predisseram. É um caos.

Lembro-me perfeitamente da altura em que apareceram os «Beatles» (não me diga que não gosta dos «Beatles» senhor Mário Castrim!!!). Eles gritavam, os espectadores gritavam (é o que dizem, que eu nunca ouvi), tudo gritava e os velhos, os profetas, começaram também a gritar, que esta juventude está perdida, que no tempo deles não era assim e todas aquelas coisas que eles têm por hábito dizer em circunstâncias idênticas.

É verdade que os «Beatles» gritavam. Mas o que não é menos verdade é que, mais tarde, os «Beatles» deixaram de gritar. Não que lhes faltasse a voz. Não senhor, nada disso. Aconteceu que decidiram remodelar a sua música (a sua, não, senhor Mário Castrim, a

deles, «Beatles») e quando o fizeram, remodelaram todas as estruturas da música moderna. E apareceram então músicas lindas e quando digo lindas, é lindas mesmo que eu quero dizer.

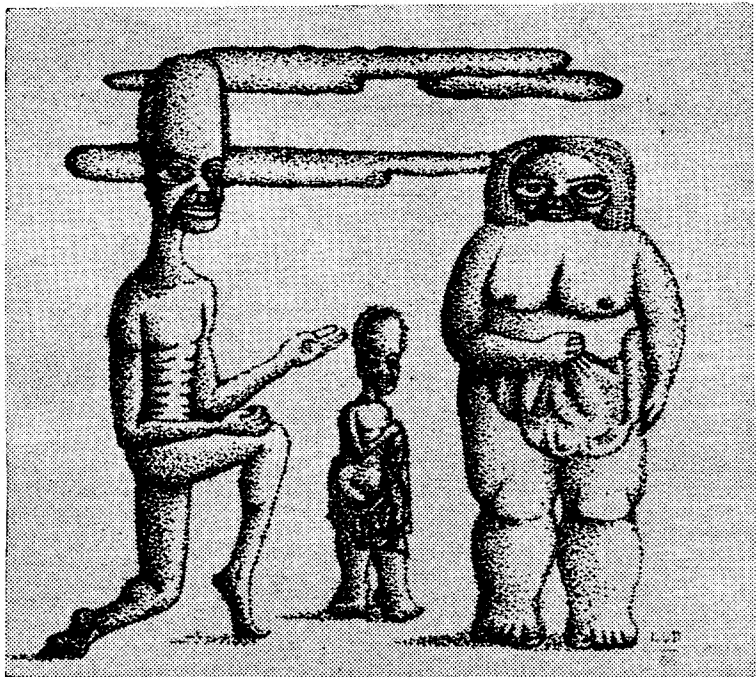
Os profetas riram-se. Riram-se mesmo muito. Cofaram os bigodes (os que os tinham, é claro) e naquela voz cujo tom é peculiar aos sabedores, aos experientes, que falam aos ignorantes (aos novos, em suma), disseram entre dois sorrisos condescendentes (o senhor sabe qual é o tom: pausado, leve, falando devagarinho, para que nós, os jovens, não percamos uma só, sim uma só, das pérolas que brotam daquelas bocas que tudo sabem): meu jovem (gostam muito de estabelecer a diferença, de maneira que começam invariavelmente desta forma), daqui a dois anos já ninguém se lembra desses cabeludos indecentes. No meu tempo... e.c. e tal... aquilo que eles dizem sempre a terminar estas conversas.

Eles chamaram-lhes cabeludos (e indecentes, ainda por cima, veja lá uma coisa destas, senhor Mário Castrim!), mas hoje em dia devem ser as quatro cabeleiras mais curtas de todo o Reino Unido.

No entanto é aí que reside a minha satisfação, os «Beatles» andam nisto há uns oito anos o que apenas nos demonstra que os profetas falharam (como de costume, aliás). Os «Beatles» continuam a produzir. Ainda bem, senhor Mário Castrim. Boa-noite.

ANTÓNIO BERNARDO

UMA FAMÍLIA INTELIGENTE DE LUDGERO VIEGAS PINTO



PROBLEMA

Sou filha única e, devido a uma doença que tive em pequena, vejo bastante mal. No entanto os médicos dizem que o meu grau de visão se manterá, e que posso fazer uma vida normal, inclusivamente estudar, como é corrente entre as raparigas da minha idade e do meu meio.

Ora eu sou uma rapariga alegre, gosto de me divertir, e também tenho uma grande ansia de saber. O pior é que os meus pais continuam a

(Continuação da 1.ª página)

o poeta deverá lutar pelos seus poemas. Mas também: lutar pela liberdade inovando criando objectos malditos, esgotando a sua capacidade de loucura. Porque o poeta é também um vidente, um desregrado — e, por vezes, soterrado a inteligência das suas visões, o poeta atinge a clareira da sabedoria. Também essa poesia — chamemos-lhe mágica — tem o seu valor social, embora seja acessível a uma minoria. Mas a poesia é feita por todos. e

CASIMIRO DE BRITO

não só pelos poetas. No meu caso especial estou profundamente interessado em lutar pelo equilíbrio comunicação-anticipação: sei que estou metido num labirinto, mas um labirinto onde a luz fosse excessiva.

— Como situas «Jardins de Guerra» no conjunto da tua obra publicada?

— Procurei, neste livro, soletrar a lição que me foram os outros. Procurei fazer-me entender, ou melhor: procurei, através de uma linguagem esforcadamente pessoal, levantar a voz de meus irmãos. E quando digo irmãos não me refiro propriamente aos homens do meu país, mas aos homens do meu tempo. Este livro não poderia existir sem os outros, do mesmo modo que não poderia existir sem este cada vez mais difícil respirar de ar fresco, sem esta cada vez mais urgente vontade de afirmar que estamos vivos e amamos.

— Ultimamente, todos os poetas de «Poesia 61» publicaram livros. Sem querer fa-

zer de ti um crítico — como vêes a evolução do grupo a que pertences?

— Tínhamos, então, pouco mais de vinte anos. A poesia era-nos familiar — como nos é familiar o sol, as pedras, o silêncio. Uma coisa maior do que nós: um movimento preciso e oculto. Começámos então a trocar impressões, a conviver, e nivelar pedras de toque. Verdadeiramente comum era-nos a linguagem. E nela incidimos violenta, virulentamente. Agora sabemos que

eram os nossos instrumentos que fabricávamos — mas então empenhámos-nos nesses movimentos criadores tudo quanto tínhamos e sabíamos, e éramos. E quando nos sentimos mais ou menos firmes (mais roídos pelos anos, menos presos às areias dos espelhos) não hesitámos em verter outro sangue nas palavras. Porque não afirmar que a poesia se nos transformou numa arma? Assim aconteceu comigo. Assim terá acontecido com os outros? «A Doença», de Gastão Cruz; as «Barcas Novas», de Flama Hasse Pais Brandão; a «Terra Imóvel», de Luísa Neto Jorge; a aventura poética de Teresa Horta, parecem comprová-lo. Penso que muito temos ainda de «omum, tal como há seis anos; o que não quer dizer que não haja outros poetas tão próximos de nós como nós estamos uns dos outros.

— Sabemos que tens em preparação uma antologia de «Poemas Públicos». Acreditas na função social da poesia?

— Sem dúvida. A poesia é um grito de amor que nos ajuda a viver. E é sempre coisa social — completa-se, é, no momento em que a utilizam e pela maneira como a utilizam. Um homem é menos pobre depois de ter lido um poema; e um poeta menos inútil depois de ter feito ouvir um seu poema. Creio firmemente na função social da poesia, nas suas possibilidades de libertação, na vertiginosa disciplina do seu universo em movimento, na sua capacidade de nos fazer reaprender a vida, na eficácia dos seus processos de desmistificação, ainda quando a poesia, como pretendia Max Jacob, rompe com todas as explicações. «Poemas Públicos» será apenas uma antologia — o mais clara, o mais funcional, o mais pública possível.

— Que nos diz sobre estas palavras de João Cabral de Melo Neto: «Em lugar de pormos como símbolo da poesia o cavalo de Pégaso, que voa, porque não pormos antes o peru ou a galinha, que não voam?»

— Tenho-me esforcado por aplicar as palavras de Melo Neto na elaboração da minha própria poesia. Mas o poema

surge-me, normalmente, no dorso do cavalo de Pégaso; o poema resulta, em primeira mão, de um desregramento, de uma visão, de uma situação instável. De uma certa emoção. Depois é trabalho persistente de cortar-lhe as asas, de arrastá-lo por terra, de arrancar-lhe os excessos, de torná-lo humilde e acessível. É um trabalho de meses, por vezes de anos: a correcção das emoções pelas regras (como queria Bracque)

— O que será «Negação da Morte», o teu próximo livro de poesia?

— «Negação da Morte» retomará o caminho iniciado por «Telegramas» e «Novos Telegramas». Integrará, depurados até à exaustão, esses poemas. Será um livro de poemas breves, concisos, limitados à expressão mais simples. Mas, sempre que possível, rentes ao solo. E por eles perpassa, insistentemente, uma das ideias-chave da minha poesia: a negação da morte: a pérola que preserva a lágrima; sementes grávidas: o tempo por ele recriado; a face desconhecida; a invenção da infância; o silêncio, a liberdade, a vertigem.

— Tem alguma mensagem ou uma simples palavra para os jovens do «Juvenil»?

— Não tenho palavras particulares para os jovens porque toda a minha poesia pretende ser uma palavra aos jovens. A quem poderá um poeta «abrir-se» senão aos jovens do seu tempo? Em quem poderá confiar senão neles? E não esqueçamos que juventude nada tem que ver com a idade biológica. Sempre a poesia será matéria de juventude — ou então não será poesia. Que se reproduza essa rebeldia, essa, tão saudável irreverência...

LUÍS DE MIRANDA ROCHA

APONTAMENTOS DOS DIAS QUE ACABAM

(Continuação da 2.ª página)

dos teus cabelos. Sempre rasgo o peito para os pássaros fazerem os ninhos, e os olhos tirá-los-ei, como me pediste, para que existam faróis em todos os cabos da condição humana. Mas não me peças outras coisas. Não pertencem a mim próprio; o fantasma (simpatizo com ele!) que me habita arrasta-me para o meio das cabeças ululantes e sequiosas... Partamos paralelamente sem nos pedirmos. Sei-te. Isso basta-me. O resto, ora, o resto são as cubículas miúdas da interioridade. Se lá cabias inteira, à superfície arranhavas-te. Arranha-te no momento que passa, não no meu pensamento solitário e insatisfeito. Parte paralelamente sem mim...

PALMINHA E SILVA

compreender que serás mais feliz tendo uma vida normalmente activa do que conservando-te quase imobilizada pela superprotecção que o seu muito amor lhes dita. Se eles ainda não compreenderem isto, é preciso, repito, que tu lhes faças compreender que és uma rapariga como qualquer outra, com as mesmas aspirações e possibilidades.

Tenho a certeza que saberes encontrar as palavras e os argumentos adequados, e que os três acabarão por se compreender.

TIAO

OS MEUS PROBLEMAS

RESPOSTA

Se tudo se passa tal como dizes, penso que tens de ter a coragem de, delicadamente pôres o teu problema aos pais. E, para mais segurança, podes apoiar-te na opinião do teu médico assistente que, mais uma vez, poderás ouvir.

Os teus pais acabarão por

tratar-me como a uma criança doente. Divertimentos, poucos, porque me podem fadigar; estudar, idem, idem, idem, idem. Assim, vejo-me obrigada a uma vida insípida, contra a qual me revolto, mas só intimamente, porque não tenho coragem de contradizer os pais. O que me aconselha que faça?



OS MESMOS DIAS CINZENTOS

(Continuação da 1.ª página)

Rik não respondera, esperando que Sadie acabasse a frase. A humidade balançava no vento agreste. De dentro da casa ouviu-se um gemido.

— Mia! Mia!

O vulto magro, de cabelos escorridos de Sadie deixara o rectângulo de luz da janela. Sôzinho, na noite imensa e escura, Rik havia de ter-se sentido oprimido diante do caixilho vazio da janela.

— «Boa noite, Rik».

— «Era Nel, o cabreiro. Devia ir ver se o criado tinha mungido as cabras».

— Rik».

— «O que era, Sadie?».

— «O pequenito. Está com medo, tenho que ir para a beira dele».

— «O que é que resolves? Eu não te quero forçar, Sadie, mas acho que devias ir. Aqui ninguém gosta de ti. Vives como uma velha e tu és nova, Sadie... tu és nova».

Do fundo da rua, chegara, álcere, o ladrar inesperado de um cão. Rik voltara-se para o lado onde vinha o barulho. Sadie estremeceu. Ficara suspensa na distensão da espera.

Tudo acalmara de novo. A quebra do silêncio profundo da noite ouvia-se apenas o ressonar contínuo no quarto ao lado e o bater compassado das patas dos cavalos. O assobio modulado do cabreiro coleia na viragem.

— «Mia... Mia».

Sadie sabe que tudo seria melhor se resolvesse partir. O tio ficaria com o pequenito.

— «Mia... Mia».

— «Já vou, nino. Sossega».

Na rua a carroça guinchava quase imperceptivelmente sob um puxão mais brusco dos cavalos. O cão mais bruceara a ladrar alegremente. De longe, respondera-lhe um ganido uivante.

— «Sadie, tenho que me ir

embora. Queres que te venha buscar amanhã de manhã?».

— «Não vale a pena, Rik...».

— «Sadie, bem sabes que eu não quero outra mulher».

— «Eu não vou, Rik. A outra não vem para junto do meu tio... zangaram-se ontem».

— «O teu tio bebe demais, Sadie. Ele bem sabe que tu existes e que és nova. Anda comigo!».

— «Ele sózinho não faz nada. Rik. Não posso deixar o pequenito com ele».

O assobio de Nel, mais agudo, feria-lhe os ouvidos. Sentia-o aproximar-se e quase que podia distinguir o rangido da areia sob as suas pesadas botas ferradas.

— «Olá, Rik».

— «Boa noite, Nel».

Depois de fechar suavemente a janela, Sadie começou a varrer. Pouco depois ouviu o rangido já conhecido da carroça de Rik. Percebe claramente o resfolegar dos cavalos nervosos.

— «Ai-i-i!»

Rik vem-na buscar. Ninguém reprovará Sadie se for com ele. Pára, suspensa.

— «Mia... Mia».

A carroça recomeça a andar depois de ter esperado durante algum tempo. Pelo rosto de Sadie as lágrimas correm vagarosas.

— «Já vou, nino. Sossega!».

O dia começa mais que nunca frio e triste, sob o bafo húmido desta chuva miudinha e continua. Nos vidros embaciados da janela distinguem-se apenas duas ilhotas no sítio onde Sadie tinha encostado os seios quentes e rijos. Daqui a pouco nada restará desse calor e as duas ilhotas serão a pouco e pouco ressequitadas pela humidade até tudo ficar cinzento e igual como sempre.

— «Sadie, o meu colete! Onde raio puseste o meu colete».

JOSÉ LIMA

Na quietude morna do café, cortada aqui e além pelo tinir de um copo ou de uma chave-na, leio com esforço algumas páginas de um massudo e inapetente livro de química.

Pela porta lá ao fundo entram três vultos, que entrevejo através da minha hipotética concentração no estudo.

As três sombras avançam deslealmente pela sala. Sem querer, os olhos afastam-se das complicadas formas e símbolos com que o mestre nos procura convencer da grande utilidade da matéria.

Volto ao trabalho, ainda que por pouco tempo. As três mulheres, porque são três mulheres, atraem-me de novo a atenção.

Assisto interessado, ao cerimonial da ocupação dos lugares.

«Pitirrikinho»

res. D. Adelaide, a mais velha das três, senta-se, ficando oculta pela mostra dos chocolates, que tantas lágrimas tem feito correr a crianças que os papás não querem satisfazer.

D. Herminia, irmã da primeira, dá-me as costas, mais nova e mais forte que D. Adelaide, veste-se toda de negro. Do meu lugar vejo-lhe os ombros algo alquebrados pelos anos. É uma mulher calma e fria, de cabelo cinzento a encimar-lhe uma fronte estreita. Olhos azuis pálidos, onde se vislumbra ainda um resto de uma antiga sedução.

Na minha frente, a mais nova. Por mais que me esforce não lhe consigo ouvir o nome. Veste também de preto, mas não trás véu como D. Herminia, usa antes um cachecol aos quadrados azuis e cinzentos, um cachecol de homem, do marido, suponho.

Finalmente, o sacrificado do grupo, o mártir por amor, dos filhos que nunca teve, de toda essa ternura maternal, armazenada ao longo dos anos, pa-

ra esses filhos que o céu não lhe deu — julgo, por instantes, ouvir a sua voz confessar isto. — O «Pitirrikinho», um cão, um pobre cão rafeiro indefinido, de pelo café com leite desbotado, pertença da mais nova.

Pobre «Pitirrikinho», como deves sofrer com esse amor doentio, como deves sentir a falta da tua vida de cão, como deves invejar esses teus irmãos vadios, sem eira nem beira, que vivem à chuva, furtando um osso de um caixote ou roubando o num talho, desses teus irmãos perseguidos pelas crianças à saída das escolas, maltratados por adultos violentos ou mal dispostos, mas livres, senhores dos seus actos, das suas acções, dos seus pensamentos, sem terem a ninguém

tinaram, contente na sua inferioridade canina, mas logo a dona o puxa — «Pitirrikinho», vem cá, não fuja, vem para junto da dona».

Como se o «Pitirrikinho» pudesse fugir, preso pela trela bonita de cabedal verde.

Mas o Pitirrikinho insiste, volta a deitar-se, a dona, levada pela conversa e pela chegada dos alimentos, esquece o bicho.

Causa-me uma sensação de nojo ver a boca desdentada de D. Adelaide morder, gulosa, o pão. Morde com prazer animal, com demasiada gula para a sua idade.

É estranho vê-las falar de um morto, ouvir a mais nova contar que lhe fechou os olhos, que lhe calçou os sapatos — um deles não queria entrar —, diz ela, enquanto morde com irreverência o pão com fiambre. Pareceu-me vê-la morder na carne do morto com a mesma gula, com o mesmo sádico prazer.

— Ajeitei-lhe a gravata, e, calculem, a viúva já ria... — zás, outra dentada.

D. Adelaide casquinou um sorriso pela boca atafalhada de pão e fiambre.

Alheio a tudo, o «Pitirrikinho» dorme, feliz, no chão de azulejo frio.

Naquela altura a dona desperta-o: — «Ó, Pitirrikinho?» — exclama.

A mão puxa forte a correia, o cachorro salta, sobressaltado, do sono em que se achava.

— Ah! Meu pequenino, vem para aqui, vá anda.

E o pobre «Pitirrikinho» lá salta de novo para a cadeira, aceitando, tristemente, a sua servidão canina.

Julgo entrever, por momentos, uma lágrima nos olhos do animal.

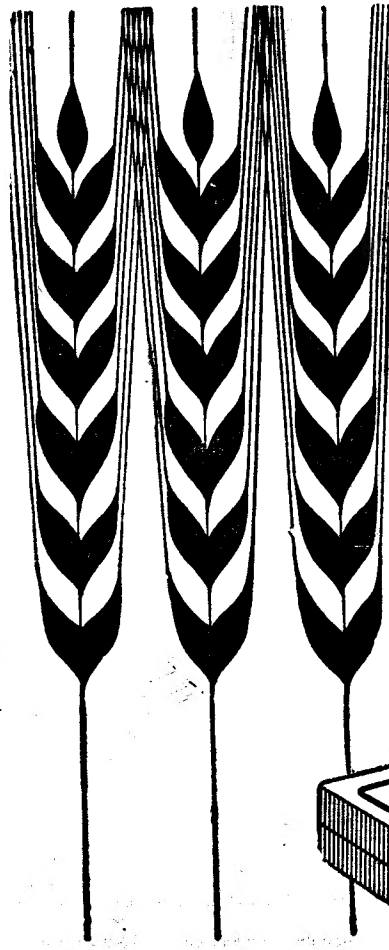
Pobre «Pitirrikinho»!

PEDRO MARTINS

Fósforo orgânico, completamente assimilável

EXTRAÍDO DA NATUREZA

- * Esgotamento nervoso
- * Fadiga intelectual e física
- * Neurastenia
- * Debilidade orgânica



Fósforo Ferrero

Tónico do sistema nervoso • Estimula o apetite • Activa o metabolismo do fósforo e restabelece o estado geral do organismo • Reconstituinte geral de primeira ordem

RETALHOS HOJE: ALBERT EINSTEIN

É certo que os resultados da investigação não enobrecem nem enriquecem o homem; o que o enobrece são os esforços que ele faz pela compreensão, o trabalho intelectual produtivo e receptivo.

— * —

A alegria de ver e compreender é a mais bela dádiva da natureza.

— * —

É uma ironia do destino, que outros homens me tenham testemunhado tanta admiração e estima, sem culpa minha ou merecimento pessoal. Tal facto deve provir do desejo, para muitos irrealizável, de compreenderem as poucas ideias que encontrei com fracas forças, numa luta incessante.

— * —

O ano passado perguntei a um conhecido diplomata americano por que motivo não se impedia o Japão, por meio de boicotagem, de continuar a sua política de violência. «Os nossos interesses comerciais são

demasiado fortes», foi a resposta que me deu. Como se há-de ajudar homens que se conformam com tais verificações? Pensa que uma palavra minha bastaria para conseguir qualquer coisa neste campo? Que ilusão! Os homens são mais lisonjeados enquanto não me tornam incómodo para eles. Se tento, no entanto, servir algum fim que julguem prejudicá-los, passam imediatamente ao ultraje e á calúnia só para defenderem os seus interesses.

— * —

Determina-se o verdadeiro valor dum homem, observando, em primeiro lugar, até que ponto e em que sentido conseguiu libertar-se do seu Eu.

— * —

Feliz aquele que atravessou a vida ajudando o seu semelhante, que não conheceu o medo e se manteve alheio á agressividade e ao ressentimento! É dessa madeira que são esculpidas as figuras ideais, que consola a Humanidade nas situações de sofrimento que ela própria criou.

— * —

Só quando se suprimir a guerra, se conseguirá também realizar a educação da juventude no espírito da conciliação, de alegre afirmação da vida, e de amor para com todos os seres vivos.

— * —

O homem evita geralmente atribuir a outro inteligência — a não ser que se trate de um inimigo.

— * —

É dever do homem de boa vontade tentar incansavelmente o melhor possível esta doutrina de pureza humanitária. Se tentar fazê-lo com seriedade, sem se deixar fazer recuar nem aniquilar pelos seus contemporâneos, poderá considerar-se feliz, não só a si como á sua Comunidade.

Seleção PANORAMA

Albert Einstein «Como Vejo o Mundo» — Empresa Nacional de Publicidade; Coleção Excelsior



PÁGINA 4

22-AGOSTO-1967

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO